



Universidade de Brasília  
Instituto de Psicologia  
Programa de Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura

# Dever e Coerção

## Uma investigação acerca do dever no caso do Homem dos Ratos de Freud

Mestrando  
Alexandre Alves Costa Neto

Orientador  
Prof. Dr. Francisco Moacir de Melo Catunda Martins

Brasília  
Agosto de 2013

Alexandre Alves Costa Neto

Dever e Coerção  
Um investigação acerca do dever no caso do Homem dos Ratos de Freud

Dissertação apresentada à Universidade de Brasília como parte das exigências para conclusão de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Moacir de Melo  
Catunda Martins

Brasília  
2013

Nome: Alexandre Alves Costa Neto

Título: Dever e Coerção

Uma investigação acerca do dever no caso do Homem dos Ratos de Freud

Dissertação apresentada à Universidade de Brasília como parte das exigências para conclusão de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura.

Brasília, agosto de 2013.

Banca Examinadora

.....  
Professor Doutor Francisco Moacir de Melo Catunda Martins  
Presidente da Banca – Universidade de Brasília

.....  
Professora Doutora Ana Maria Rudge  
Membro da Banca – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

.....  
Professora Doutora Deise Matos do Amparo  
Membro da Banca – Universidade de Brasília

.....  
Professor Doutor Marcelo Duarte Porto  
Membro da Banca (suplente) – Universidade Estadual de Goiás

## AGRADECIMENTOS

Agradeço às professoras Ana Maria Rudge e Deise Matos do Amparo e ao professor Marcelo Duarte Porto pela gentileza em aceitar ao convite de participar da banca examinadora. Sou grato ao grupo de pesquisa do qual tenho feito parte nos últimos quatro anos e meio pela troca de experiências e ajuda mútua, em especial à Elisa com quem tive o prazer de dividir a responsabilidade de lecionar uma matéria.

Sou especialmente grato à minha vó, Ivone, por ter me ensinado o valor dos livros e a amar o conhecimento. Sou grato à minha mãe, Rosângela, e ao meu avô Assis pelo amor incondicional e a presença constante na minha vida. Agradeço à Maíra pelo companheirismo e os momentos que temos compartilhados juntos. Sou grato ao meu pai, Alexandre, e minha vó, Lena, pelo suporte e pelo esforço para estarem por perto. Finalmente agradeço ao Chico. Embora eu seja o único responsável por todas as possíveis inconsistências do presente trabalho, o pouco que pude construir aqui é de alguma forma fruto da sua abnegação. Sinto-me privilegiado pelos anos de convivência e de aprendizagem.

## RESUMO

O dever investigado no presente trabalho não é abarcado pelas categorias nosológicas da obsessão e da compulsão. Este dever encontrado em vivências biográficas do Homem dos Ratos parece estar de alguma forma sempre pairando as suas experiências mais fundamentais. Essas vivências elencadas no presente trabalho tem como situação exemplar “O grande medo coercivo”, nesta, um dever enunciado em forma de dívida monetária é transformado pelo Homem dos Ratos em uma missão caracterizada por um dever que urge por ser cumprido em um movimento autocoercivo. A investigação feita aqui de forma tripartida tem como foco: as vivências coercitivas do Homem dos Ratos, as quais aparecem em abundância em seu caso clínico; uma tentativa de articulação entre conhecimentos linguístico com essas vivências, a partir do conceito de modalidade; e uma análise pulsional de “O grande medo coercivo” tendo como referência os destinos pulsionais.

Palavras-chave: dever, coerção, coação, psicanálise, pulsão.

## ABSTRACT

The duty investigated in this work is not covered by the nosological categories of obsession and compulsion. This duty found in the biographical experiences of the Rat Man seems somehow always hovering in his more fundamental experiences. Such experiences listed in this work are exemplified by the situation "The great obsessive fear", in which a duty statement in the form of monetary debt is transformed by the Rat Man on a mission characterized by a duty that urges to be fulfilled through a selfcoercitive moviment. The tripartite research done here focuses on: the coercive experiences of the Rat Man, which appear in abundance in this clinical case; an attempt to articulate these experiences by linguist knowledge, especificaly, from the concept of modality; and an instinctual analisys of "The great obsessive fear" with reference to the instinctual vicissitudes.

Keywords: duty, coercion, psychoanalysis, instinct.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1 <i>Zwangsneurose</i> e o Dever Autocoercivo do Homem dos Ratos.....</b>	<b>12</b>
1.1 Contexto .....	20
1.2 O Grande ( <i>grosse</i> ) medo coercivo ( <i>Zwangbefürchtung</i> ) .....	30
1.3 A culpa e a culpa do Homem dos Ratos .....	36
<b>CAPÍTULO 2 O Dever do Homem dos Ratos e as suas Modalidade.....</b>	<b>47</b>
2.1 O dever e a modalidade linguística.....	49
2.2 O dever e a modalidade sob a perspectiva da análise do discurso.....	52
2.3 Modalidade, promessa e o dever do Homem dos Ratos .....	55
<b>Capítulo 3 O Dever Autocoercivo do Homem dos Ratos e os Destinos Pulsionais .</b>	<b>60</b>
3.1 Dever e a transformação da pulsão em seu contrário.....	62
3.1.1 Inversão de conteúdo .....	62
3.1.2 Redirecionamento da pulsão da atividade para a passividade.....	68
3.2 Dever e o redirecionamento da pulsão contra a própria pessoa.....	72
3.3 Dever e o recalque .....	76
3.4 Dever e sublimação .....	91
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS CITADAS .....</b>	<b>104</b>
<b>BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....</b>	<b>108</b>

## INTRODUÇÃO

O que motivou o presente trabalho não foram questões relacionadas a fazer um levantamento bibliográfico para se conhecer as diversas contribuições propostas e influenciadas pelo caso clínico do Homem dos Ratos, muito menos propor novas interpretações ou tentar completar as já extensas contribuições sobre técnica relacionadas aos casos clínicos de Freud. Não foi o foco buscar articulações teóricas de maneira a tornar evidentes questões relativas ao caso que pudessem ter passado despercebidas à outros autores que se debruçaram ao estudo do Homem dos Ratos. Também, o que motivou este estudo não foram questões relativas a tradução de termos indispensáveis para entender o fenômeno da neurose obsessiva, bem como o contexto de produção de fala do paciente de Freud, ainda que a pesquisa feita se valha de determinados esclarecimentos dessa ordem. O objetivo do presente trabalho é mais simples: investigar de que forma o dever tão presente nas vivências obsessivas do Homem dos Ratos se apresenta, seja com relação às suas obrigações, àquilo que ele sente necessidade de cumprir com urgência, ou àquilo que emerge em forma de compromissos.

O dever que parece sempre estar pairando sobre as vivências aflitivas do Homem dos Ratos teve sua correlação feita com a coerção de maneira quase que imediata. Seja pela palavra *Zwangsneurose* traduzida para o português como neurose obsessiva, na qual o termo *Zwang* implica necessariamente uma coerção, seja pelas experiências obsessivas relatadas por Freud, nas quais seu paciente, mais que obsessivo ou compulsivo, se sentia coagido a cumprir deveres estranhíssimos.

Esta investigação acerca do dever e da coerção se deu de forma tripartida no presente trabalho. O primeiro capítulo buscou fazer uma introdução com relação a proximidade entre noções como dever, coerção, obsessão e compulsão, assim como evidenciar uma diferenciação entre a experiência neurótica obsessiva e a sua sindromização em forma de Transtorno Obsessivo Compulsivo. Este capítulo foi introdutório, também, com relação ao contexto em que o Homem dos Ratos se encontrava. Nesta parte buscou-se relacionar aspectos biográficos do Homem dos Ratos com questões relacionadas ao dever, tal qual sua vida familiar, amorosa, profissional e o caso que desencadeia a sua crise, “O grande medo coercivo”. Buscou-se também investigar de que maneira o dever estaria presente em experiências como a culpa e de que forma podemos ter pistas sobre a correlação dever e culpa

com base nas informações apresentadas por Freud no seu caso clínico e em outras obras de sua autoria.

O segundo capítulo deste trabalho é uma tentativa limitada de tentar relacionar conhecimentos linguísticos, como a noção de modalidade, como ferramenta para tentar entender de que forma as vivências de dever e de coerção do Homem dos Ratos podem ser investigadas com base no seu “Grande medo coercivo”. Neste, questões como obrigação, necessidade, urgência e compromisso nominalizam o campo semântico da categoria dever, deixando-a mais palpável, bem como o ato de coerção também. Assim, as limitações encontradas neste capítulo tem como continuação e possibilidade de um aprofundamento maior o capítulo posterior.

O terceiro capítulo é pautado pela tentativa de se fazer uma análise pulsional de “O grande medo coercivo”. Para isso, esta análise se valeu da proposta de Freud dos destinos pulsionais. Estes, defesas contra a pulsão, foram estudados inicialmente a partir das modificações semânticas das frases ditas a si mesmo pelo Homem dos Ratos após ter recebido um dever em forma de ordem expresso por um superior no exército. Este superior, o Capitão Nemecek, conhecido pelo seu notório gosto por crueldade e por ser um defensor do castigo físico no exército, após contar ao paciente de Freud sobre uma cruel tortura aplicada no oriente utilizando-se ratos, faz a sua história viver no psiquismo do Homem dos Ratos com tamanha importância que a gravidade dos sintomas vividos por ele motivam a sua alcunha.

O cruel castigo narrado pelo Capitão tinha doses de terror e de erotismo ao mesmo tempo. Retirado de um *best-seller* pornográfico da época, *O jardim das torturas* de Octave Mirbeau, esse castigo narrava de que forma um rato grande, feroz e faminto era isolado em um balde hermeticamente preso às nádegas de um prisioneiro e incitado por uma vareta de ferro aquecida. Sem ter outro caminho para escapar, só restava ao desesperado animal cavar caminho por entre o ânus do torturado.

O terror e o erotismo é imediatamente identificado por Freud na face de seu paciente quando este lhe relata a tortura de maneira que ele “só podia interpretá-la como uma face de horror (*Grausen*) ao prazer (*Lust*) todo seu do qual ele mesmo não estava ciente” (Freud 1909, ESB, vol. X, p. 150; GW, vol. VII, p. 392). Imediatamente após ouvir a tortura contada pelo cruel Capitão, atravessou a mente do paciente de Freud de que este castigo se passava com uma pessoa que lhe era muito cara. Esta pessoa, Gisela Adler, era uma namorada a quem Freud descreve com a honrada alcunha de amada dama. Esta alcunha, embora um pouco cavalheiresca demais, não revela nada senão a postura séria e responsável do Homem dos Ratos com a sua namorada. Este tratamento educado e extremamente polido reflete uma



superfície onde aspectos morais e normativos sufocam uma espontaneidade que não aparece. Nesse sentido, o Homem dos Ratos faz jus ao seu nome verdadeiro, que em alemão significa sério.

A tortura dos ratos, que de um prisioneiro passa a ser deslocada para Gisela tem mais uma vítima. O Homem dos Ratos, que já com muita dificuldade contara a Freud sobre a tortura ter sido aplicada mentalmente a sua namorada, Gisela, é obrigado por Freud a admitir que seu pai, Heinrich, ocupara o mesmo lugar. A tortura descrita pelo Capitão sofre uma série de transformações ao ser metabolizada mentalmente pelo Homem dos Ratos. O prisioneiro, vítima da tortura é deslocado passando a ser sua namorada e seu pai. A tortura aplicada por um experiente torturador passa a ser aplicada de forma impessoal. Vejamos de que forma Freud consegue essa informação que soa quase como uma confissão de culpa por parte do seu paciente.

Como em um jogo de gato e rato, Freud vai encurralando seu paciente, atualizando a transfência e fazendo-o reviver novamente a temida tortura dos ratos deitado em um divã. Freud enuncia a regra fundamental da psicanálise dizendo que o paciente *deve* falar tudo que lhe vem à mente. Este, que antes pedira para que fosse poupado dos detalhes de uma exposição constrangedora, era *obrigado* a contar para Freud nos mínimos detalhes a tortura dos ratos denominando personagens, atos e ferramentas. *Coagido* a superar suas resistências conta também que passou pela sua cabeça que sua namorada estaria sendo submetida a tortura, porém podia garantir que essas ideias lhe eram totalmente alheias e repulsivas, sendo seguidas sempre por uma “sanção”. Novamente dando continuidade ao seu jogo de gato e rato, Freud pergunta então quem estaria inflingindo o castigo. Como um rato, seu paciente fala que a tortura era praticada a ambos de forma impessoal. Assim, já encurralado pelo “gato” Freud, o Homem dos Ratos é *obrigado* a assumir que a tortura era aplicada a ambos. Em um bote certo Freud faz seu paciente revelar quem seria ambos. Estes eram sua namorada e seu pai.

Esta confusa história da tortura que o Homem dos Ratos conta a Freud se passara no final de um dia corriqueiro marcado por um evento que seria sem importância, caso não tivesse desencadeado uma série de acontecimentos estranhos. Este evento fora a perda do par de óculos por parte do paciente. Muito embora pudesse encontrar seus óculos facilmente, o Homem dos Ratos não quis atrasar seus companheiros deixando para passar um telegrama posteriormente para o seu oculista pedindo um par novo. Já pela noite, no período de descanso, sentou-se entre dois oficiais, dentre eles estava o Capitão Nemezeck que relatou a tortura dos ratos.

No dia seguinte, o Homem dos Ratos é surpreendido pelo mesmo Capitão, que despretensiosamente lhe entrega um pacote com os óculos e diz que as despesas de 3,80 coroas tchecas pelo envio do pacote haviam sido pagas pelo Tenente David e que ele *devia* reembolsá-lo. A sanção já experimentada anteriormente é revivida. Se primeiro ela apareceu como reação para evitar a submissão de sua namorada e seu pai a tortura dos ratos, ela é agora diversa, mas estranhamente similiar. A sanção torna-se categórica: Não dar de volta o dinheiro. Assim, ela implicava a mesma condição, evitar que ambos sofressem a tortura. Não sendo suficiente esta sanção autoimposta, o Homem dos Ratos jura para si mesmo: Você *deve* devolver as 3,80 coroas ao Tenente David.

Um dever enunciado pelo Capitão, negativado pelo Homem dos Ratos e depois positivado por ele mesmo é o fio que conduz a investigação do presente trabalho. É este mesmo dever que desencadeia a crise do paciente de Freud deixando-o encurralado, sem ter para onde correr e indo buscar terapia. Este dever, o qual o Homem dos Ratos tem que cumprir a todo custo o coage, ou melhor, é a partir dele que o Homem dos Ratos se autocoage. O dever expresso pelo Capitão fora percebido como um imperativo e devia ser cumprido, muito embora, tivesse sido expresso com um erro que impossibilitaria sua execução. Não era ao Tenente David que o reembolso deveria ser feito. Com relação a isso o Capitão se enganara e essa contradição é suprimida pelo seu subordinado que aceita o dever de pagar a dívida, agora fabricada.

Prosseguindo o jogo de gato e rato Freud encurrala seu paciente, até que este admite que sabia que não devia o valor ao Tenente David e sim a uma funcionária do correio. Atordoado ele passa a chamar Freud de Capitão. Freud forçou o Homem dos Ratos a contar a terrível tortura dos ratos com o argumento de que não tinha qualquer gosto por crueldade e da mesma forma, hábil como um predador, encurralara seu paciente com o intuito de desvendar todos os deslocamentos e as incongruências lógicas que eram apresentadas na sua história. História esta que começara com o relato de uma tortura que tinha um rato como protagonista, um prisioneiro como vítima e um torturador como agente e se atualiza na situação analítica com Freud como agente, um analista ativo que busca desvelar a verdade a todo custo e seu paciente como protagonista, “desnorteador” (Freud, 1909, ESB, vol. X, p. 152) como um rato assustado. Não é à toa o ato falho do paciente chamando o impaciente Freud de Capitão. Assim, a cena da tortura se multiplica no psiquismo do Homem dos Ratos em várias outras cenas, nas quais sua namorada, seu pai, Freud e o Tenente David vão preenchendo lugares, os quais pertencem apenas a ele, mesmo que inconscientemente.

Os deveres do Homem dos Ratos estavam sempre presentes com uma força coercitiva desde sua infância. Do seu prazer escotofílico em apreciar a nudez feminina, passando pelas insatisfações com suas ereções até o seu medo de que seus pais soubessem o que ele estava pensando há sempre um não pode, uma injunção moral que é vivida em ato como uma norma de conduta, um padrão que tem de ser seguido, um dever. Aquilo que Freud chamou de “O grande medo coercivo” não é nada mais do que uma situação que deixa de ser corriqueira e passa a ser algo influenciado pelo Homem dos Ratos, com um matiz de estranheza e absurdo ao mesmo tempo. Seus afetos exacerbados não correspondem aos fatos e a realidade com que ele é afetado só pode ser psíquica. Um dever despreziosamente expresso pelo Capitão Nemecek passa a representar uma necessidade imperativa e a embasar um compromisso impossível. Sintomaticamente, o dever que é experimentado pelo Homem dos Ratos em “O grande medo coercivo” é simbólico da sua autocoerção que passa a contaminar com uma rigidez incrível os mais diversos campos da sua vida deslocando-se cena após cena.

## CAPÍTULO 1 *Zwangsneurose* e o Dever Autocoercivo do Homem dos Ratos

Da obsessão e a compulsão, presentes como signos clínicos nosológicos, a uma tentativa de traduzir o termo freudiano *Zwangsneurose*, passando para vivências biográficas relacionadas ao dever e pela enunciação de um dever por parte de um superior até chegar às experiências de culpa sentidas sem uma justificativa consciente plausível, este é o fio condutor que guia o presente capítulo. Ao fazer este recorte, o objetivo do presente capítulo é tentar evidenciar de que forma o dever se apresenta no caso do Homem dos Ratos como uma experiência coercitiva. A neurose obsessiva que é descrita por Freud, mais do que uma categoria sindrômica, se apresenta como um modo de ser. Este modo de ser que tem o dever no cerne da questão é experimentado pelo Homem dos Ratos com uma rigidez e uma responsabilidade que o imobiliza.

Na análise do Homem dos Ratos, Freud esclarece que a neurose obsessiva se caracteriza por um conflito no qual há a associação entre um desejo e um temor obsessivo (*Zwangswunsch* e *Zwangsbefürchtung*) (Freud, 1909, ESB, vol. X, p. 147; GW, vol. VII, p. 388). Obsessivo e em algumas ocasiões compulsivo são as traduções adotadas para o vocábulo *Zwang* na Edição Standard Brasileira. Segundo Souza (2010, p.241), a tradução de *Zwangsneurose* para neurose obsessiva tem sido um dos poucos consensos na tradução dos vocábulos de Freud. Ele faz uma revisão acerca do termo *Zwang* de maneira a defini-lo de acordo com seus sentidos expressos pelos dicionários da língua Alemã. Assim, *Zwang* teria como equivalentes “necessidade, demanda urgente, ordem, pressão; inibição. É o substantivo cognato do verbo *zwingen* coagir, obrigar” (Souza, 2010, p. 248). O autor prossegue essa análise dando ênfase aos vocábulos obsessão e compulsão, que em português são usados para traduzir *Zwang*. Assim, “obsessivo é explicado como algo que causa obsessão, que persegue. Acha-se ligado etimologicamente a obsidiar (...), isto é, assediar alguém (...). Já compulsão e compulsivo são cognatos do verbo compelir, que significa obrigar, constranger, forçar” (ibid). O tradutor conclui que tanto o termo obsessivo quanto o compulsivo, variando de acordo com o contexto, teriam presentes na sua acepção o elemento da coação, elemento este indispensável para verter em um equivalente estrangeiro o termo *Zwang* sendo que “a diferença estaria talvez no grau em que a coação é sentida como imposta ou como interiorizada, na delimitação do “dentro” e “fora”, “eu” e “não eu” – em suma, do que o indivíduo percebe como sendo sua vontade ou algo alheio a ela” (Souza, 2010, p. 248-250).

De maneira semelhante, em uma nota sua sobre a tradução do termo *Zwang*, acerca de um texto de Freud (1915, ESPI, vol. I, p.168, nota 36), Hans traduz *Zwangsneurosen* para “neurose de coerção” ou “neurose de coação”. Para este tradutor, o termo *Zwang* diz respeito a uma coerção “ao qual o neurótico é submetido (e) expressa o conflito entre o que ele imagina ser a sua “vontade” e uma força avassaladora coercitiva (*Zwang*) percebida como se fosse (*fremd*) “externa” e “alheia” ao sujeito e na qual ele não se reconhece”. Para este tradutor, enquanto “obsessão” refere-se a uma ideia fixa e persecutória, compulsão refere-se a uma vontade irrefreável. Assim, para ele, os termos obsessivo e compulsivo do português não seriam suficientes para verter o termo *Zwang*. Em um sentido intermediário a posição dos dois tradutores de Freud acima citados, Laplanche & Pontalis (1983, p.124) apontam que a palavra alemã *Zwang*, em psicanálise, é usada para designar uma força interna coercitiva.

É possível constatar que os dois tradutores mais recentes de Freud, por mais que discordem acerca da precisão da tradução de *Zwangsneurose* para neurose obsessiva, neurose obsessiva-compulsiva, neurose de coerção, ou se obsessivo e compulsivo são suficientes ou não para traduzir o termo *Zwang*, ambos concordam, tal qual Laplanche & Pontalis, que o termo coação ou coerção é o mais adequado para exprimir em português a ideia do verbete alemão *Zwang*. Isto posto, é necessário esclarecer que o objetivo deste trabalho passa ao largo de ser relativo à precisões de traduções, habilidade a qual o autor não possui, ou mesmo postular um termo nosográfico mais interessante ao português do que neurose obsessiva. O objetivo deste trabalho é teórico e diz respeito a uma investigação no caso clínico do Homem dos Ratos de Freud acerca do dever e de que forma esta noção é importante para compreender a neurose obsessiva.

A correlação entre neurose obsessiva e dever que fica tão clara no alemão, *Zwangsneurose*, ou seja, neurose de coação, de coerção, de obrigação, se perde um pouco nas suas traduções de maneira que o aspecto de algo que é alheio, externo, mas que ao mesmo tempo constrange internamente a vontade não se encontra necessariamente presente nos termos obsessivo e compulsivo. Embora essa afirmação possa parecer contraditória às definições acima elencadas, ela visa não exatamente ao uso dos termos obsessivo e compulsivo na semântica do dia a dia, ou na psicanalítica e sim ao entendimento nosográfico presente nos dias de hoje. A neurose obsessiva descrita por Freud, aquela característica de uma coação interna autoaplicada, que necessita de um Eu para acontecer, teve esse aspecto central para o seu entendimento perdido, uma vez que o entendimento atual de Transtorno Obsessivo-Compulsivo visa primariamente uma sintomatologia fria, de uma obsessão e uma

compulsão mórbidas, objetivadas. Foi possível observar de que maneira as palavras obsessivo e compulsivo são usadas na tentativa de traduzir o termo alemão *Zwang* para o português na obra de Freud. Tanto quanto é *Zwang* em alemão, obsessivo e compulsivo em português são palavras correntes do vocabulário do dia a dia, de forma que seu uso está diretamente correlacionado a situações cotidianas, do discurso do homem comum, onde a equivocidade é sempre uma possibilidade.

Acontece que quando se considera o Transtorno Obsessivo-Compulsivo há de ser evidenciado que está se considerando uma síndrome, isto é, um conjunto de sinais e sintomas estáveis ao longo do tempo. Nesta síndrome, as palavras obsessivo e compulsivo ganham um caráter nominalista, de sintoma. Com relação a esse caráter nominalista Martins (2003, p.42) esclarece que neste há um esforço de relacionar os signos (ex: obsessão e compulsão) diretamente aos seus referentes (ou seja, a experiência vivida por aquele que sofre). Portanto, o nominalismo se funda numa concepção ingênua do que seja realidade e a linguagem. Assim, prossegue o autor acerca do nominalismo:

“A realidade seria o equivalente a uma coisa (res) a ser nomeada logo que revelada através dos processos de diagnose. Como é sabido, a ideia principal consiste em encontrar um termo para cada dado do real, de forma a criar uma relação uniforme e isônomica entre a linguagem (os nomes) e a realidade (as coisas). Esse tipo de concepção tem sido criticado pelas mais diversas teorias da referência justamente por pensar que a realidade é igual ao percebido no imediato da consciência, consciência esta que está aparentemente destituída de operações de significação.” (Martins, 2003, p. 42)

A semiologia adotada na prática diagnóstica que visa identificar síndromes tal qual o Transtorno Obsessivo-Compulsivo visa a identificação de signos, isto é, sintomas, sendo que estes sintomas são indicativos fiáveis de uma doença. Assim, nessa perspectiva os signos obsessivo e compulsivo deixam de ser algo inerente a linguagem cotidiana e passam a ser um indicativo fiável de morbidez. Essa morbidez torna-se evidente quando comparamos dados acerca da prevalência do Transtorno Obsessivo-Compulsivo com seus critérios diagnósticos. A sua prevalência segundo o DSM-IV fica entre 2,5% durante a vida. Embora essa

prevalência não seja considerada rara ela causa estranheza ao ser comparada aos critérios diagnósticos. Segundo o DSM-IV:

“As características essenciais do Transtorno Obsessivo-Compulsivo são obsessões ou compulsões recorrentes (Critério A) suficientemente severas para consumirem tempo (isto é, consomem mais de uma hora por dia) ou causar sofrimento acentuado ou prejuízo significativo (Critério C). Em algum ponto durante o curso do transtorno, o indivíduo reconheceu que as obsessões ou compulsões são excessivas ou irracionais (Critério B)”.

Causa estranheza porque o que se entende acima como obsessão e compulsão é algo elevado ao nível de sintoma. A ideia de doença fica clara na caracterização do DSM. Aqui, o interesse diz respeito apenas a obsessões e compulsões que se adequam a um critério morbido. O propósito de que esses índices fariam parte da vida mental, ou integrariam de alguma forma determinada personalidade, alguma estrutura ou jeito de ser passa longe de estar presente. Admite-se inclusive a presença de obsessões e compulsões em pessoas normais, desde que não consumam mais de uma hora, o que soa um tanto esquisito se considerarmos que o equívoco deve ser extinguido no nominalismo. Ou seja, na visão do DSM existe um abismo entre normal e patológico que é sustentado por uma busca por descrever cada coisa e separar o que há nela de morbido. Assim, identificando o que é morbido pode-se se intervir com mais eficácia. Essa mutilação da experiência do vivente se distancia muito do que é considerado como modos de ser em psicanálise, como por exemplo a neurose obsessiva, que chama atenção, entre outros aspectos, para a vivência obsessiva de proibições e cerimoniais como correlata a religiões (Freud 1919, ESB, vol. XVII, p.280).

Prossigamos com a forma que o DSM-IV entende o Transtorno Compulsivo-Obsessivo. Como critério central para o diagnóstico do Transtorno Obsessivo-Compulsivo há a necessidade da presença de obsessões e compulsões sendo que a primeira:

“refere-se ao sentimento do indivíduo de que o conteúdo da obsessão é estranho, não está dentro de seu próprio controle nem é a espécie de pensamento que ele esperaria ter. Entretanto, ele é capaz de reconhecer que as obsessões são produto de sua própria mente e não impostas a partir do exterior (como na inserção de pensamento)”.

Acerca da descrição do DSM-IV não se observa uma definição clara do que seria a obsessão. Tanto que, mais adiante no texto é necessário exemplos para caracterizá-la como:

“pensamentos repetidos acerca de contaminação (por ex., ser contaminado em apertos de mãos), dúvidas repetidas (por ex., imaginar se foram executados certos atos, tais como ter machucado alguém em um acidente de trânsito ou ter deixado uma porta destrancada), uma necessidade de organizar as coisas em determinada ordem (por ex., intenso sofrimento quando os objetos estão desordenados ou assimétricos), impulsos agressivos ou horrorizantes (por ex., de machucar o próprio filho ou gritar uma obscenidade na igreja) e imagens sexuais (por ex., uma imagem pornográfica recorrente)...”

Nota-se que, nesta tentativa de definir o que seria obsessão, há uma clara falta de objetividade, sempre tangenciando o fenômeno de maneira a tentar circunscrevê-lo a partir de uma série de exemplos. Vejamos se o mesmo ocorre com a compulsão, outro critério diagnóstico necessário:

“As compulsões são comportamentos repetitivos (por ex., lavar as mãos, ordenar, verificar) ou atos mentais (por ex., orar, contar, repetir palavras em silêncio) cujo objetivo é prevenir ou reduzir a ansiedade ou sofrimento, ao invés de oferecer prazer ou gratificação. Na maioria dos casos, a pessoa sente-se compelida a executar a compulsão para reduzir o sofrimento que acompanha uma obsessão ou para evitar algum evento ou situação temidos.”



Com relação à compulsão, nota-se uma precisão maior do que seria esse fenômeno, muito embora a ideia de obsessão, não tão clara, esteja também presente na sua definição. Seguindo o exemplo anterior, elencamos os exemplos dados pelo DSM-IV acerca da compulsão:

“os indivíduos com obsessões de contaminação podem reduzir seu sofrimento mental lavando as mãos a ponto de irritarem a pele; os indivíduos afligidos por obsessões de terem deixado uma porta destrancada podem ser levados a verificar repetidamente a fechadura, em intervalos de minutos; indivíduos afligidos por pensamentos blasfemos e indesejados podem encontrar alívio contando até 10 em ordem crescente e decrescente, 100 vezes por cada pensamento. Em alguns casos, os indivíduos realizam atos rígidos ou estereotipados de acordo com regras idiossincriticamente elaboradas, sem serem capazes de indicar por que os estão executando. Por definição, as compulsões ou são claramente excessivas, ou não têm conexão realista com o que visam a neutralizar ou evitar. As compulsões mais comuns envolvem lavar e limpar, contar, verificar, solicitar ou exigir garantias, repetir ações e colocar objetos em ordem”.

Acerca de obsessão e compulsão é interessante notar que enquanto no primeiro a sua semântica se refere a um pensamento, o segundo diz respeito a um ato. Esses dois aspectos de obsessão (pensamento) e compulsão (ato), tão presentes no entendimento do que seria a manifestação do Transtorno Obsessivo-Compulsivo a partir dos seus sintomas característicos, deixam a desejar em relação ao *Zwang* freudiano justamente com relação a questão da coerção, presente em ambos, mas pouco notada devido a sua objetificação. Enquanto naquilo que se entende como Transtorno Obsessivo-Compulsivo, a evidência é dada para a sintomatologia, tanto que exemplos genéricos são usados para iconicizar esses índices sintomatológicos, na exposição freudiana acerca da neurose obsessiva temos a presença marcante da realidade psíquica e da experiência vivida (*Erlebnis*) como algo fundamental para entender suas manifestações. Nesse sentido, Jones (1989, p.268) aponta que ao se comparar o conhecimento sobre o assunto antes de Freud, expresso em termos puramente intelectuais, a contribuição de Freud para o entendimento da neurose obsessiva pode ser considerado um progresso revolucionário. Nesta, o neurótico obsessivo sofre muito mais de uma maneira obsessiva de pensar, do que propriamente de ideias obsessivas (Jones1989, p.269).

Uma explicação para a diferença entre as noções de neurose obsessiva e Transtorno Obsessivo-Compulsivo, compulsão e obsessão com relação à psicanálise e ao DSM seria devido a perspectiva teórica e ao objetivo ao qual o DSM se propõe. “O DSM foi constituído a partir de uma perspectiva atórica e operacional. O DSM tem como objetivo constituir-se num sistema de classificação sobre dados diretamente observáveis, sem recorrer a sistemas teóricos”. (Dunker & Kyrillos Neto, 2011). Esses autores prosseguem ao dizer que: “o DSM procura constituir-se num sistema classificatório fidedigno dos padecimentos psíquicos (...) Sua racionalidade está organizada em torno da busca de categorias confiáveis, provisórias e operacionais que permitam a superação de mal-entendidos terminológicos no terreno da psicopatologia. Seu critério de objetivo está alicerçado na descrição formal do plano empírico dos fatos clínicos”. E finalizam ao explicitar que o “compromisso prático” do DSM resulta em um enfraquecimento das disciplinas científicas que compõe o campo da psicopatologia.

É exatamente esse aspecto de uma busca de categorias confiáveis e operacionais claramente influenciada pelo positivismo lógico e por uma perspectiva nosológica kraepeliniana que se supõe ter nos termos obsessão e compulsão enquanto sintomas clínicos do DSM. O que ocorre é que essa pretensa confiabilidade não se aplica à compulsão e principalmente à obsessão. Tanto um quanto o outro não são dados diretamente observáveis e as suas definições estão longe de terem a clareza que possa ser elevada ao nível de algo confiável. Traçando uma comparação com a neurose obsessiva descrita por Freud, esta está longe de se restringir a presença de dois sintomas de maneira que aspectos biográficos têm uma relevância maior do que aspectos nosológicos para o entendimento de um sofrimento sentido, o que expande consideravelmente a operação de referência por dar espaço a experiências do cotidiano como a linguagem.

Portanto, o que se busca nesse momento não é propriamente uma crítica ao modelo proposto pelo DSM, mas sim diferenciar o entendimento psicanalítico de neurose obsessiva, que guia este trabalho, ao de Transtorno Obsessivo-Compulsivo. Embora seja patente a semelhança dos termos e os fenômenos tratados, as bases teóricas são diferentes e essas diferenças refletem na perspectiva utilizadas para formular explicações acerca do fenômeno. Enquanto a neurose obsessiva privilegia aspectos relativos ao mundo relacional como a moral e a linguagem cotidiana, o Transtorno Obsessivo-Compulsivo trata da obsessão e da compulsão como sintomas frios e objetivos. Com relação à esse aspecto nosológico Martins (2003, p.227) afirma acerca da síndrome obsessiva-compulsiva: “por mais objetivada que ela seja, em termos de descrições do pensar ou do comportamento tidos como obsessivo ou

compulsivo, ela implica o Eu com sua respectiva consciência atrelada, fazendo distinções entre o que deve e o que não deve se apresentar à consciência moral e ao grande público”. Ou seja, a questão do dever é inerente à obsessão e a compulsão em psicopatologia, mesmo que possa ser relegada a segundo plano devido a uma supervalorização da objetividade e da operacionalização.

Assim, se tratará neste trabalho do *Zwang*, e dos seus correlatos obsessão e compulsão, enquanto experiência coercitiva que limita a pessoa no seu devenir e portanto tem no dever seu grande representante a partir de imposição de leis, normas de condutas e regras sociais. Para isso, alguns termos do originais que foram vertidos pela ESB para o português como obsessão e compulsão poderão ser traduzidos no presente trabalho para coerção, coação, coercivo (entre outros) sem que isso signifique uma pretensão do autor de generalização da tradução para o termo *Zwang*. Posso pecar pela repetição, mas enfatizo que o objetivo deste trabalho é apenas atentar para o elemento da coação, e por consequência do dever, como inerente ao significado de *Zwang*, termo presente no vocabulário freudiano em diversos conceitos como *Zwangsneurose* (neurose obsessiva), *Zwangswunsch* (desejo coercivo/obsessivo), *Zwangsbefürchtung* (medo coercivo), *Zwangsvorstellungen* (ideia obsessiva), *Zwangshandlungen* (atos coercivos/compulsivos), *Zwangcharakter* (caráter coercivo), entre outros.

Sendo mais explícito, esse trabalho não se trata, como em psicopatologia médica, de um esforço de recolher sinais e sintomas, mas sim da vida como existência dando ênfase mais a aspectos biográficos do que propriamente nosográficos. A obra escolhida para esta investigação, “Notas sobre um caso de neurose obsessiva” é reconhecidamente o caso clínico de mais sucesso tratado por Freud e teve como tema, como explicita o seu título, a neurose obsessiva. Nesta, Freud narra seu tratamento de Ernst Lanzer, que posteriormente recebera a alcunha de Homem dos Ratos devido ao seu severo sintoma obsessivo. Dando continuidade ao objetivo de investigar a experiência de dever e de coerção no caso do Homem dos Ratos contextualizaremos a vida do paciente retratada pelo caso clínico. Assim, qualificaremos mais a biografia do que a síndrome.

## 1.1 Contexto

Ernst Lanzer. O quarto de sete irmãos, filho de Heinrich e Rosa, serviu ao exército austro-húngaro, inicialmente, se recrutando logo após a morte do pai em 1899. Posteriormente, em 1907, participou das manobras militares na Galícia, local onde ocorre o episódio que desencadeia a sua crise e o faz procurar Freud, embora as suas obsessões tenham tido início já em 1901 após a morte de uma tia. Ernst teve grande dificuldade para terminar os oito semestres necessários para o curso de direito. Com exceção da primeira, teve dificuldades para passar pelas outras duas provas necessárias para obter o título de doutor em jurisprudência (*Rigorousum*). Casou-se finalmente com Gisela Adler em 1910, doze anos após encontrá-la e se apaixonar. Depois de passar por alguns escritórios de direito diferentes entre 1908 e 1913, torna-se oficialmente procurador exercendo a profissão no escritório do Doutor Heller até voltar à ativa no exército em 1914 e morrer após ser capturado na guerra pelos russos.

Este breve parágrafo que soa mais como um estranho epitáfio é uma tentativa fria de resumir alguns fatos biográficos relevantes da vida de Ernst Lanzer. Este, um dos mais célebres pacientes de Freud, recebeu a alcunha de Homem dos Ratos devido ao seu severo sintoma obsessivo. Lanzer foi apresentado por Freud no seu “Notas sobre um caso de neurose obsessiva” como Paul, um caso clínico definido pelo seu autor como um sucesso que teve como resultado do tratamento a remissão do sintoma principal (“delírio dos ratos”/ *Rateendelirium*) (Freud, 1909, ESB, vol. X, p.191; GW, vol. VII, p. 438).

Se considerarmos que este foi o único caso clínico de Freud apresentado com tal empolgação, não é de se estranhar a admiração causada por ele ao longo da história da psicanálise. Mahony (1991, p.33-34) chama atenção para o fato de o caso do Homem dos Ratos permanecer “como a única terapia bem-sucedida que foi diretamente tratada e, então, descrita por Freud”, sendo esta também “a principal exposição de Freud sobre a neurose obsessiva (...) e o único (caso clínico) para o qual possuímos anotações do processo mostrando a forma e o ritmo das interpretações de Freud”. Afirma ainda que “de todos os casos apresentados por Freud, é o Homem dos Ratos que apresenta a melhor, e talvez a mais genuína, concordância terapêutica entre narrativa e tratamento” e justifica que o fato de Freud ter feito mais palestra sobre este caso do que de qualquer outro o tornaria, para Freud, o protótipo de um caso clínico e do tema neurose obsessiva. Jones (1989, p.267) afirma que o

resultado do caso foi “brilhante” e que “a capacidade analítica de Freud mostrou-se em seu ponto alto na solução deste caso”.

Homem dos Ratos, Paul, o fato é que, tendo o tratamento o seu curso em 1907 e 1908 e tendo sido apresentado no último ano na primeira convenção de psicanálise em Salzburg (Jones, 1989, p.268), só fomos conhecer a real identidade de Ernst Lanzer quase oitenta anos depois, em 1986, devido ao rigoroso trabalho de pesquisa de Patrick Mahony em seu “Freud e o Homem dos Ratos”. Devo expressar aqui também a minha gratidão ao trabalho de Mahony ao que se refere aos nomes reais dos outros personagens citados por Freud na forma de pseudônimos, entre eles seu familiares, amigos, colegas de exércitos e babás. Para situar e facilitar um pouco mais nossa exposição proponho agora descrever um pouco da vida relacional de Lanzer quando este procura Freud.

Seus pais eram parentes e muito embora Heinrich, seu pai, tivesse “previamente cortejado uma mulher sem vintém” casou-se com sua prima Rosa “por motivos econômicos”, tendo assim adquirido uma posição em uma grande empresa industrial dos Saborskys, familiares distantes que adotaram Rosa se responsabilizando pela sua educação. Muito rígida devido a sua severa criação, a personalidade de Rosa contrastava com a de Heinrich, “simples e marcial”. Este tinha um caráter que “era uma mistura de impulsividade, insistência em fazer valer seus próprios direitos, modéstia e a qualidade de não se preocupar em demasia com os fatos da vida”. (Mahony, 1991, p.21-24).

Enquanto servia ao exército, Heinrich foi responsável por desfalcar em uma certa quantia o fundo do seu regimento e se salvou apenas com a ajuda de um colega, que quitou a sua dívida (Freud, 1909, ESB, vol. X, p.183; GW, vol. VII, p. 430). Este homem que “dotado de excelentes qualidades (...) se distinguia por um cordial senso de humor e amável tolerância para com seus companheiros” (Freud, 1909, ESB, vol. X, p.176; GW, vol. VII, p. 422), muito embora também pudesse ser uma pessoa violenta e impetuosa, castigando severamente seus filhos quando estes eram novos e travessos. Vejamos como Freud descreve Heinrich Lanzer:

“Segundo todas as informações dadas, o pai de nosso paciente era um homem de excelentes qualidades. Antes de seu casamento, fora um suboficial e, como lembrança desse período de sua vida, havia mantido uma atitude militar escurra e um *penchant* por usar uma linguagem categórica. Ademais dessas virtudes, celebradas, como o são, nas lápides dos mortos, ele se distinguia por um cordial senso de humor e amável tolerância para com seus companheiros. O fato de que ele pudesse ser uma pessoa impetuosa e violenta certamente não estava em desacordo com outras qualidades suas; era, antes, um complemento necessário dessas últimas; contudo, ocasionalmente, castigava severamente os filhos, quando estes eram novos e travessos. Quando ficaram

crescidos, porém, distinguia-se dos outros pais em não procurar enaltecer-se com uma sacrossanta autoridade, mas sim compartilhando com eles um conhecimento das pequenas falhas e infortúnios de sua vida com afável sinceridade. Seu filho sem dúvida não exagerava ao declarar que eles haviam vivido junto como dois bons amigos, à exceção de um único aspecto (Freud, 1909, ESB, vol. X, p. 176; GW, vol. VII, p. 422)”.

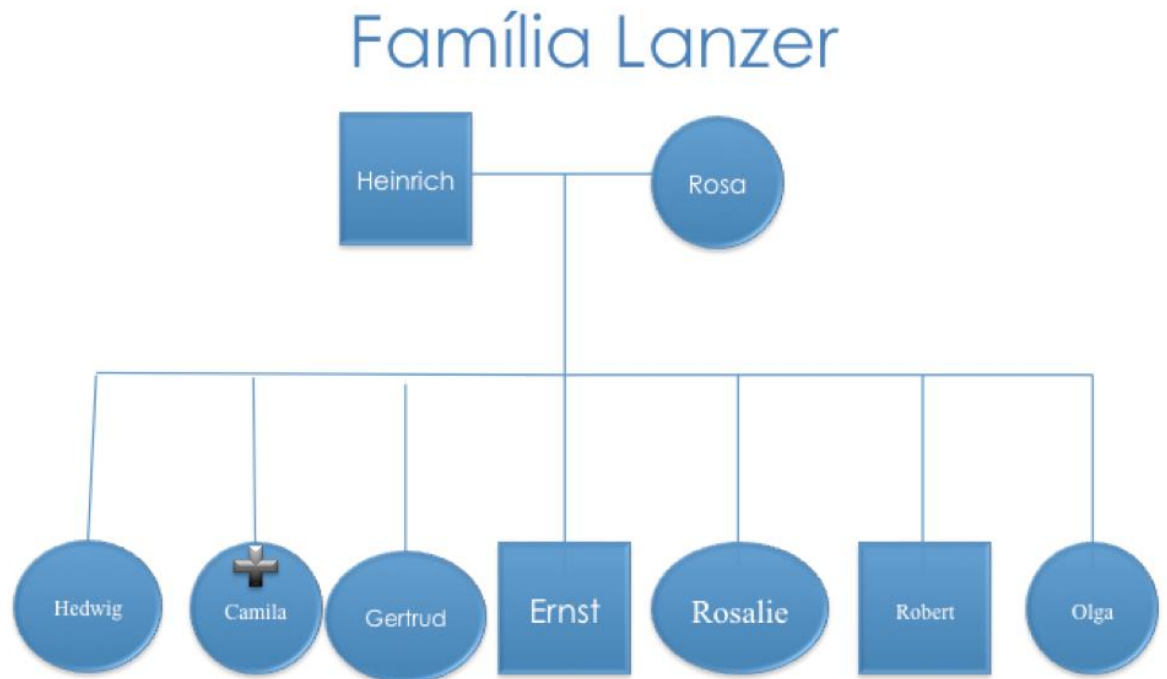
O aspecto aludido por Freud fora um fato que marcara fortemente a memória de Ernst. Certa vez, quando punido por seu pai com uma surra ele retrucara contra seu agressor verbalmente de maneira hostil, embora ingênua: “seu lâmpada! Sua toalha! Seu prato! (ESB, vol. X, p.179-180; GW, vol. VII 427)”. A razão dessa marca na memória de Ernst fora o fato de que após o seu proferimento, Heinrich assustado com a reação furiosa do garoto parou com a agressão e proferiu a seguinte sentença em um tom premonitório: “o menino ou vai ser um grande homem (*grosser Man*), ou vai ser um grande criminoso (*grosser Verbrecher*)!”. Tal episódio de tom profético, que merecerá neste trabalho um exame mais apurado, ganhou importância na autobiografia relatada por Lanzer a Freud, uma vez que o jovem paciente acreditava que essa cena teve um forte impacto na formação de seu caráter, tornando-se, a partir desse momento, um covarde por medo de sua própria raiva.

Dentre seus sete irmãos alguns merecem destaque especial. Robert, que aparece no texto de Freud como o irmão 18 meses mais novo é comparado a Ernst por uma de suas babás, Fräulein Paula (apresentada por Freud como Fräulein Lina). Ernst sente-se humilhado uma vez que a comparação de cunho sexual é desfavorável a ele (“desajeitado” que seguramente iria falhar) em relação a seu irmão mais novo, mais forte e de melhor aparência. O choro vem como reação imediata e a tentativa para remediar por parte de Fräulein Paula merece ser sublinhada, pois para confortá-lo ela contou uma história na qual uma jovem que fizera tal ato com uma criança passara vários meses na cadeia (Freud,1909, ESB, vol. X, p.145-146; GW, vol. VII, p. 385-386).

Ora, o pequeno Ernst desejava e após o retratamento da sua babá soubera que aquilo que sentira vontade de fazer não estava certo, porém não temos motivos para supor que ele se sentira culpado, tal qual a babá sentiu-se, por esse episódio. O fato é que, tendo essa situação alimentado seu ciúme por seu irmão, ele sentira-se culpado em uma ocasião posterior, na qual, embora gostasse muito de seu irmão caçula e fossem “inseparáveis”, o fez olhar dentro do cano de uma espingarda de brinquedo e atirara “com a intenção de feri-lo muito” (Freud,1909, ESB, vol. X, p . 163-164; GW, vol. VII, p. 407). Aqui chama atenção o fato de Ernst, que

sentia uma forte vontade de ver mulheres nuas e a realizava espiando as suas babás, ferir o irmão preferido pelo objeto de desejo justamente no olho descarregando assim a sua ira em relação a ele. Os polos amor e ódio, a sexualidade e a culpa são tópicos que mereceram uma atenção especial ao longo do texto, uma vez que não são exclusivos da relação triangular entre Ernst, seu irmão e a babá. Entretanto, destarte podemos chamar a atenção para a correlação desses tópicos com a noção de dever que mesmo compartilhada, seja nas leis, nas regras morais e de convivência, em Ernst ganha a radicalidade que o faz, depois de muito sofrer, procurar Freud.

Quanto as outras cinco irmãs temos mais informações sobre Camila, apresentada por Freud como Katherine, que morre ainda criança e sobre Olga (Julie no texto original), com a qual Ernst goza de grande intimidade chegando até mesmo a provocar ciúmes no noivo dela. Um exemplo é o registro original de uma sessão datada de 17 de novembro, na qual Ernst conta um sonho que teve com Olga. Neste, ele copulava com sua irmã caçula e quando acordou sentiu-se aliviado por ter sido apenas um sonho, uma vez que suas investidas com relação a Olga o fizeram jurar que se manteria afastado dela. Tal foi o alívio que após acordar, levantou e foi até o quarto dela e deu um beijo em seu traseiro por debaixo do lençol (Freud 1909, ESB, vol. X, p.240). O traseiro fora também a parte do corpo elogiada por parte de Olga com relação à Gisela, sua namorada, e do mesmo modo fora o que excitara Ernst com relação a uma costureira com a qual flertara (Freud, 1909, ESB, vol. X, p.239). Esta mesma parte do corpo feminino, ainda quando criança, também era alvo do seu prazer escotofílico com relação às suas babás, as quais espiava por debaixo do vestido e via uma delas exprimer absessos de suas nádegas. Segue abaixo um genograma da família de Ernst.



Prosseguindo a exposição em relação ao contexto relacional de Ernst será dado agora ênfase a sua vida amorosa. Do seu encontro ao casamento com Gisela houvera um intervalo de doze anos de uma relação instável e cheia de altos e baixos, como podemos inferir no relato de Freud. É mencionado por ele também uma costureira, citada acima, que não tendo encontrado correspondência suicida-se. O paciente de Freud tivera sua primeira relação sexual aos 26 anos, de modo que estas ocorriam esporadicamente, sem uma parceira fixa.

Na rememoração da sua adolescência uma jovem recebeu destaque no seu relato. Quando ambos tinham 12 anos, para que a jovem mudasse sua postura de indiferença em relação a ele, Ernst desejou que seu próprio pai morresse, fato que posteriormente se repetiria quando sentiu-se atraído por Gisela. A ideia do pai morto fora citada em situações similares. Após seu coito em uma casa de hidroterapia na qual se tratava em Munique, Ernst pensara: “por isso poderia (*könnte man*) matar-se (*ermorden*) seu próprio o pai!” (Freud 1909, ESB, vol. X, p. 176; vol. X, GW, vol. VII, p. 423). A morte de Heinrich que soa como solução para que seu filho obtivesse a atenção desejada da sua jovem amada, quando ele era um jovem de doze anos, tornou-se solução também anos depois quando Ernst interessou-se em desposar Gisela. Salta aos olhos a representação de um pai interditor que se põe sempre entre ele e o



seu objeto de amor. Aqui a triangulação edípica se faz evidente e a interdição paterna com relação a sexualidade do jovem Ernst é sinalizada por Freud (1909, ESB, vol. X, p.176; GW, vol.VII p.422 ).

Seu prazer escotofílico (*Shauenlust*), já presente em sua infância na sua relação com as babás, expresso como uma forte curiosidade em ver as mulheres nuas, se atualiza no seu comportamento em relação à caixa do correio que paga pelo envio do seu óculos perdido, a costureira que se suicida sem ter sido correspondida e a Gisela, com a qual Ernst Lanzer adota uma postura ambivalente adiando o relacionamento indefinidamente. Ou seja, Ernst não consuma o ato, flerta à distância sempre jogando com os limites do que é proibido e desejado, assim se vale da indefinição para aumentar a sua incitação e postergar a descarga pulsional. Isso porque, se assume como um covarde, ou seja, é um inibido pulsionalmente. Traço de caráter que atribuiu ao episódio ao qual dirigiu toda a sua agressividade contra seu pai, que de tamanha surpresa com a reação do garoto, parou em meio ao castigo que aplicava em Ernst profetizando em relação ao futuro do seu filho. A designação do olhar para tal tarefa se explica quando consideramos a observação de Freud de que os olhos sejam talvez a zona de contato mais remota com o objeto sexual (Freud 1905, ESB, vol. VII, p.198).

Embora desde jovem jogasse com a sexualidade, uma rígida moral estava sempre à espreita, afinal, não seria um criminoso. A premonição de Heinrich ressoou no jovem Ernst como se fosse necessária uma promessa implícita para afastar o perigo de realizar o temor do pai. Ele seria um grande homem e assim respeitaria as leis e agiria de acordo com a moral, nem que para isso tivesse que se acovardar ou temer diante de suas próprias impulsões abrindo mão de qualquer vantagem que pudesse ter infringindo alguma regra. O que Ernst passou a evitar a todo custo era que a profecia paterna se realizasse negativamente e ele se tornasse um criminoso. Portanto, ele estava em dívida com o pai, uma vez que a promessa feita para afastar a nefasta possibilidade de se tornar um criminoso implicara no seu processo neurótico uma constante auto-observação: Ele *deveria* ser um grande homem, ou supondo como Ernst expressara essa promessa a si mesmo: Eu devo ser um grande homem. Esta postura exemplifica uma relação de complementariedade e produção recíproca entre a proibição e o desejo. A primeira não suprime o segundo, mas sim o internaliza (Massota, 1973) de maneira que fica clara aqui a importância da função paterna para esse processo.

A dívida faz parte do campo semântico do dever e este verbo tem uma negatividade implícita, ou seja, ele nunca se estabiliza enquanto ato. A sua substantivação implica uma abstração que não reflete senão uma vaguidade. Ernst *deve* ser tudo aquilo que ele não é, e não é à toa que busca nas palavras de seu fiel amigo, o doutor Palatzer, um alívio com a

rejeição de que ele seria um criminoso. O amigo que possuía a camaradagem e a disponibilidade para conversar, características também de Heinrich Lanzer, não se mostrou suficiente para espantar o temor de Ernst, tanto que este procura Freud já em uma situação desesperadora. A profecia paterna estava montada no psiquismo dele, ou seria um grande homem ou um criminoso, de modo que as palavras amigas de Palatzer não eram suficientes para estabilizar o destino de Ernst na direção desejada. A garantia do amigo de que ele não era um criminoso de nada servira mais e ele se encontrava em crise.

Ernst sentia no Doutor Palatzer um ombro amigo que frequentemente lhe fornecia apoio moral, uma vez que o Doutor conseguia acalmá-lo nas situações em que este se sentia fortemente abalado por suas auto-reprovações e repetições sem sentido. Palatzer era um amigo fiel que lhe aconselhara a buscar tratamento, muito diferente de um jovem que no passado aproximara-se de Ernst apenas para ganhar entrada na sua casa e poder cortejar uma de suas irmãs tendo mostrado no futuro uma atitude completamente contrária aos elogios e a camaradagem dirigida ao jovem Ernst anteriormente (Freud 1909, ESB, vol. X, p. 144; GW, vol. VII, p. 385).

O tema casamento (*Heiraten*) era um assunto delicado. Após a morte de seu pai, Ernst passa a sofrer com as investidas feita pela sua mãe. Ela queria casar-lhe com uma parente distante, união esta que implicitamente lhe garantiria um lugar e estabilidade no escritório de advocacia da família da moça. Para que isso acontecesse bastava apenas que Ernst completasse seus estudos, tarefa que não se mostrou tão simples de maneira que mantinha a situação indefinida. Antes de sua morte, Heinrich não aprovara o relacionamento entre Ernst e Gisela devido às poucas vantagens que uma possível união forneceria para seu filho. De Heinrich para Ernst a situação se repetia como uma ironia do destino. Quais vantagens poderiam pesar mais? Casar-se com a sua amada dama, ou consumir uma união vantajosa dentro da própria família? Dentre essas duas soluções, a escolha feita por Ernst mostrou-se oposta a de seu pai, não sem muita dúvida, ambivalência e um longo período de indefinição.

Nessa indefinição que Ernst tinha quanto ao seu destino, Freud coloca o casamento (*Heiraten*) como tema central. Com relação as ideias dos ratos (*Raten*), o casamento seria uma associação encobridora. Ela se ligaria às palavras: *Spielratte* (rato de jogo, jogador compulsivo) devido ao empréstimo que Heinrich precisou obter de um de seus colegas de exército; a dinheiro e sua relação com o caráter anal (Freud, 1908; 1913); a *Ratten* (prestações); a pênis, devido a possibilidade de uma infecção sífilítica tendo o rato simbolizando essa doença infecciosa; a verme (*Wurm*), devido a sua semelhança com o pênis infantil, sendo a significação de ratos como pênis baseada no erotismo anal; a crianças e mais

especificamente, a ele quando criança. Ratos são sujos, tem dentes afiados, são devoradores e muitas vezes são perseguidos e exterminados, tal qual Ernst observara com terror várias vezes, de maneira que sentiu piedade da pobre criatura. “Ele próprio podia ser um sujeitinho asqueroso e sujo, sempre pronto a morder as pessoas quando enfurecido, e fora assustadoramente punido por tê-lo feito”. Assim, Ernst “podia ver no rato uma imagem viva de si mesmo” se identificando com o animal e tendo este presente no seu psiquismo como imagem propícia para as mais diversas representações (Freud, 1909 ESB, vol. X, p. 186-188; GW, vol.VII, p.432-433).

Sua dificuldade para concluir sua formação não desapareceu quando passou de estudante a trabalhador. Ernst demorara cinco anos dos quatro necessários para concluir a faculdade de direito e conseguir a admissão no exame do estado e mais quatro anos para adquirir o diploma de doutor em jurisprudência e finalizar a sua formação. Já com o título obtido, no intervalo de 5 anos passou por 5 escritórios de advocacia diferentes até ser oficialmente nomeado procurador e, após um ano, ser convocado para servir novamente no exército e ser capturado pelos russos em novembro 1914.

Seu encontro com Freud se dá nesse meio tempo. Lanzer é um estudante de direito a beira dos trinta anos que se encontra em uma situação já insustentável, seus sintomas obsessivos ocupam boa parte da sua atividade mental. Seu poder de decisão e conseqüentemente seu querer estão cada vez menores e a medida que seu dever cresce, ele está cada vez mais entregue a neurose. Por acaso, já advertido da necessidade de procurar um especialista por Palatzer, se depara com um exemplar de “Psicopatologia da Vida Cotidiana” e achando curiosas as associações verbais presentes no livro procura Freud em busca de ajuda.

Sua segunda sessão, uma continuação da primeira, é intitulada por Freud como a sexualidade infantil. Lanzer discorre livremente sobre suas lembranças infantis dando um aspecto especial para seu prazer escotofílico (*Shauenlust*) e suas íntimas liberdades com as babás aqui já citadas. Descreve como sentia prazer em ver *Fräulein* Paula espremer abcessos das nádegas e como conseguira com *Fräulein* Rudolph até a permissão de entrar embaixo do seu vestido, o que o possibilitou tocar as suas genitálias (apresentada por Freud como Peter). *Fräulein* Paula, que cuidou de Ernst posteriormente a *Fräulein* Rudolph, fora a mesma que após a comparação desfavorável de Ernst em relação a Robert se desculpara falando que uma outra babá tivera problemas com a lei ao deixar que um jovem de quem cuidava tomasse certas liberdades. Em relação à Paula, Ernst explica que, mesmo mais reservada que a sua predecessora, tomara muitas liberdades com ela chegando a subir na sua cama durante a noite e a também tocá-la por baixo de seu vestido. Ernst finaliza revelando que Paula notoriamente

tinha fortes desejos sexuais, o que a fez engravidar aos vinte e três anos e se casar posteriormente, tornando-se uma *Frau Hofrat*.

A importância do prazer escotofílico na sexualidade de Lanzer é fato evidenciado por diversos autores que se debruçaram no estudo do caso, mas é interessante notar que, pelo menos no relato de Freud e também a partir de outras evidências circunstanciais que temos nos relatos que se seguem cronologicamente, o que se passa é que após as experiências com *Fräulein Paula* algo mudou. Destrinchando as informações cedidas por Ernst e reproduzidas por Freud, inicialmente Ernst pedira a Rudolph para tocá-la em seus genitais e esta não fez objeção, disse que podia. Paula, que por sua vez também não fizera objeção à ousadia do menino, afirmara que Ernst seguramente falharia (no ato sexual), pois era muito desajeitado. No relato de Ernst não podemos ter certeza da sequência de eventos, apenas sabemos que ele subia na cama de Paula, a descobria, tocava ela e dessa informação é possível apreender o porquê ela o achava desajeitado e que certamente falharia. Isto posto, Paula se desculpa e nessa desculpa está implícita uma lei e sua consequência. A babá que abusara de um menino fora presa e pagara por isso.

Muito embora haja enormes coincidências entre o tratamento obtido por Ernst por parte de Rudolph e Paula podemos observar no relato uma linha de desenvolvimento. Ele tornou-se cômico do seu desejo sexual, a partir das experiências que teve com Rudolph. Com ela havia total liberdade. Já Paula, mais reservada que sua predecessora e que também não fazia objeções as suas investidas, o fez envergonhar-se de maneira indelével a partir da comparação desfavorável com Robert. Paula vê na história da punição exemplar da babá uma tentativa de remediar o desconforto de Ernst.

Aparentemente sem nenhuma transição, na sequência de escrita de Freud aparece a razão pela qual Ernst aponta o início da sua doença:

Quando eu tinha seis anos, já sofria de ereções, e sei que, certa vez, fui até minha mãe queixar-me delas. Também sei que, assim fazendo, eu tinha alguns receios para superar, pois tinha um pressentimento de que havia alguma conexão entre esse assunto e minhas ideias e minhas indagações, e naquela época eu costumava ter uma idéia mórbida *de que meus pais conheciam meus pensamentos; dei-me a explicação disso supondo que os havia revelado em voz alta, sem haver-me escutado fazê-lo*. Encaro esse fato como o começo de minha doença. Havia determinadas pessoas, moças, que muito me agradavam, e eu tinha um forte desejo de vê-las despidas. Contudo, desejando isso, eu tinha *um estranho sentimento (unheimliches Gefühl), como se algo devesse (müsste) acontecer se eu pensasse (dächte) em tais coisas, e como se devesse (müsste) fazer todo tipo de coisas para evitá-lo.* (Freud 1909, ESB, vol. X, p.146; GW, vol. VII, p. 387).

A estranheza da falta de transição se explica pela correlação dos fatos. O que aparece como medo, ato a ser evitado, é a vontade de ver mulheres nuas, o seu desejo. Isso porque, Ernst se envergonhava de suas ereções por supor que seus pais conheciam (*wüssten*) seus pensamentos (*Gedanken*) e ainda mais, caso não conseguisse evitá-los e realmente desejasse ver mulheres nuas seu pai deveria morrer.

Freud explica o pressentimento de Ernst de que seus pais conheciam seus pensamentos como uma projeção endopsíquica (*endopsychische Wahrnehmung*) daquilo que fora recalcado (*Verdrängten*) (Freud, 1909, ESB, vol. X, p. 148; GW, vol. VII, p. 389), aproximando a suposição do garoto de que havia revelado em voz alta seus pensamentos, sem havê-los escutado, com a noção de projeção. Na sequência, Ernst esclarece que ele deveria fazer todo tipo de coisas para evitar que algo acontecesse a seu pai, caso pensasse em tais coisas (ver mulheres despidas). O que ele evitava era a morte de seu pai e qual foi a surpresa de Freud ao descobrir que Heinrich morrera já há alguns anos e que ele ainda ocupava o pensamento de Ernst na tentativa obsessiva de proteger seu pai. O caráter claramente alusivo deste dever de evitar desejar ver mulheres despidas, que é destrinchado por Freud apesar da forma elíptica pela qual ele é expresso por Ernst merecerá uma análise mais pormenorizada, mas pode já ser adiantado que há uma correlação da conhecida capacidade do obsessivo de se expressar por elipses com o estilo alusivo, onde há uma referência vaga, deslocada.

Freud descobre a matriz do comportamento obsessivo de Ernst, o mesmo temor que o impedia de pensar em mulheres nuas quando criança o assola no momento em que procura Freud, com uma diferença, agora o pai de Ernst não está mais vivo. O absurdo justificado pela onipotência infantil do jovem Ernst, de que caso ele falhasse em evitar seus pensamentos seu pai morreria, se intensifica dando uma coloração de *nonsense* maior ainda. Aqui o que fica claro não é o temor de Ernst com relação a possibilidade da morte de seu pai, uma vez que este já está morto, mas sim o horror com que ele experimenta seu desejo parricida.

Freud, em tom professoral, explica a Ernst que todo medo supõe um desejo que fora recalcado e que dessa forma o conteúdo inconsciente é exatamente o oposto do consciente (Freud, 1909, ESB, vol. X, p. 160; GW, vol. VII, p. 403). Ernst que quando criança desejara a morte do pai interditor (*stören*), ou seja, aquele que perturbara seus desejos revive mais de vinte anos depois a mesma experiência. Nesse sentido, Freud caracteriza a neurose obsessiva como algo que “junto a um desejo coercivo (*Zwangswunsch*) está um temor coercivo

(*Zwangsbefürchtung*) inerentes ao desejo incondicional (*geknüpft*) (ESB, vol. X, p. 147; GW, vol. VII, p.388). Ou seja, com relação a Heinrich há uma clara relação de ambivalência por parte de Ernst, seja amor e ódio, seja o desejo parricida coercivo, seja o medo de que isso aconteça o coagindo a tomar uma série de medidas protetivas.

## 1.2 O Grande (*grosse*) medo coercivo (*Zwangbefürchtung*)

A terceira sessão de Ernst Lanzer é intitulada por Freud em seu caso clínico como “*Die grosse (O grande) Zwangbefürchtung (medo coercivo)*” (Freud, 1909, ESB, vol. X; GW, vol. VII, p.390). Esta parte do caso clínico será objeto de estudo privilegiado no presente trabalho. Ocorre que na experiência denominada “O grande medo coersivo” é descrito o encontro entre Ernst Lanzer e seu superior, o Capitão Nemecek. Como foi demonstrado por Freud, “O grande medo coercivo” é a vivência desencadeadora da crise obsessiva de Ernst em seu ápice de modo que nesta sessão, a presença do dever e da coerção justificam a relevância que aqui será dada a ela.

Nesta sessão, o paciente descreve sua experiência nas manobras militares na Galícia (hoje parte da Polônia) onde a perda infortuita de um par de óculos tem como consequência a erupção do seu imbricado conflito obsessivo. Durante o descanso das manobras o paciente telegrafa para o seu oculista e pede que ele envie por correio seu par de óculos. Nessa mesma parada ao sentar-se com dois colegas oficiais, Ernst começa a conversar. Dentre eles estava o Capitão Nemecek defensor da introdução do castigo corporal no exército, e quem Lanzer descreve com terror pelo seu gosto notório por crueldade.

Durante essa conversa, o Capitão Nemecek relata um castigo particularmente cruel aplicado no oriente, ao qual, na sua opinião, eram dignos de serem submetidos alguns parlamentares. “Com toda a probabilidade, o Capitão Nemecek tirou essa história cruel de um *best-seller* pornográfico da época, O Jardim das Torturas, de Octabe Mirbeau (Mahony, 1991, p. 29). Nesta história, um torturador profissional chinês relata a cruel e sua preferida forma de tortura de maneira a, sarcasticamente, aumentar a excitação de um de seus ouvintes. Seguem as instruções da tortura:

“Você escolhe um homem, o mais jovem e forte possível, cujos músculos sejam bem resistentes... você o despe... você o faz ajoelhar no chão, inclinado para frente, e o prende por meio de correntes fixadas em anéis de ferro, que são colocados justos em seus pulsos, tornozelos e na parte de trás do pescoço e joelhos... Então, num grande pote, coloca-se um rato grande, privado de alimento por alguns dias, a fim de aumentar sua ferocidade. E esse pote com o rato dentro é colocado hermeticamente fechado, com uma enorme taça, nas nádegas do prisioneiro, com a ajuda de tiras ligadas a uma correia de couro passada ao redor de seus quadris... Você introduz no furo do pote uma vareta de ferro, aquecida até ficar em brasa numa forja. O rato procura escapar da queimadura da vareta e da luz ofuscante... Em pânico, ele se revolve, pula e saltam através das paredes do pote, e se aferra às nádegas do homem, que ele inicialmente arranha e depois rasga com seus pés e morde com seus dentes afiados... procurando uma saída através da carne sangrando... O grande mérito nisso é que é necessário saber como prolongar essa operação inicial o maior tempo possível... Pode mesmo acontecer que o sofredor enlouqueça... O rato penetra... e morre sufocado, ao mesmo tempo que a vítima, após meio hora de inexprimíveis e incomparáveis tortura, termina, ela também, sucumbindo a uma hemorragia... é muito lindo!” (Mahony, 1991, p.29-30).

No fim de sua descrição para Freud da fatídica cena, o paciente completa dizendo que, “naquele momento atravessou minha mente, como um relâmpago, a ideia de que isso estava acontecendo com uma pessoa que me era muito cara” (Freud 1909 ESB, vol. X, p. 150; GW, vol. VII, p. 392). Após conseguir descrever o castigo dos ratos com muito esforço, Ernst fornece duas informações importantes: essa ideia era referente a sua namorada, Gisela Adler, e *simultaneamente* a ideia do castigo ocorrera, em sua mente, uma sanção (*Sanktion*). Freud esclarece que a sanção servia como uma medida defensiva (*Abwehr*) para que a fantasia fosse evitada de ocorrer a ambas. Ambas as pessoas, pois Ernst fora obrigado a admitir para Freud que ocorrera em sua mente simultaneamente a tortura praticada em Gisela à ideia de seu pai ser também torturado. Aqui observamos um deslocamento entre os objetos. Primeiro o Capitão enuncia que certos parlamentares mereciam a tortura referindo-se ao Dr. Adler. Na sequência há o deslocamento de objeto pelo nome Adler para Gisela Adler, sua namorada. Por fim, Ernst é obrigado a admitir que a tortura fora empregada mentalmente, também, em seu pai denotando que Gisela e Heinrich ocupavam para ele, de alguma forma, uma função semelhante.

Chegado seus óculos, um dia e meio depois da referida conversa, este lhe é entregue pelo mesmo Capitão Nemecek que se dirige a Ernst Lanzer dizendo: “O Tenente David

pagou as despesas para você. Você lhe deve (*musst*) reembolsar (*zurückgeben*).” Ernst descreve que imediatamente veio a sua mente, novamente, uma sanção (*Sanktion*): não devolver (*zurückgeben*) o dinheiro (*Geld*), ou então (*sonst*) a tortura dos ratos aconteceria a seu pai e a sua dama. Imediatamente, tal qual o procedimento descrito anteriormente para combater essa sanção surgiu uma ordem na forma de um juramento: “Você deve (*musst*) reembolsar (*zurückgeben*) as 3,80 coroas ao tenente David” (Freud 1909, ESB, vol. X, p. 151; GW, vol. VII, p.393).

Na confusa descrição da cena, a qual Freud precisa pedir ao paciente que repita três vezes para que ele possa começar a compreendê-la, nos chama atenção alguns fatos. O primeiro é o seu tema: a dívida. Ernst Lanzer incorpora uma dívida que deve ser paga a todo custo. Por mais que ele reaja à ordem do Capitão, em um momento inicial, transformando-a a partir de um não e da supressão do verbo dever no seu contrário, imediatamente o conteúdo da frase é invertido novamente, o verbo dever retorna e Ernst é ainda mais específico: ele não só precisa reembolsar o Tenente tal qual falou o Capitão, ele *deve* devolver ao Tenente David o pagamento *em dinheiro*. Esta dívida, que da fala do Capitão para o juramento final de Ernst sofre uma sequência de modificações semânticas, está na superfície de seu comportamento motivando uma série de atos bizarros, fantasias e planejamentos arquitetados com o objetivo de quitá-la. A própria razão para que Ernst Lanzer consultasse Freud fora a crença de que este lhe endossaria a obrigação de pagar a dívida da forma com a qual julgara ser necessária. Assim, com uma recomendação médica, seria possível a aceitação por parte dos envolvidos de desempenhar seus papéis na confusão criada por ele.

Outro fator a ser evidenciado na trama mental de Ernst Lanzer é o lugar ocupado por seu pai e sua amada dama. A obsessão em pagar a dívida tinha como explicação o fato de só assim e nas condições estabelecidas, isto é, devolver as 3,80 coroas ao Tenente David em dinheiro, seria possível evitar o castigo às suas vítimas. Chama a atenção de Freud o fato de Heinrich Lanzer, o pai de Ernst, ter morrido havia nove anos. E quanto a Gisela Adler esta, a quem Freud descreve seguidamente com a honrada alcunha de dama, era protagonista de uma relação com Ernst marcada por altos e baixos, ciúmes por parte dele e uma variação de interesse por parte de Gisela que claramente desconcertava Ernst.

O paciente que estava em uma situação crítica sendo comprimido entre a obsessão de pagar a dívida, tal qual e exatamente da forma que deveria, e entre as necessidades que a vida compartilhada por ele com aqueles com os quais se relacionava exigia, tinha uma difícil tarefa



para quem tinha perdido as coisas de perspectiva sentindo-se cada vez mais coagido a cumprir obrigações que nada tinham a ver com a vida compartilhada com aqueles ao seu redor. Em meio a esse turbilhão, Ernst Lanzer estava encurralado entre suas exigências internas e as externas carecendo de que algo aplacasse sua crise. Sua mãe o pressionava com a intenção de fazer um casamento de conveniência dentro da família, um compromisso, tal qual fora o dela e o de seu pai. Para isso, bastava que ele terminasse sua formação em direito e dessa forma seria empregado em um escritório de um familiar da sua possível noiva.

Ernst não repete o destino de seus pais e não se casa por conveniência. Ele e Gisela, a sua dama, casam-se após um namoro conturbado de longos anos. Entretanto a decisão que Ernst tanto carecia não é tomada com muita facilidade. Ele não se sentia habilitado a tomá-la da forma que gostaria, uma vez que a vontade de seus pais de vê-lo casado por conveniência e não com uma jovem sem vintém, como dissera seu pai antes de morrer, pesava fazendo com que seus estudos se arrastassem mais do que deveriam e, da mesma forma, a dúvida passou a tomar cada vez mais terreno na sua vida mental. Decisões como casamento e trabalho determinam a autonomia de um jovem adulto, isto é, a liberdade que Ernst tanto carece ao procurar Freud e que lhe é restringida seguidamente pela potência de seus sintomas.

Para situar melhor o exame do que Freud chamou de “O grande medo coercivo” relembremos o dever expresso pelo Capitão Nemecek: “O tenente David pagou as despesas para você. Você lhe deve (*musst*) reembolsar (*zurückgeben*)”.

O Capitão que causava tanto temor em Ernst devido ao seu gosto por crueldade passa a viver com mais força no psiquismo de Lanzer depois de relatar a tortura dos ratos praticada no oriente. Ele é uma figura autoritária temida por Ernst que logo após relatar a história que tanto o desconcertou lhe informa que este deveria pagar o Tenente David por este ter arcado com os custos de envio dos seus óculos. A informação é metabolizada pelo psiquismo de Lanzer como ordem, como uma missão: ele deve pagar o Tenente David e o suposto favor do Tenente David é percebido como uma dívida que urge por ser quitada. Freud se surpreende ao descobrir que na verdade quem pagara pelo envio não fora o Tenente David, militar superior da agência do correio, e que o Capitão informara Lanzer erroneamente. Quem realmente fizera o favor a Ernst fora uma jovem funcionária do correio. Ernst suprimira essa informação crucial, mesmo sendo previamente conhecida por ele quando o Capitão proferiu que ele deveria pagar o Tenente, ou seja, Lanzer toma o proferimento do Capitão como uma ordem, uma missão que deve ser cumprida a todo custo e que à medida que o tempo passa vai se

tornando impossível. Vemos que desde seu início ela já tem essa característica, mas o ponto que salta aos olhos é a supressão que faz Ernst de quem na verdade pagara por ele o envio dos óculos em prol de manter a coerência do dever expresso pelo Capitão. Na sequência, Freud faz a correção e aponta a Ernst o conteúdo que ele suprimira. A surpresa de Freud aumenta ainda mais ao ver o comportamento de Ernst se tornar mais desconexo. Assim, Freud torna-se na análise o Capitão, ato falho que se inicia neste momento e é revivido outras vezes durante o tratamento.

Freud esclarece esse ato falho dizendo que Ernst o chamou de Capitão, pois lhe garantia que não tinha qualquer gosto por tortura, muito embora exigisse que Ernst contasse explicitamente toda a tortura dos ratos que lhe causava tanto terror. Freud vai mais além e após completar a fala de seu paciente, que narrava a tortura com muita dificuldade, de onde os ratos cavariam o caminho quando a tortura era praticada (no ânus), afirma que, pelo rosto de Ernst, só podia constatar que o paciente sentia uma mistura de prazer e dor ao reviver verbalmente o castigo dos ratos enquanto ele a relatava. Nesse sentido, as exigências da regra fundamental enunciada professoralmente para Lanzer faziam de Freud um torturador tão hábil quanto o Capitão Nemecek. A ordem fora dada, você *deve* dizer tudo que lhe vem à cabeça, e naquele momento Ernst revivia a temida tortura com o detalhamento necessário para que Freud entendesse claramente a história dos ratos. A ordem do capitão era de conteúdo diverso, mas fora tomada com o mesmo afeto: “você *deve* lhe reembolsar (*zurückgeben*)”. A situação transferencial fora montada em cima do dever. O Capitão e Heinrich Lanzer, pai de Ernst, possuíam semelhanças circunstanciais que na cena em que a tortura é relatada emergem. Ambos oficiais do exército torturadores (o pai de Ernst torturara um colega) são percebidos como superiores devido à hierarquia, tanto familiar quanto do exército, motivando medo no jovem. Aqui já fora relatada a cena na qual Ernst apanha de seu pai e suas palavras em relação ao seu sentimento pelo Capitão, redigidas por Freud, não deixam dúvidas: “Eu tinha medo (*Angst*) deste homem” (Freud, 1909, ESB, vol. X, p. 149; GW, vol. VII, p. 391). Fora o medo que tornara Ernst um covarde. Enquanto apanhava do seu pai e o respondeu de maneira hostil sentira medo da agressividade do seu pai e posteriormente da sua própria tornando-se inibido com relação as suas impulsões.

Retomemos a análise sobre o que Freud chamou de “O grande medo coercivo”. A palavra alemã *zurückgeben*, presente na “ordem” dada pelo Capitão, é formada pela condensação de *zurück* (de volta, atrás) e *geben* (dar). A etimologia de *zurück* nos envia a palavra do alemão antigo *ze rucke* que significa para as costas (*nach dem Rücken*), nas costas

(*auf dem Rücken*), atrás (*im Rücken*) (Duden, 2001, p.686). Ela implica uma ambivalência que não é explicitada pelo termo português devolver, ou reembolsar. Lanzer tem que dar *zurück*, dar de volta, devolver para o tenente David tal qual ordenara o Capitão. A sanção que Ernst experimenta após o proferimento do Capitão (você deve lhe devolver) vem com a ordem mental, não dar de volta o dinheiro (*nicht das geld zurückgeben*) ou então a fantasia de tortura tornaria realidade e se realizaria com seu pai e sua dama. É isso que ele afasta quando faz a precisão de ter de pagar em dinheiro, *zu rück geben*, dar de volta, ou de costas, ou a parte de trás, ou por trás, e não o dinheiro (*nicht das geld*), ou então seus objetos sofreriam o castigo.

Se a fala do Capitão motiva a fantasia anal de coito a tergo vivida e afastada mentalmente por Ernst, isso não é tudo. Por trás do proferimento está explícita uma recomendação que é tomada como ordem, pagar a dívida adquirida com o Tenente David. As palavras usadas pelo Capitão são indicadoras dessa dívida. Ele diz que o Tenente David pagou (*ausgelegt*) para Lanzer o reembolso (*die Nachname*). Entretanto é uma dívida fabricada, Ernst sabe que não fora o Tenente que pagara, mas aceita a missão dada pelo Capitão. Ele *deve* e por isso *deve* pagar. Ou seja, a dívida alimenta a sua obsessão enquanto a obrigação move a sua compulsão. Nesse sentido, a neurose obsessiva passa a ser também uma neurose de dívida, neurose de dúvida, neurose de destino.

Outro aspecto a ser destacado é se Ernst submetia mentalmente seus amados objetos a uma tortura ou a um castigo. A proximidade do significado dos dois termos é interessante, pois enquanto a tortura implica um sadismo, o castigo é uma punição moral. Portanto, façamos logo uma explicitação que terá sua demonstração dada quando forem tratada as metas pulsionais. Ernst em um automatismo mental tortura sadicamente seus objetos a partir de uma fantasia. Entretanto, o que ele deveria temer é um castigo, um castigo moral tal qual fora a dívida não paga por seu pai nos tempos de exercito e que se tornara um mito familiar (Manoni, 1969). Desta forma, após praticar virtualmente a tortura dos ratos nos seus objetos, Ernst se submete a um castigo vivido a partir de uma sanção que vem em automatismo coagindo-o. Ou seja, o temido castigo dos ratos é fantasiado e aplicado em seus objetos como tortura, como sadismo, e depois é deslocado de forma a ser experienciado moralmente por ele próprio. Na verdade, este castigo seria experienciado moralmente apenas na sua superfície uma vez que a urgência e a intessidade a qual Ernst se coage não é apenas relativa a um dever moral.

Explicamos, o que Freud chama de “O grande medo coercivo” se resume a uma responsabilidade contraída, a necessidade de pagar uma dívida que de saída já não corresponde aos fatos, à realidade. Salta aos olhos notar que não importa para Ernst o valor, o seu real credor, a coerência da informação repassada pra ele ou a possibilidade das circunstâncias de pagamento a que ele se autoaplica. Só importa a Ernst que ele *deve* pagar essa dívida. Aqui é necessário um esclarecimento, pois na língua portuguesa o verbo *dever* condensa o sentido expresso por dois outros verbos em alemão, o *sollen* e o *müssen*. Enquanto o *sollen* diz respeito mais a uma obrigação moral, o *müssen* se refere mais a uma necessidade imperativa implicando uma ideia de urgência. Ao ler o texto em português temos uma nítida impressão de que essa dívida, a que o Capitão diz que deve ser paga e que Ernst passa a se impor após fantasiar a tortura, é uma obrigação moral, tal qual, porém em menores proporções, a dívida que deve ser paga por um criminoso que é preso. Entretanto o que percebemos pelo comportamento de Lanzer é uma vivência de necessidade imperativa, ele urge por pagar essa dívida deixando de lado toda a coerência da história, suprimindo suas incongruências em prol de uma missão impossível de ser completada.

No relato de Freud temos o verbo *müssen* designando o dever imposto a Lanzer pelo Capitão. Não importa especular se esse foi realmente o verbo usado por Ernst e pelo Capitão para designar sua necessidade de cumprir a missão de pagar a dívida. O fato é que a experiência de Ernst é de um *müssen*, de um dever sem barganha, ele tem de pagar, ele urge por pagar.

### 1.3 A culpa e a culpa do Homem dos Ratos

Dando continuidade a exposição da experiência do grande medo coercivo, esta sentida como uma necessidade imperativa de pagar uma dívida fabricada, iremos agora contextualizá-la com relação a questão da culpa sentida por Ernst Lanzer. Logo ao iniciar a descrição na qual, em suas palavras, Lanzer define para Freud como sendo “a experiência (*Erlebnisse*) que constituiu motivo imediato para eu vir visitá-lo” (Freud, 1909, ESB, vol. X, p. 149; GW, vol. VII, p. 390), um fato chama atenção de Freud e ganha destaque na sua exposição do caso

clínico. Ao falar de seus medos com relação à tortura dos ratos relatada pelo Capitão Nemeček, Ernst Lanzer exprime, como já fora mencionado, o medo de que a tortura fosse infringida em sua amada dama e em seguida comete o ato falho, expresso anteriormente, que é rastreado por Freud, de modo que o paciente sente-se obrigado a admitir que seu medo não era apenas relativo a Gisela, mas também se aplicava a seu pai que morrera havia nove anos. Citemos literalmente a situação enunciada por Freud para que a visualização fique mais fácil:

“Quando o capitão falara daquele (*jene*) horrendo castigo, ele prosseguiu, aquelas (*jene*) ideias (*Ideen*) lhe vieram à mente, empregando as suas fórmulas de praxe (um ‘mas’ acompanhado de um gesto de repúdio, e a frase ‘o que é que você está pensando’), ele acabara por conseguir escapar (*erwehren*) de *ambas*.”

O plural surpreendeu-me, e não há dúvida de que também confundiu o leitor. Isso porque, até aqui, ouvimos apenas uma idéia — de o castigo com rato ser aplicado à dama. Agora ele deve (*muss*) admitir que uma outra (*andere*) ideia lhe ocorrera simultaneamente, o castigo atinge (*treffe*) também ao seu pai”.

Nesse contexto, a fórmula a qual Freud se refere é justamente a de um ato compulsivo, a intrusão de um “mas” no pensamento do paciente seguido de um gesto e uma frase de repúdio (“o que é que você está pensando”). A esperança do paciente era que esse ato evitaria que uma tortura fosse aplicada a ambos, sua amada dama Gisela e seu pai Heinrich. Ressaltemos que a ideia a qual Freud se refere não é uma qualquer, pois é justamente a partir dela que, por ter um aspecto de estranheza, Ernst fica tão estarecido. Como pôde fantasiar que um castigo tão severo fosse praticado a duas pessoas tão queridas? Essa ideia de aparência absurda, por mais deslocada que estivesse, foi de um afeto sentido como muito verdadeiro e não pôde ser ignorado uma vez que a estratégia defensiva praticada por ele (e que falhara) era executada justamente para escapar (*erwehren*) da ideia de tortura que tanto lhe causava pavor.

O que Ernst faz, a partir de seu ato defensivo, é proteger (*schützen*), ou como explicita Freud ele se utiliza de *Schutzmaßregeln* (Freud, 1909, GW, vol.VII, p.389), medidas protetoras que vizam garantir a segurança de duas pessoas queridas, as quais conscientemente para ele não mereceriam a tortura. Embora possa parecer forçoso, nesse momento também estamos diante do tema dever. Lanzer tem a obrigação de proteger seu pai e sua amada dama de uma tortura,

mesmo que essa seja infringida virtualmente. Essa obrigação consciente que surge com um aspecto imperativo é uma formação reativa em relação à fantasia inconsciente de tortura a qual Ernst submete seus amados objetos. Ou seja, aquilo que ele experimenta como uma sanção automática e que surge mentalmente na tentativa de interromper a fantasia é um reflexo do seu dever de proteger seus objetos. Freud exprime a Ernst que um amor grandioso tem como pré-condição um ódio recalcado (Freud, 1909, ESB, vol. X, p.160; GW, vol. VII, p. 403), logo não é à toa que imediatamente após a emersão da fantasia de tortura, Ernst experimente uma sanção, ou seja, por definição um castigo ou medida de coerção. Esse ato, de autosancionar-se, que é repetido com tanto frequência durante a crise por si só já justifica o termo *Zwangsneurose* uma vez que a sua fenomenologia indica uma coerção (*Zwang*), algo que ocorre em automático restringindo a liberdade de agir.

A fórmula que Ernst descreve e é identificada por Freud como uma defesa (*Abwehr*) merece um pouco da nossa atenção. Mais do que uma correlação entre significantes *aber* (mas) e *Abwehr* (defesa) o que fica patente é o ato defensivo de Lanzer que faz todo o esforço possível, a partir de um ato compulsivo, para resguardar a sua consciência da situação descrita como desagradável. Nesse sentido, o que temos presente, mais do que uma semelhança linguística entre significantes, é uma completa correlação entre um ato (um 'mas' acompanhado de um gesto de repúdio, e a frase 'o que é que você está pensando') e a tentativa subjacente de reprimir da consciência a entrada de um conteúdo inconveniente. Nas palavras de Freud:

“Nosso paciente costumava utilizar, como uma fórmula defensiva, um *`aber`* [*`mas`*] pronunciado rapidamente, acompanhado de um gesto de repúdio. Contou-me certa ocasião, que essa fórmula recentemente se modificara; já não mais dizia *`áber`*, mas sim *`abér`*. Indagado pela razão desse novo processo, declarou que o *`e`* mudo da segunda sílaba não lhe dava qualquer sentimento de segurança contra a intrusão, que tanto havia temido (*gefürchtete*), de algum elemento estranho (*Fremdem*) e contraditório (*Gegensätzlichem*), e que, por conseguinte, decidira acentuar o *`e`*. Essa explicação (uma excelente amostra do estilo neurótico obsessivo) era, contudo, nitidamente inapropriada; no máximo, ela só podia ser uma racionalização. A verdade era que *`abér`*, representava uma aproximação à palavra de pronúncia semelhante: *`Abwehr`* (defesa), um vocábulo que ele havia aprendido durante nossos debates teóricos de psicanálise. Ele havia, portanto, consignado o tratamento a um uso ilegítimo e *`delirico`*, a fim de fortalecer uma fórmula defensiva.” (Freud, 1909, ESB, vol. X, p.196; GW, vol. VII, p. 442)

Ou seja, o que esse ato defensivo representa é todo um processo exemplificado pelo esforço de Ernst para impedir que “algum elemento estranho (*Fremdem*) e contraditório (*Gegensätzlichen*)” fizesse intrusão na sua consciência. Notemos que nas palavras de Freud estranho e contraditório ganham certo grau de equivalência soando como que sinônimos a serem evitados por Lanzer. Se essa estratégia tem alguma eficácia mantendo longe da consciência a representação indesejada (mesmo que ao custo de modificações, como no caso supracitado, e repetições infundáveis), o mesmo não podemos falar do afeto. Ernest sente-se culpado e se recrimina. Não há quem o faça demover-se da ideia de ser um criminoso. As palavras acolhedoras de Palatzer perdem seu efeito tranquilizador, de maneira que o caráter “estranho e contraditório” das autorecriminações de Lanzer ficam insuportáveis. Ele se acusa (*vorwurf*) e sente-se culpado. Culpado de quê?

Ernst era culpado por desejar. O que Freud junto com seu paciente descobrem com a sequência do tratamento é que há um desejo central ao qual uma série de medidas defensivas são montadas para que evitem que esse desejo venha à tona. O desejo parricida de Ernst que se manifesta desde a infância tem como aspiração a simplicidade que só ao infantil se reserva: livrar-se da interferência paterna. O que ocorre na sequência do recalque e de todas as defesas posteriores é a tentativa de tornar esse desejo o mais impessoal possível, ou seja, afastando o conteúdo central do Eu por meio de um deslocamento dos dêiticos. Dessa forma, após descrever todo o processo da tortura dos ratos para Freud, quando questionado por ele quem era o torturador, Lanzer diz que a tortura era praticada de forma impessoal. Ora, como pode uma tortura ser praticada impessoalmente. Aqui a estranheza e o aspecto contraditório são patentes. Vejamos a frase indicativa dos envolvidos nesse processo: “isso (*dies*) (a tortura) estava acontecendo (*geschehe*) a uma pessoa que me era muito cara” (ESB, vol. X, p. 150, GW, vol. VII, p. 392).

Não é à toa que devido a vaguidade dessa frase Freud questiona a Ernst quem aplicara a tortura. A justificativa de ser praticada impessoalmente é coerente com o que observa-se na frase, pois o pronome *isso* denomina de forma impessoal o que fora praticado, uma tortura.

TORTURAR (verbo de ação) → TORTURA (substantivo) → ISSO (pronome impessoal)

O pronome *isso* é indicativo de uma impessoalização uma vez que ele é resultado na fala de uma série de deslocamentos. Na verdade ele diz respeito a um verbo que supõe uma ação e portanto precisa necessariamente de um sujeito que a pratique. Esse verbo (*torturar*) é deslocado para um substantivo (*tortura*) ou seja, a categorização de um ato praticado, a sua nominação. Este por sua vez dá continuidade ao deslocamento se transformando em um pronome impessoal (*isso*) patente de uma deformação defensiva que esconde o ato que se pratica mentalmente, isto é, a *tortura*. O deslocamento dêitico se dá, pois a ação do verbo é mascarada devido ao seu deslocamento para o pronome. Assim, o pronome pessoal *Eu* que deveria acompanhar o verbo *torturar* desaparece e é omitido da fala sendo patente de uma impessoalização.

#### EU → TU → ELE → OMISSÃO DO SUJEITO = IMPESSOALIZAÇÃO

Por sua vez o verbo que é falado é empregado na voz passiva. Ou seja, o verbo *torturar* que fora substituído pelo pronome *isso*, torna-se também patente de uma impessoalização uma vez que não é empregado na voz ativa mascarando a atividade do sujeito, que não aparece na frase. Assim, ocorre uma perífrase com relação ao objeto. Tal qual o pronome impessoal *isso*, que substitui a palavra *tortura*, a perífrase: “a uma pessoa que me era muito cara” é patente, também de um deslocamento, de uma forma de impessoalização. Vejamos essa série de deslocamentos e omissões no esquema a seguir, no qual a frase 1 marcaria uma pessoalização ao contrario da 2, emitida por Ernst, marcada pela impessoalidade:

1- <b>Eu, Ernst,</b>	<i>torturo</i>	<u>meu pai e minha namorada</u>
SUJEITO	VERBO	OBJETO
2-( <b>omitido o sujeito</b> )	<i>(isso era praticado)</i>	<u>a uma pessoa que me era muito cara</u>

O mesmo processo ocorre com as sanções motivadoras dos seus atos compulsivos e das suas ideias obsessivas, pois o caráter estranho dos processos inconscientes estão justamente no aspecto impessoal, aspecto pelo qual a passagem pela censura é possível. Portanto, não é à toa a luta de Ernst por afastar da consciência todo elemento que parecesse



estranho e contraditório. Estranho e contraditório nesse caso é justamente o desejo inconsciente em relação às aspirações morais conscientes. Assim, a impessoalidade, isto é, o ocultamento do Eu no processo de referência tem como consequência a vaguidade que tanto incomodou Freud ao ouvir a tortura relatada por Ernst. Esta vaguidade, por sua vez, é resultado de uma série de deslocamentos (demonstrados acima) onde o Eu é deslocado até ser omitido da frase, o verbo de ação é deslocado para uma passivização e os objetos da tortura são expressos deslocadamente, em forma de perífrase. O resultado deste série de deslocamentos é um processo defensivo que tem como produto a formação de elipses tão características do falar obsessivo, no qual impera um estilo alusivo, vago.

Segue um exemplo do estilo alusivo do obsessivo, já mencionado anteriormente e que será objeto de uma análise mais aprofundada quando tratarmos do recalque. Este é dado por Ernst que a partir da estranheza sentida diz para Freud que era como se alguma coisa devesse acontecer caso ele pensasse em ver mulheres nuas. Freud certamente desconcertado pela vaguidade alusiva característica desta elipse pede um exemplo do que deveria acontecer a quem e a resposta de Ernst é: “Por exemplo, que meu pai deveria morrer” (Freud, 1909, ESB, vol. X, p. 146; GW, vol. VII, p. 387).

Nesse contexto, o sentimento de culpa se justifica. Por ser afeto, a sua passagem para a consciência é franqueada desde que separada da representação inconsciente e dessa forma as autoacusações de Ernst tem um objetivo, dar satisfação moral ao seu desejo parricida recalcado quando criança e revivido regressivamente na tortura dos ratos. Novamente nos deparamos com o tema dever. Ao procurar Freud, Ernst está constantemente coagido por sua consciência moral de maneira que seu alto grau de responsabilidade e obrigação sentida tomou boa parte do seu espaço mental governando quase que totalmente a sua vida. O problema da culpa inconsciente e a necessidade do Eu de encontrar uma representação que se ligue a esse afeto é expresso pela exemplificação feita por Freud em *O Eu e o Isso* (1923, EPSI, vol. I, p. 57-60) com relação à reação terapêutica negativa, a formação reativa e a necessidade de justificar uma culpa inconsciente que provoca alguém a cometer um crime.

Antes de nos aprofundarmos na análise da culpa inconsciente experimentada por Ernst é necessário que façamos uma digressão nesse momento que, espero, se mostrará proveitosa para a demonstração futura. Em um breve artigo chamado “A significação antitéticas das palavras primitivas” (1910) Freud tece alguns comentários acerca de um artigo do filólogo Karl Abel (1884) que trata justamente dos significados opostos que uma mesma palavra pode

obter em determinadas línguas antigas, como por exemplo no egípcio. Neste texto, Freud (1910) exprime a sua esperança de ter encontrado nessas línguas um funcionamento idêntico ao comportamento do trabalho do sonho, o qual parece ignorar a contradição. Posteriormente, Benveniste nas suas “observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana” critica o artigo citado por Freud:

“Não é por acaso que nenhum lingüista qualificado, nem na época em que Abel escrevia (já os havia em 1884), nem depois, conservou esse *Gegersinn der Urworte*, quer no seu método quer nas suas conclusões (...) É fácil mostrar que nenhuma das provas alegadas por Abel pode ser conservada.”

Para Benveniste, a comparação tecida por Abel passa longe de obedecer os pré-requisitos necessários para serem elevadas ao grau de verdade científica. Esse descrédito é expresso na crítica ao método usado por Abel:

“É que, se se pretende restabelecer o curso da história semântica das palavras e reconstituir-lhes a pré-história, o primeiro princípio do método consiste em considerar os dados de forma e de sentido, sucessivamente atestados em cada época da história até a data mais antiga, e em não encarar uma reconstituição a não ser a partir do último ponto que a nossa pesquisa pode atingir. Esse princípio determina outro, relativo à técnica comparativa, que consiste em submeter as comparações entre línguas a correspondências regulares. K. Abel opera sem preocupação com essas regras e reúne tudo o que se parece. De uma semelhança entre uma palavra alemã e uma palavra inglesa ou latina, de sentido diferente ou contrário, conclui por uma relação original por "sentidos opostos", negligenciando todas as fases intermediárias que explicariam a divergência, quando há parentesco efetivo, ou arruinariam a possibilidade de um parentesco provando que são de origem diferente.” (Benveniste p. 86-87, 1976)

Freud se confunde a dar tamanho crédito a um artigo que demonstrou não merecer. A sua expectativa com relação à analogia entre os processos de trabalho do sonho e o significado antitético das palavras antigas pode ser expressa pela seguinte citação retirada do

ultimo paragrafo de “A significação antitéticas das palavras primitivas”: “Nós psiquiatras, não podemos escapar à suspeita de que melhor entenderíamos e traduziríamos a língua dos sonhos se soubéssemos mais sobre o desenvolvimento da linguagem (Freud, 1910, p.166).”

Benveniste foi preciso em identificar a aspiração de Freud com relação ao trabalho de Abel. A pretensão cientificista de Freud encontrava nas sedutoras evidências apontadas por Abel uma pretensa verdade científica que obedecia aos critérios de causalidade positivistas. Ao fazer a analogia entre o desenvolvimento da linguagem e o processo onírico individual, Freud dava um passo em direção a mostrar de que maneira a ontogênese recapitula a filogênese. Esta famosa frase cunhada por Ernst Haeckel e citada por Freud em seus Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (Freud, 1905, ESB, vol. VII, p. 125) evidencia o desejo de Freud de ser para a psicologia profunda o que Haeckel era para a biologia naquele momento: uma mudança de paradigmas de validade e reconhecimento científico incontestáveis.

Após essa breve digressão voltemos ao tema em questão. O que ocorre é que em alemão, ao procurarmos a etimologia da palavra *Shuld*, culpa em português, esta nos envia diretamente a etimologia da palavra *sollen*. Este tem no alemão antigo um entendimento de ser culpado (*schuldig sein*) (Duden, 2001, p.775). O que essa evidência traz de especial é que ao traçarmos a origem etimológica de culpa achamos como tema indissociável o dever e vice-versa. Além disso, a etimologia de *sollen* mostra o significado dessa palavra fundamentado numa experiência de culpa. Nesse sentido, para uma maior acurácia, é necessário que façamos uma precisão ao traduzir o *sollen* para o português como dever moral. Aqui cabe novamente a ressalva de que no alemão, a noção verbal de dever é composta por duas palavras, o verbo *sollen* e o verbo *müssen*. Já tratamos brevemente de algumas diferenças quanto o entendimento dos dois e um exame mais apurado poderá ser apreciado no capítulo seguinte.

Freud, em *Totem e Tabu* (1915, ESB, vol. XIII, p. 51; GW, vol. XIV, p. 45), esclarece como algo que vem de fora (*von außen*) tem o caráter de estranho e é sempre motivo de ambivalência quando é uma proibição dirigida por alguma autoridade aos desejos mais inconscientes. Essa referência é essencial para entendermos a experiência coercitiva de Ernst Lanzer uma vez que a ambivalência é um aspecto central na sua experiência de dúvida e conseqüentemente imobilização do seu devir. Já tratamos aqui da questão da estranheza e de como ela está ligada ao desejo inconsciente de Lanzer e a sua experiência de culpa. Em nosso trajeto, a estranheza foi demonstrada como o resultado do processo defensivo do paciente de

maneira que a tortura dos ratos, a qual Ernst Lanzer submetia seu pai e sua amada dama na sua fantasia (devido ao deslocamento dêitico) era sentida pelo paciente como se fosse aplicada de forma impessoal, ou seja, deslocada e, portanto, não cometida por ele.

Como seria esse estranho de que estamos falando, que no caso de Lanzer não vem de fora, como citado por Freud, mas sim de dentro, como reflexo de sua experiência inconsciente. Bom, esse impasse se resolve se admitirmos que o que é produzido pelo psiquismo e percebido pela consciência com o caráter de estranho hoje fora percebido com esse mesmo caráter anteriormente, mas com a diferença de que vindo de fora. Não é à toa que as palavras usadas no original são *von außen*, o que vem de fora, ou *Fremde*, estranho, estrangeiro. Se veio de fora foi percebido inicialmente como uma violência e depois introjetado em forma de lei, de ordem.

Seguindo essa lógica podemos entender a experiência de auto coerção de Ernst da seguinte forma: Um dever (*sollen*) que vem como uma demanda externa é percebido como uma violência e em seguida introjetado como uma regra moral. Posteriormente, essa mesma vivência é incorporada e vivida com um caráter de necessidade, de urgência característico também da noção de dever (*müssen*). Ora, desta maneira fica claro de que forma o quadro sintomático do Homem dos Ratos é vivido regressivamente no grande medo coercivo. Isto é, aquilo que vem como demanda externa, como ordem moral é introjetado e passa a ser vivido como uma necessidade que urge ser cumprida.

A exemplificação do *sollen* como um dever moral, que vem de fora, como uma demanda externa e passa a ser vivido internamente pode ser observado a partir do imperativo categórico de Kant expresso na metafísica dos costumes: “Age (*handle*) apenas segundo uma máxima tal que possa (*kannst*) ao mesmo tempo querer (*wollen*) que ela se torne lei universal”. Ou de forma mais fina ainda: “Age de tal sorte que a máxima da tua vontade possa simultaneamente valer como princípio de uma legislação universal” (Kant, 1786, p. 59). Ou seja, deves (*solltest*) agir de tal forma que seu querer torne-se o seu dever. Aqui no imperativo categórico há uma fusão entre o que vem como uma demanda externa e passa a ser interna por intermédio da moral, da responsabilização e, portanto, do dever.

Se analisarmos a explicação da dupla face do Supereu necessária ao recalque do Complexo de Édipo dada por Freud em o “Eu e o Id” temos uma sequência parecida. Nela, Freud exprime que há uma advertência “Você deve (*solltest*) ser assim (como seu pai)”, mas engloba também a proibição: “Você não pode (*darfst nicht*) ser assim (como seu pai).”(Freud

1923, EPSI, vol. I, p. 44). Isto é, ao mesmo tempo que há uma imposição moral de uma obrigação, há também uma permissão, uma concessão. Vindo como demanda externa, essa dupla face superegóica que posteriormente ao recalque irá passar a funcionar em ato é patente também de como algo que vem de fora deve ser internalizado e passa a funcionar automaticamente no psiquismo como uma necessidade.

Como explicitado, o verbo e a sua substantivação *Sollen* tem uma clara correlação etimológica com a palavra *Shuld* formando no alemão antigo a própria noção de culpa a partir de uma auto responsabilização (*Ich soll*, em português: “eu devo”). É justamente dessa auto responsabilização que Freud nos fala quando apresenta o conceito metapsicológico de Supereu. Freud reside na possibilidade de um sentimento de culpa inconsciente a dominação do Eu pelo Supereu de maneira que é a partir das primeiras identificações que formarão o Supereu que este retira a fonte de seu caráter coercitivo (*zwangsartigen Charakter*), que se manifesta sob a forma de um imperativo categórico” (Freud, 1923, EPSI, vol. I, p. 45-57). O conceito de Supereu não havia ainda sido criado por Freud na época da publicação do caso do Homem dos ratos, mas para Manoni (1969) a sua noção não fez falta, e se não fez é porque ela está sempre pairando durante a parte expositiva e teórica do caso.

Nossa pesquisa sobre a culpa experienciada pelo Homem dos Ratos nos levou a uma imbricada trama de conceitos psicanalíticos. Apresentamos aqui a afirmação enunciada por Freud a Ernst Lanzer sobre a necessidade de um medo corresponder a um desejo recalçado e por consequência de o consciente ser o exato contrário do inconsciente (Freud, 1909, ESB, vol. X, p. 160; GW, vol. VII, p. 403). Foi demonstrado também de que forma a etimologia do *sollen*, dever moral, se direciona para a noção de *Shuld*, culpa, de maneira que podemos perceber a noção de dever fundamentada na experiência de culpa. Isto posto, foi expressa a formulação de Freud de que a culpa é um sentimento que pode ser experimentado inconscientemente alimentando a ferocidade do Supereu. Se pensarmos que na origem temos o Id que, posteriormente, deste há uma diferenciação que origina o Supereu é possível compreendermos de que maneira desejo e medo, dever moral e culpa, amor e ódio, consciente e inconsciente, mesmo sendo pares antagônicos convivem em uma desarmonia harmônica no nosso dia a dia.

A ideia de Abel que encontra a simpatia de Freud refere-se justamente a isso, a possibilidade de convivência entre dois pares antagônicos. A esperança de Freud era de que um suposto sentido antitético das palavras fosse uma evidência positiva linguística a ser

investigada para que fosse possível compreender o porquê da ausência de contradição nos sonhos. Isso porque, uma vez que sonhamos, como estabelece a teoria freudiana, a censura psíquica fica frouxa e assim o psiquismo passa a ser regido pelas leis do inconsciente, dentre elas a ausência de contrariedade mútua. Aqui percebe-se a animação de Freud, devido a confirmação de seu pensamento com relação as ideias de Abel, como sendo um indicativo da possibilidade de extrapolação do funcionamento do psiquismo, tendo o sonho como modelo, para a linguagem. Se a ontogênese recapitula a filogênese é de se esperar que o funcionamento psíquico do homem tenha uma certa constância ao longo da história da humanidade. Se isso ocorre com os polos amor e ódio, desejo e medo, dever e culpa e consciente e inconsciente é de se esperar que a linguagem como “ferramenta da mente” funcione da mesma forma.

Neste capítulo, espero ter sido possível demonstrar de que forma o dever de Ernst Lanzer, longe de ser exemplificado apenas pela frieza nosologia da obsessão e da compulsão enquanto signos clínicos, é patente de uma necessidade sentida por ele como uma urgência. O dever expresso pelo seu superior, o Capitão Nemecek, metabolizado pelo psiquismo de Lanzer passa a ganhar um caráter imperativo, de um dever sem barganha, de um *müssen* vivido com radicalidade pela necessidade de pagar uma dívida. A culpa sentida com estranheza, mais do que um reflexo da sua consciência moral evidenciada pela correlação *sollen* e *Schuld*, é uma força motriz em forma de dever que retroalimenta as suas experiências de autocoerção.

## CAPÍTULO 2 O Dever do Homem dos Ratos e as suas Modalidade

Este capítulo tem a intenção de se valer de conhecimentos linguísticos, tal qual o conceito de modalidade, para evidenciar de que forma o dever experimentado pelo Homem dos Ratos exerce uma lógica de controle sobre o seu devenir. É objetivo do presente capítulo tentar denominar o campo semântico do dever a partir de correlatos sinonímicos como compromisso, obrigação, necessidade, urgência e, ainda, buscar uma articulação acerca da promessa e do dever a partir de exemplos do caso clínico como a profecia paterna, tomada como um ideal de ser um grande homem por parte de Ernst Lanzer, bem como a partir das exigências inerentes a regra fundamental da psicanálise.

Derivado do latim *debere*, que por sua vez tem origem na palavra *de habere* (ter de), o dever é sinônimo de obrigação, de maneira que as duas palavras são usadas sem distinções. De um modo geral, dever “significa um imperativo que se impõe a liberdade com caráter de necessidade e/ou categórico, exigindo-lhe que atue de determinado modo”. Dessa forma, o dever restringe a liberdade em um sentido moral sem dar a possibilidade de agir de um outro modo (Logos, 1989, p.1382). Portanto, no centro da noção de dever, temos a imposição coerciva de obrigações morais que restringem a liberdade de maneira a atuar sob apenas uma forma aceitável. Constatamos presente nessa definição a ideia de necessidade, inerente também ao campo semântico de dever.

Essas obrigações, impostas pelo dever, são fixadas por leis, regras, ou uma norma, isto é, uma série de prescrições correspondentes a um cargo, ou a um ofício (*officium*, ou seja, dever) (Ferrater Mora, 2001, p.705). Observa-se uma precisão nesta conceituação de dever a partir da ideia de obrigação: temos uma pessoa que ao ocupar um lugar está coagida a cumprir regras. Nesse sentido, tanto o ofício quanto a norma dizem muito a respeito da pessoa em questão. Isto posto, nos justificamos do porquê do capítulo anterior. Para que seja possível entender um pouco mais sobre o dever do Homem dos Ratos precisamos esclarecer quem era o Homem dos Ratos e situá-lo no seu contexto vivido. Esta empreitada, espero, foi de grande valia para que, mesmo de maneira limitada, possamos compreender de que forma tanto o lugar quanto as normas as quais Ernst estava exposto formavam seu sistema de referência.

Nesse sentido, percebe-se o que podemos chamar de uma urgência que caracterizava seu dever. O seu “Grande medo coercivo”, descrito por Freud, é patente dessa urgência. Observações morais de parentes e ordens superiores nas manobras militares são questões que imediatamente ganham uma coloração afetiva que urge por serem solucionadas. Essa solução vem por meio de obrigações, as quais Ernst se autoaplica, coagindo-se a cumprir em um automatismo estranho.

No capítulo anterior pudemos evidenciar também de que forma questões universais, como a culpa, ganham na narrativa de Ernst um aspecto de urgência. Ou seja, uma culpa que por definição é moral passa a ser deslocada e experienciada como sendo uma expiação em virtude de uma fantasia de castigo aplicada apenas virtualmente.

Todas essas experiências características da neurose obsessiva descrita por Freud a partir do caso clínico do Homem dos Ratos, como a dúvida, a dívida, a culpa, a autocoerção ressaltam a centralidade do dever como sendo fundamental para a vivência obsessiva. Da íntima correlação etimológica entre *sollen* (dever moral) e *Schuld* (culpa) à necessidade (*müssen*) vivida com urgência de pagar uma dívida fabricada há uma gradação de deveres aos quais Ernst está exposto e que precisam ser investigados com mais precisão para que possamos entender sua experiência de autocoerção.

Ambos os verbos, *sollen* e *müssen*, são sinônimos que abarcam em alemão o campo semântico do dever. No capítulo anterior, a partir dos textos de Freud, Totem e Tabu e do Eu e do Id, sugerimos de que forma haveria uma impregnação da noção de dever no psiquismo. Esta ocorreria a partir de um dever (*sollen*) que vem como uma demanda externa e é percebido como uma violência. Em seguida é introjetado como uma regra moral. Posteriormente, essa mesma vivência é incorporada e vivida com um caráter de necessidade, de urgência característica também da noção de dever (*müssen*). Essa evidência encontrada a partir da teoria psicanalítica é confirmada pela gramática. Ao procurar os verbos modais *sollen* e *müssen*, ambos dever em português, encontra-se como diferenciação o fato de que o primeiro é *extrasubjetivo*, isto é, aparece na situação de enunciação como demanda externa, e o segundo *intrasubjetivo*, ou seja, é enunciado como uma demanda interna (Duden, 2009, 557). O verbo dever regula, então, a circulação de dentro para fora e de fora para dentro. O estágio anal, descrito pela psicanálise, diz respeito a obtenção deste controle. A aquisição da controle da linguagem e da analidade é um fato para Freud. A organização anal-sádica se



relaciona ao domínio, ao controle, com relação ao prazer em reter e o de expulsar (Heimann, 1962).

Acontece que o estudo sobre o dever é abarcado por diversas áreas do conhecimento de maneira que cada uma delas possuem entendimentos que podem ser de grande valia. Isso ocorre com a noção linguística de modalidade. Muito embora, o verbo dever seja com uma palavra, em português, suficiente para expressar suas diversas conotações, as quais com muito esforço estão sendo exprimidas até aqui, isto não é uma regra e ocorre de maneira diferente em outras línguas como no alemão, língua original na qual o tratamento do Homem dos Ratos foi conduzido e o caso clínico foi escrito. *Sollen* e *müssen* são ambos verbos modais e o emprego desses verbos em diferentes situações são indicadores na situação de enunciação de determinadas posturas, as quais são conhecidas em linguística como modalidade.

Um parêntese é essencial neste momento prévio à apresentação do conceito de modalidade. Um adendo a ser feito segue o entendimento de Rudge (1998, p. 7) de que “sem dúvida, a linguística pode trazer contribuições à psicanálise, mas o modelo linguístico pode também contaminar nosso instrumento teórico. A linguagem que interessa ao linguista não comporta a pulsão e o desejo, diferentemente da linguagem tal como concebida pela psicanálise”. Valemo-nos portanto, da ideia de modalidade enquanto alegoria, mas que pode também enriquecer produções de sentido acerca do entendimento do dever e como este se manifesta na linguagem.

## 2.1 O dever e a modalidade linguística

Considerada uma das questões mais delicadas da reflexão sobre a linguagem, a modalidade tem a origem de seus conceitos na lógica (Santos, 2008). Para Cervoni (1987, p.53), a modalidade refere-se a um ponto de vista de um sujeito falante sobre um dito conhecido como conteúdo proposicional. Este autor chama a atenção para o fato de que a modalidade não se confunde com a conotação, como alguns podem pensar, mas pelo contrário, ela é constitutiva da significação fundamental, da denotação.

Palmer (1986, p.169), afirma que a modalidade pode ser definida como sendo a gramaticalização das atitudes e opiniões de falantes e, ainda, que ela se preocupa com a

característica subjetiva de um proferimento, uma fala, sendo que a subjetividade pode ser considerada um critério essencial da modalidade. O termo “modalidade” é um termo que cobre uma série de noções semânticas como habilidade, possibilidade, obrigação e sentidos imperativo e hipotéticos. Esta é uma definição útil para uma proposta prática (Depraetere & Reed, 2006, p.269).

A modalidade é composta caracteristicamente por determinados adjetivos, substantivos, advérbios e por verbos modais, tais quais querer, poder, dever, crer, entre outros. Neste trabalho, nos interessamos por esses verbos, especificamente o verbo dever.

O verbo dever pode ser tomado tanto em um sentido deôntico quanto em um sentido epistêmico (Lyons, 1977). Enquanto no seu sentido deôntico esse verbo expressa graus diferentes de obrigação, proibição, no sentido epistêmico, dever expressa uma forte crença e possibilidade. Em ambas as modalidades o significado do verbo é modulado pelo uso da tensão e do modo (Bascelli e Barbieri, 2002). Para essas autoras, “em geral, o propósito da comunicação social é fazer o ouvinte acreditar ou fazer o que o falante deseja” e finalizam a afirmação apontando que “os verbos modais regulam o comportamento cognitivo e social dos ouvintes”. Em outras palavras, Palmer (1986, p.18) afirma que os verbos modais abarcam o significado de necessidade, intrínseca imposta pelo próprio falante, ou extrínseca, imposta ao falante. Na versão eletrônica do Houaiss temos a modalidade como “expressão da atitude do falante (ou de alguém de quem ele fala) no que diz respeito à relação entre um predicado e aquilo que ele predica, vendo-a como um fato, uma possibilidade, um desejo, ou algo negativo ou positivo, algo a temer etc”.

Nesse sentido, embora tomado como signos expressos por um falante, isto é, externamente, vemos na linguagem a questão da modalidade como um caminho para termos acesso a questões internas, as quais não podem ser observadas no comportamento aberto. Estas questões na sua expressão carregam consigo uma marca característica da pessoa, na forma pela qual ela lida e enfrenta no dia-dia aspectos relacionados à moral (deôntica) e a sua crença em uma determinada realidade (epistêmica).

Um comentário acerca da descontinuidade da consciência aqui é fundamental. Lembremos a situação enunciada no “Grande medo coercivo”. Se conscientemente, para Ernst Lanzer, seus objetos, isto é seu pai e sua amada dama Gisela, estão longe de merecerem ser vítimas da tortura, seu ato falho e sua fantasia mostram o contrário. O que permite essa construção que soa absurda para o paciente é justamente a descontinuidade da consciência, ou

seja, ela (a consciência) está sujeita a invasão de aspectos inerentes à vida inconsciente, como o desejo e a pulsão.

Por sua vez, o que permite a descontinuidade da consciência é a nossa íntima relação com a linguagem. Ela nos permite transcender do mundo, possibilita um movimento autoreflexivo, o qual tem como grande representante o pensamento. Ou seja, no dever em forma de “ordem” expresso pelo Capitão Nemecek: “Você lhe deve (*musst*) reembolsar” há uma clara demanda deôntica. O dever de Ernst é moral, ele deve recompensar o Tenente David por um favor prestado. Entretanto, após as modificações mentais sofridas, a ordem, agora dirigida por Ernst a si próprio, ganha um caráter também epistêmico, pois ele crê nessa obrigação que se torna uma necessidade.

Essa observação é justificada pela afirmação de Palmer (1986, p.18) de que a modalidade epistêmica diz respeito mais a conhecimento, crenças ou opinião do que a fatos. Para Ernst, a dívida fabricada passa a ser real e categórica. Por mais que todos os indícios apontem para que o Capitão tenha se confundido com relação a dívida, Ernst sente-se coagido a cumprir seu dever, não só por uma obrigação, mas também por uma necessidade interna. É na verdade essa necessidade que faz com que outra realidade, a de que o Capitão estava certo e que a dívida procedia, se imponha como verdadeira.

Não é à toa que o comportamento de Ernst fica desconexo após Freud apontar a incongruência entre o que se passara na realidade e a “ordem” proferida pelo Capitão que ele tenta cumprir. Não é à toa, pois a completa reconstrução lógica efetuada por Freud dos fatos que precederam “O grande medo obsessivo”, isto é, quem realmente haveria pago pelo envio dos óculos de Ernst, não fora suficiente para convencer o seu paciente de que a realidade, a qual ele tão fielmente acreditava era absurda. Na realidade, Freud não falara nada de novo a Ernst. Este já sabia que quem pagara pelo envio do seu óculos fora uma jovem funcionaria do correio e não o Tenente David, o aspecto lógico fora simplesmente desconsiderado. E é exatamente essa questão que torna absurdo o comportamento de Lanzer, uma vez que a exacerbação do seu dever faz com que ele cumpra a “ordem” do Capitão, mesmo sabendo que ela não procede.

Assim temos um dever moral (*sollen*) expresso pelo Capitão que, ainda que tenha dito *musst* (*müssen* conjugado na segunda pessoa do singular), este se tratava de uma demanda externa e moral. Essa confusão se explica uma vez que noções de obrigação, proibição, possibilidade e necessidade se misturam entre si nos diversos verbos modais usados para

indicá-las (Lyons 1977, p.791). Esta demanda moral foi entendida e executada por Ernst como uma necessidade, uma urgência (*müssen*). Se juntarmos essa evidência a uma outra apontada pelos estudos de Bascelli & Barbieri (2002) de que na aquisição da linguagem a modalidade epistêmica pode ser anterior a deôntica podemos deduzir que no sintoma vivido como “O grande medo coercivo” há sim uma regressão.

Ernst Lanzer não devia ao Tenente David, este é o dado objetivo. A ideia de modalidade linguística é muito útil para compreender a situação vivida pelo Homem dos Ratos, pois não está em consideração a lógica do grande medo coercivo, isto é, se é verdade que Ernst deve ou não ao Tenente David. O que precisa ser levado realmente em consideração com relação a esse episódio é que Ernst sente essa dívida como verdadeira e tenta fazer de tudo para quitá-la.

É a partir da fala do Capitão Nemeček que Ernst se desorganiza experienciando um grande medo que o coage. Essa coação vem primeiramente de uma demanda externa que é percebida como uma demanda moral e por sua vez reverbera no seu psiquismo encontrando uma confirmação. Eu devo e sou culpado. Sou um criminoso e devo pagar. O que o deixa obcecado é essa realidade que ele encara como um fato.

Isto posto, acredito que a noção de modalidade se justifique como um conceito linguístico importante para o estudo relacionado a análises de fala em que o dever seja central. Logo, façamos um levantamento acerca da modalidade na análise do discurso.

## 2.2 O dever e a modalidade sob a perspectiva da análise do discurso

Sob a perspectiva semiótica da análise do discurso encontramos na análise actancial a ideia de modalidade como conceito central. Nesse âmbito, modalidade diz respeito a “um predicado que atua sobre um outro predicado” (p.170) de maneira a modificá-lo. Em semiótica, os predicados modais possuem um número fixo sendo designados pelos verbos modais querer, dever, poder, saber e crer. Dessa forma, os predicados modais atuam sob outros predicados em uma lógica de controle, na qual a modalidade define a ação ou o estado expresso pela situação de enunciação.

Segundo Fontanille (2007, p.171), “para apreciar a natureza particular desses predicados modais, pode-se confrontá-los aos predicados que eles modificam”. Nessa perspectiva temos um predicado caracterizado pelo verbo modal e um outro modificado, ou modalizado por esse verbo. Então, em uma frase como a expressa pelo Capitão Nemeček: “você lhe deve reembolsar”, a modalidade está se referindo ao actante 'você' (Ernst Lanzer) e ao actante 'lhe' (Tenente David), da mesma forma que modifica o estatuto de reembolsar.

A partir da perspectiva proporcionada por essa ferramenta de análise podemos constatar um sentido implícito na frase que diz respeito ao fato de termos dois sujeitos implicados em um fazer (reembolsar), mas que é modificado por uma noção de dever inerente ao primeiro sujeito. Este sujeito (Ernst Lanzer) é quem tem o “controle” da significação do dever. Ou seja, a categoria dever está implicada agora diretamente no sujeito da enunciação modulando o sentido do predicado seguinte e sendo também “modulada” pelo sujeito. Logo, quem define a dívida é Lanzer e não o Tenente David, suposto credor, ou mesmo o Capitão Nemeček que proferira a “ordem”.

Em semiótica do discurso já foi mencionado aqui como a noção de modalidade pode nos ser útil no estudo do dever, ou seja, na análise do discurso a ideia de modalidade é central para entender a situação de enunciação a medida que diz respeito a um predicado modal que modifica outros predicados dando identidade a um actante (sujeito). Para Fontanille (2007, p. 177), o aspecto modal do discurso tem “uma dimensão completa capaz de assegurar sozinha todo um ramo da significação tanto de discurso enunciado quanto do discurso em ato”. Dessa maneira, em um sentido antropológico (Fontanille & Greimas, 1993, p. 55), a noção de modalidade nos habilita a desvendar os meandros da produção de sentido. Antropológico, na medida em que não diz respeito a psique, a um Eu dividido e idiossincrático, mas de um indivíduo relativo à questões inerentes a um imaginário virtualizado e partilhado por muitos.

A modalidade exerce uma lógica de controle, tal qual a anafidade, e essa intersecção podemos observar no uso linguístico do dever, bem como na relação de Ernst com suas vivências obsessivas exemplificadas pelo “Grande medo coercivo”. Nesse sentido, a partir da análise do discurso podemos constatar a importância do dever no sintoma obsessivo de Ernst Lanzer, mas avançar a análise para a noção específica do dever que ele possui e de que forma ele se relaciona com aspectos pulsionais, tais qual os

relacionados a fase anal-sádica, é uma empreitada que só poderemos ter um sucesso limitado, apoiado nas anotações clínicas de Freud e nas construções da teoria psicanalítica deixada por ele.

Para isso a ideia de pulsão é central. *Conceito limite entre somático e orgânico* (Freud, 1915, ESPI, vol. I, p. 148), nas palavras de Freud, se configura também em um conceito limite para entender a dinâmica do aparelho psíquico, seja a partir da primeira tópica com inconsciente, pré-consciente e consciente, seja na segunda com Id, Eu e Supereu. Isso porque, é a partir da ideia de pulsão que podemos circunscrever em psicanálise questões relativas a motivações e história de um sujeito. As pulsões são essenciais na estruturação do aparelho psíquico e o registro que ocorre neste é um registro pulsional. Supõe também uma descarga que tem intensidade e a partir de um objeto chega ao seu destino. Só é possível falar em motivação inconsciente a partir de uma perspectiva pulsional. Nesse sentido, podemos falar que a pulsão diz respeito tanto à história, tanto à motivação do sujeito funcionando de maneira imbricada.

Freud em o “Esboço de Psicanálise” situa a linguagem no pré-consciente (Freud, 1938, ESB, vol. XXIII, p. 176), o mesmo ocorre nos seus artigos metapsicológicos, como por exemplo, “O Inconsciente” (Freud, 1915, ESPI, vol II, p.49). Em “O recalque”, situa as moções pulsionais submetidas ao recalque no inconsciente que, a partir de um processo de deslocamento conseguem escapar da censura inconsciente e chegar à consciência (Freud, 1915, ESPI, vol I, p. 181). Lembramos que essa consciência é a qualidade e não exatamente o consciente tópico. Essa conclusão não se oporia a objeções a uma suposta fluidez entre consciente e inconsciente. Na verdade, temos a instância pré-consciente como intermediária e é justamente nela que a linguagem é situada por Freud. Nesse modelo, conteúdos inconscientes deslocados passam pela censura chegando ao pré-consciente, onde a partir da ordenação por linguagem são percebidos pela consciência. Duas conclusões são importantes a serem tiradas: a primeira é que a pulsão permeia todo o processo de troca que vem do inconsciente, passando pelo pré-consciente até chegar na consciência; e a segunda é que é a partir da linguagem que esse conteúdo pulsional, antes inconsciente, é ordenado e percebido pelo consciente de maneira censurada duplamente. Uma pela própria censura inconsciente/ pré-consciente e outra pela censura imposta a partir da limitação inerente à linguagem.

Portanto, para essa empreitada encontramos no estudo dos destinos da pulsão uma solução para a inviabilidade de uma análise somente linguística e semiótica. A semiótica do discurso nos permite chegar apenas a delimitar a dinâmica de uma trama, sem entrar a fundo na dinâmica do aparelho psíquico, ou seja, delimita uma trama em termos individuais ou coletivos. Valemo-nos aqui do termo Eu e aparelho psíquico para contrapor a noção de indivíduo componente e parte de uma coletividade. Nosso objeto de estudo é certamente um indivíduo diferente daquele proposto pelas categorias sociológicas ou antropológicas. Este é de um Eu cindido que não é estudado apenas pela perspectiva da consciência. Logo, a perspectiva psicanalista dos destinos pulsionais são de grande valor para fazer uma ponte entre linguagem e desejo, da mesma forma que a pulsão faz entre as três instâncias do aparelho psíquico.

### 2.3 Modalidade, promessa e o dever do Homem dos Ratos

Antes de começar a análise pulsional do dever de Ernst Lanzer expresso no seu “Grande medo coercivo” é preciso ainda esclarecer alguns aspectos com relação ao dever e a modalidade. A noção de modalidade parece ficar mais clara quando a compreendemos como algo que envolve uma promessa. Isso fica evidente com relação a modalidade epistêmica uma vez que ela se caracteriza como sendo todo proferimento no qual o falante explicitamente qualifica seu compromisso com a verdade da proposição expressa pela sentença proferida (Lyons, 1977, p. 793). Nesta modalidade há o compromisso de um falante com a factualidade *do seu proferimento*, logo, isso depende de um saber limitado (Lyons, 1977, p. 808-809). Ou seja, o que interessa não é se algo realmente aconteceu ou acontecerá, mas sim o quanto um falante acredita nisso. É nesse sentido que Lyons (1977, p. 806) afirma que a modalidade epistêmica é pré-condição para podermos falar do nosso passado ou futuro. O mesmo ocorre com a modalidade deontica onde o falante está moralmente comprometido com aquilo que fala. Assim, para Depraetere & Reed (2006, p.274) a modalidade deontica implica uma autoridade, ou uma “fonte deontica” (que pode ser uma pessoa, um conjunto de regras, ou algo tão vago quanto uma norma social) responsável por impor as necessidades (obrigação) ou garantir as possibilidades (permissão).

Ou seja, o que sustenta a lógica de controle exercida pela modalidade com relação ao que é dito é o fato dos verbos modais (privilegiados aqui nesse estudo sob a categoria do

dever, embora modalidade não se refira apenas a eles) exigirem por parte do falante um compromisso e é esse compromisso, exigido pelo falante sobre o que se fala, que é o que sustenta toda e qualquer promessa. A dívida simbólica não atravessa toda a sociedade e seus participantes? Então o ato de prometer também se verá envolvido e, remetendo ao Homem dos Ratos, não é justamente uma dívida muito mais simbólica do que factual ou objetiva que move Ernst em sua crise obsessiva? Assim, sua dívida é simbólica de um comprometimento, de um compromisso que é sempre sustentado por uma promessa.

Sobre a promessa esclarece Martins (2002, p. 102):

“Acredito que as palavras têm importância essencial, pois são expressões de compromisso e de verdade de realização de atos futuros. Isto é, a relação entre Complexo de Édipo e linguagem se institui não somente como interdição, (...), mas principalmente por ela comportar a possibilidade de felicidade futura. Essa vertente da linguagem, a dimensão em que a pulsão pode se centrar no futuro, pode ser resumida em torno de uma palavra que a coloca como um ato simbólico pleno: a *promessa*.”

Para que seja possível, o ato de prometer necessita por parte daquele que promete uma responsabilização. Esta responsabilização, inerente a quem fala e que é demandada de alguma forma, pode ser experienciada de acordo com a realidade que se apresenta. Mais do que a realidade concreta (*Wirklichkeit*) me refiro aqui a realidade psíquica. Nesse sentido esclarece Martins (2003) que:

“Por meio das características da classe dos atos promissivos, função performativa universal da linguagem humana, a fala revela uma propriedade essencial: não apenas comenta ou descreve a realidade, mas, obviamente, é determinada por ela e, reciprocamente, a modifica. A possibilidade de poder fazer promessas, juramentos, votos, e assumir obrigações, guarda íntima relação com o estar em dívida, com o estabelecimento de aliança, de laço social, de contrato. O ato de prometer, como ato de linguagem, tem mais especificidades que gostaríamos de apontar. Trata-se de um ato de linguagem bastante específico que envolve todos os atos, nele o falante "promete ou, de alguma maneira, assume alguma coisa" ou ainda "faz a pessoa se engajar a fazer alguma coisa".



É a partir desse engajamento em fazer alguma coisa que estamos aproximando a questão da modalidade (tendo o verbo dever como seu representante) com a promessa, uma vez que a função gramatical do verbo modal na frase é exatamente essa: modalizar o verbo principal, o verbo de ação ou estado, estabelecendo assim uma anterioridade lógica e uma lógica de controle. Isto é, quem controla a ação ou o estado do sujeito é o verbo modal e como se está tratando especificamente do dever, é o dever do sujeito que delimita sua ação e seu estado e não o contrário. Já com relação a psicanálise, como regra fundamental para o tratamento psicanalítico, Freud estabelece que o paciente deve prometer. Essa promessa segundo ele deve ocorrer da seguinte maneira: “Fazemo-lo comprometer-se a obedecer (*wir verpflichten ihn*) a regra fundamental da análise, que dali em diante deverá dirigir seu comportamento para conosco”(Freud, 1938, ESB, vol. XXII, p. 189; GW, vol. XVII, p. 289).

A regra fundamental expressa por Freud para que a análise possa ser eficiente implica necessariamente uma promessa. Ela é expressa em forma de dever que por sua vez é internalizado. “Fazemo-lo comprometer-se a obedecer a regra fundamental da análise, que dali em diante deverá dirigir o seu comportamento para conosco”. Não é à toa que a partir dessa internalização observamos Ernst imediatamente funcionar transferencialmente. Freud torna-se o Capitão, aquele que o tortura por meio de uma dívida criada. E não fora também uma dívida assumida com seu pai, Heinrich, de que ele não seria um criminoso e sim um grande homem que transformou-o em um covarde, um inibido pulsionalmente.

A promessa feita por Ernst, que aqui é suposta, de que ele não seria um criminoso e sim um grande homem é revivida transferencialmente com o Capitão Nemecek, a partir da dívida enunciada, e posteriormente com Freud, ao ser expressa a regra fundamental. Em todas essas situações Ernst assumiu deveres, se coagiu a cumprir promessas que se transformaram em dívidas. Quando uma promessa é feita uma responsabilidade com relação ao futuro é assumida, a partir disso o tempo corre. A grandeza do ideal de Ernst, de ser um grande homem, tem como reflexo a dívida fabricada que é adquirida a partir da ordem do Capitão Nemecek. Ela é impossível de ser paga, pois de saída a realidade que Ernst experimenta não corresponde aos fatos. Ou seja, trata-se de uma realidade psíquica. Não há como pagar o Tenente David, pois ele não é o seu credor. Com relação a regra fundamental ele experimenta o mesmo. Deve dizer tudo que vem à cabeça como se fosse possível superar as enormes resistências as quais está submetido.

Entretanto, é justamente esta a sua única esperança. Reviver a promessa a qual seu dever de ser um grande homem está condicionada surge como uma possibilidade de modificar o seu presente marcado pela inibição pulsional. Nesse sentido, para Martins (2002, p.103): “A promessa que a linguagem comporta é o sustentáculo intersubjetivo da possibilidade de realização pulsional. Desta forma, pensamos que é o pulsional que calciona e vem a dar existência efetiva à linguagem como fato comunicativo humano.”

Esse capítulo foi pautado por uma investigação acerca da modalidade como possibilidade de estudo acerca do dever. Assim, foi possível evidenciar de que forma noções como modalidade epistêmica e modalidade deôntica se articulam e podem ser úteis para lançar luz sobre questões internas, como aquelas entendidas também por realidade psíquica. O conceito de modalidade por si só já é patente dessa correlação, uma vez que diz respeito a atitudes e opiniões expressas por falantes e não exatamente pelo que é falado em si. Isto é, acredito que também seja, pelo menos em parte, dessa realidade psíquica que se esteja falando quando é considerada a questão da modalidade. Segundo Depraetere & Reed (2006, p.269) “a riqueza da literatura sobre modalidade parece sugerir que linguistas intuitivamente sentem que essa modalidade é alguma coisa muito mais rica do que apenas a falta da factualidade”. A factualidade da qual trata a modalidade só podemos ter acesso se ela é contada, se sua inferência é possível. Ela está longe de ser ôntica, de observação positiva.

A modalidade revisada aqui no âmbito do dever não teve como objetivo exaurir esse tema, o qual, em linguística, talvez não haja outra categoria gramatical que tenha sido definida e interpretada de forma tão divergente (Narrog, 2005). O objetivo desse trabalho com relação a modalidade é muito modesto, pois é apenas evidenciar algumas das possíveis formas que esta categoria pode contribuir para o entendimento acerca da noção de dever que é internalizado e expresso pela pessoa.

Foi constatado a partir da semiótica do discurso uma limitação acerca do estudo do dever pela modalidade. Esta possibilita um entendimento da produção de sentido em um viés antropológico. Entretanto, o presente trabalho não pode se contentar com isso uma vez que o sentido expresso não é só da ordem do *Bedeutung*, do *meaning*, da semântica. Ernst Lanzer mais do que um indivíduo antropológico é uma pessoa cindida, perdida no seu *richtung*, no seu sentido como direção, *direction*, envolvendo particularmente o corpo em movimento, na direção que segue a vida, e que padece no seu sentir, no *gefühlung*. Acredito que o conceito de pulsão, tal qual cunhado por Freud, possa ser relevante para compreender a importância a

qual o dever está submetido na vida de Ernst, dever este ao qual Ernst também está submetido. Assim espero ser possível desvendar os sentidos do dever, ao menos em parte, para Ernst em um sentido mais amplo que considere tanto o sentido semântico, quanto o direcional do devir, como também o experimentado em sensação, vivido na própria pele.

### Capítulo 3 O Dever Autocoercivo do Homem dos Ratos e os Destinos Pulsionais

A análise pulsional que guia o presente capítulo tem como referência os destinos pulsionais, enunciados por Freud em “As pulsões e seus destinos”, e como objeto a vivência do Homem dos Ratos denominada “O grande medo coercivo”. Para tanto, será dada ênfase às modificações gramaticais sofridas a partir do conteúdo enunciado pelo Capitão Nemecek, de forma a tentar correlacioná-las aos destinos pulsionais, também entendidos como defesas contra a pulsão. Assim, será demonstrado de que forma essas modificações gramaticais são reflexo de transformações pulsionais subjacentes. Relembremos o proferimento do Capitão Nemecek feito a Lanzer para que possamos iniciar a análise da repercussão pulsional do que Freud chamou de “O grande medo coercivo”.

Primeiro momento: Capitão Nemecek se dirigindo a Ernst Lanzer – “O Tenente David pagou as despesas para você. Você lhe deve (*musst*) reembolsar (*zurückgeben*)”.

Segundo Momento: Ernst Lanzer dirige em automatismo uma sanção (*Sanktion*) a si mesmo – “Não dar de volta (*Nicht zurückgeben*) o dinheiro (*das Geld*), ou então (*sonst*) a tortura dos ratos aconteceria a seu pai e a sua dama”.

Terceiro momento: Ernst Lanzer dirigindo-se a si mesmo – “Você deve (*musst*) devolver (*zurückgeben*) as 3,80 coroas ao Tenente David”.

Ao recapitular a divisão das proposições entre a que o Capitão Nemecek proferiu a Lanzer (primeiro momento) e as que este proferiu a si mesmo mentalmente, observamos que imediatamente após o proferimento do Capitão, Lanzer subverte a ordem do Capitão a partir de uma sanção (segundo momento) transformando-a em seu contrário e condicionando o cumprimento desse proferimento percebido como ordem, agora dirigida por ele a si mesmo, a evitação de uma tortura dirigida a seu pai e a sua dama. Nesse segundo momento, Lanzer nega o verbo dever e o suprime. Esse processo tem como consequência a negação do verbo devolver, reembolsar, dar de volta. No terceiro momento, os verbos negados são positivados seja pela supressão do não e o reaparecimento do dever, seja pela imposição de uma perífrase muito mais precisa (dar de volta as 3,80 coroas ao Tenente David).

O que Freud observa nessas mutações é que a partir do proferimento percebido por Lanzer como uma ordem dada pelo Capitão, figura de autoridade que ocupa o lugar da figura

paterna, essa ordem é substituída na mente de seu paciente por uma sanção (*Sanktion*), experimentada com automatismo, em um segundo momento e em um terceiro essa sanção é trocada por uma outra ordem dirigida por ele a si próprio.

A exposição do pensamento de Ernst Lanzer se complica à medida que não tomamos as modificações feitas a cada proposição como aleatórias. Quando observamos a modificação feita por Lanzer a partir da ordem proferida pelo Capitão Nemecek identificamos imediatamente uma incongruência completa. Lanzer nega a frase proferida pelo Capitão transformando-a, gramaticalmente, em seu contrário. Entretanto essa subversão gramatical soa como a ponta de um iceberg, pois se acreditarmos que nisso há uma causalidade, essa causalidade deve ser psíquica e explicada pelo viés da pulsão. Essa posição que aqui é tomada diz respeito à crença de um motivo subjacente que serve para explicar a carência de fidedignidade da aleatoriedade como explicação. O porquê da escolha dos termos, do tema e dos sujeitos sugere uma dinâmica pulsional imbricada, de maneira que esperamos que a proposição freudiana sobre os destinos pulsionais possa esclarecer esse impasse.

Freud, em “As pulsões e seus destinos”, delimita quatro destinos possíveis para a pulsão:

A transformação em seu contrário.

O redirecionamento contra a própria pessoa.

O recalque.

A sublimação.

No artigo “O recalque”, ele estabelece que:

“essa concepção de recalque poderia ainda ser complementada pela suposição de que, antes que o desenvolvimento atingisse esse nível de organização psíquica, outros

destinos pulsionais estavam incumbidos da tarefa de rechaçar as moções pulsionais, tais como, por exemplo, o destino da transformação no contrário e o redirecionamento da pulsão contra a própria (Freud 1915, EPSI, vol. I, p. 178)”.

O que se observa a partir da citação é que os dois destinos, a transformação em seu contrário e o redirecionamento contra a própria pessoa, são anteriores ao recalque logicamente. Dessa forma, de maneira a provar a validade da nossa análise pulsional e dar prosseguimento a uma análise do recalque de Lanzer, esse aspecto deve ser observado na transformação linguística a partir do seu sintoma.

### 3.1 Dever e a transformação da pulsão em seu contrário.

Freud esclarece que “a transformação em seu contrário, se observada mais de perto, se desmancha em dois processos distintos: no redirecionamento de uma pulsão da atividade para a passividade e na inversão do conteúdo (1914, EPSI, vol. I, p.153)” e que por isso os dois processos merecem ser tratados separadamente. Portanto, iniciaremos a partir da inversão de conteúdo para chegarmos ao redirecionamento de uma pulsão da atividade para a passividade, caracterizada pelos pares de opostos sadismo-masiquismo e vontade de olhar (*shaulust*) e exibição (voyerismo-exibicionismo).

#### 3.1.1 Inversão de conteúdo

Quando o Capitão Nemecek profere o que Lanzer percebe como uma ordem, ou seja, o que ele deve fazer, a repercussão automática no psiquismo de Lanzer é contrária à frase proferida: Não dar de volta o dinheiro. Simultaneamente, uma condição (ou o castigo será inflingido contra seu pai e a sua dama) é atrelada a transformação sofrida pela “ordem” dada

pelo Capitão. O que observamos nesse processo descrito por Freud e seu paciente é que a fala do Capitão ganha uma nova repercussão no psiquismo de Lanzer. Este supõe o objetivo do proferimento do Capitão que, por sua vez, é mentalmente metabolizado por Lanzer de forma *suis generis*, isto é, ganha um afeto pulsional. Tanto supõe que a palavra *zurückgeben* ao ser traduzida precisa ser modificada de acordo com os momentos em que ela é expressa. No proferimento do Capitão (primeiro momento), ela tem um sentido de reembolsar, enquanto no segundo e no terceiro momento ela parece ser entendida por Lanzer como devolver, dar de volta, tendo assim um deslocamento entre um conteúdo puramente monetário, que envolve uma dívida e necessita de seu respectivo reembolso, para um conteúdo carregado de ambiguidade, onde a dívida ecoa no corpo próprio do paciente mobilizando a sua analidade. Esta metabolização mental que ganha um afeto pulsional é explicada pelo contato de Lanzer na noite anterior com o Capitão Nemecek, na qual ele conta a Ernst a sua história sobre a tortura dos ratos, que passa, assim, a fazer parte da dinâmica pulsional de Ernst Lanzer.

A história da tortura dos ratos mobilizou a analidade de Ernst devido ao seu tema, uma tortura que tem o rato como seu instrumento. Esta mobilização se deu uma vez que o personagem da tortura, o rato, era uma figura com a qual Ernst se identificava desde sua infância. Se identificava da mesma forma com a posição de torturado, uma vez que no momento em que a história fora contada ele era também vítima de obsessões e compulsões. Ocorre que, após acordar no dia seguinte, o mesmo Capitão que contara a tortura, ato pelo qual tinha simpatia motivando medo em Ernst, exprime que ele deve pagar um outro oficial que lhe fizera um favor quitando uma dívida sua que havia sido adquirida no correio devido ao envio dos seus óculos perdidos. Dívida diversa, mas que lembrou a que seu pai obtivera também nos tempos de exército por ser um *Spielratte*, um rato de jogo. A dívida de Heinrich não fora quitada e após este se estabilizar financeiramente, já fora do exército, tentou sem sucesso reencontrar o colega que lhe ajudara. Assim, Ernst vendo o destino se repetir transgeracionalmente tenta inutilmente o controle sob uma situação que lhe é impossível. Ao contrário da dívida paterna, a sua é fabricada por um engano do Capitão Nemecek, que achava que o Tenente David por ser o militar superior que se situava na região do correio teria pago pelo envio dos óculos, e pela supressão de Ernst, que por sua vez já sabia, que, quem pagara pela encomenda fora uma jovem funcionária do correio.

Seguindo a proposição de Freud acerca dos destinos pulsionais, a inversão de conteúdo pulsional só pode ser observada nos casos de amor e ódio (Freud, 1915, EPSI, vol. I, p.152). Se concordarmos que na inversão gramatical da frase -“Você deve lhe reembolsar”

para - “Não dar de volta o dinheiro, ou aquilo iria acontecer”, a “ordem” do Capitão, quando modificada por Lanzer, se torna uma ameaça de tortura, não a ele, mas sim a quem o paciente de Freud mais ama, seremos obrigados a concordar também que a inversão gramatical da “ordem” do Capitão implica na fantasia de tortura do paciente um ódio subjacente. Ele que inicialmente sofria inconscientemente a ameaça de tortura pelo cruel Capital, inverte a modalização do verbo dever suprimido na frase, após ter tomado o lugar de autoridade do Capitão e ter infringido a tortura mentalmente nos seus amados objetos em uma outra cena, cena esta intermediária entre o primeiro momento (ordem do Capitão) e o segundo (sanção autoaplicada por Ernst), sendo que esta cena intermediária não aparece na fala de Ernst, só podendo ser inferida.

Portanto, o proferimento feito pelo Capitão em um primeiro momento passa a ser uma ordem, uma ordem que imediatamente tem sua forma transformada em seu contrário, em um segundo momento, a partir de uma sanção – “Não dar de volta o dinheiro”. A partir dessa sanção percebemos uma reação à inversão de conteúdo (cena intermediária, fantasia de tortura), onde o pai e a dama amados conscientemente foram vítimas da tortura motivada pelo ódio inconsciente de Lanzer.

Explicamos, logo após ouvir a tortura relatada pelo Capitão, Ernst expressa que: “naquele momento atravessou em minha mente, como um relâmpago, a idéia (*Vorstellung*) que isso estava acontecendo a uma pessoa que me era muito cara” (Freud, ESB p. 150). Esta idéia, a qual Freud corrige como sendo um “desejo, ou melhor, um medo” é uma fantasia, a qual necessitava que ocorresse simultaneamente (*gleichzeitig*) uma sanção para evitar que ela fosse realizada. Assim, a sanção é consequência e está atrelada necessariamente a presença da fantasia. Mesmo que no contato do dia posterior, no qual o Capitão exprime o dever entendido como ordem, Ernst não diga explicitamente que fantasiara com a tortura, este ato está implícito. Isso porque ele sofre um deslocamento também. Lembremos que a sanção é consequência e está atrelada à tortura. Pois bem, após a ordem dada pelo Capitão não é justamente uma sanção que aparece (Não dar de volta o dinheiro) e esta sanção não é acompanhada pela ameaça de tortura em forma de condição (ou a tortura aconteceria ao seu pai e a sua dama). Ou seja, esta condição é na verdade a fantasia de tortura emergindo conscientemente de maneira deformada. Para exemplificar, vejamos o esquema:



**Primeiro momento:**

Capitão Nemeček se dirigindo a Ernst Lanzer – “O Tenente David pagou as despesas para você. Você lhe deve (*musst*) reembolsar (*zurückgeben*)”.

**(A fala do Capitão é percebida como uma ordem por Ernst, aqui ele é objeto).**



PRESENÇA DA FANTASIA NA QUAL ERNST TORTURA SEUS OBJETOS

**(Aqui ele é agente dessa tortura e seus objetos são seu pai e sua namorada)**



**Segundo Momento:**

Ernst Lanzer dirige em automatismo uma sanção (*Sanktion*) a si mesmo– “Não dar de volta (*Nicht zurückgeben*) o dinheiro (*Geld*)”.

Ernst condiciona o cumprimento dessa sanção à não ocorrência da tortura previamente fantasiada- “ou então (*sonst*) a tortura dos ratos aconteceria a seu pai e a sua dama”.

**(Aqui ele se coage se autoresponsabilizando pela cena de tortura que emerge do seu inconsciente)**

Nesse movimento automático, Lanzer sadicamente infringe a temida tortura dos ratos aos seus objetos. O “não” emerge do inconsciente impedindo, por um lado, que a fantasia de tortura chegue explicitamente à consciência e, por outro, permitindo que essa mesma fantasia emerja de maneira deformada devido a uma condição imposta. Até esse segundo momento percebemos a inversão do conteúdo. Ou seja, a inversão entre amor e ódio é observada quando objetos amados conscientemente são expostos ao ódio inconsciente a partir da tortura

dos ratos aplicada em uma outra cena, fantasiada. A anulação completa da tortura, em um terceiro momento, é necessária devido à rejeição consciente dessa ideia e ocorre a partir de uma especificação do conteúdo da dívida (pagar de volta as 3,80 coroas) e da omissão do “não” retirando a supressão do verbo dever. Assim, uma nova transformação em seu contrário ocorre com uma ordem que aparece para anular a sanção do momento anterior.

Segundo momento:

– “~~Não~~ dar de volta (*Nicht zurückgeben*) o ~~dinheiro~~ (*Geld*), ou então (*sonst*) a tortura dos ratos aconteceria a seu pai e a sua dama”.

**(O não é suprimido, o dinheiro é especificado por uma perífrase e a condição desaparece)**



Terceiro momento:

– “Você deve (*musst*) devolver (*zurückgeben*) as 3,80 coroas ao Tenente David”.

**(O dever transforma a sanção em uma ordem novamente e há uma especificação da dívida para que a ordem possa ser cumprida)**

Assim, há uma nova inversão de conteúdo. O verbo dever, antes suprimido, volta a frase e o conteúdo da dívida, o que deve ser dado de volta, é especificado de maneira que a ordem possa ser cumprida. Esta ordem ou missão que ele se aplica não é nada mais do que uma reparação ao ódio implícito e aplicado em forma de tortura mental, de fantasia, e, portanto, é uma prova de amor também. Uma mudança que ocorre entre o segundo e o terceiro momento é que, a sanção a qual Ernst se autoaplicou devido a tortura que aplicara em seus objetos se torna uma ordem também dirigida a si mesmo no terceiro momento. Sabemos que isto ocorre, pois, quando há a percepção de uma ordem do Capitão por parte de Ernst, o verbo dever presente no primeiro momento é suprimido no segundo. Já no terceiro momento, o verbo dever volta, como uma sanção em forma de juramento dirigida por ele a si mesmo.

Portanto, no terceiro momento a ordem que fora dada pelo Capitão volta, porém dirigida por Ernst a si mesmo.

Como formações pulsionais consequentes à experiência com o Capitão Nemecek, a qual Freud denomina “O grande medo cercivo”, identificamos a fantasia e a inibição. Para que a análise previamente iniciada fique mais clara e para que esta possa ter prosseguimento é preciso esclarecer o papel de cada uma dessas consequências, fantasia e inibição, com o destino pulsional aqui tratado, *a transformação da pulsão em seu contrário*. Ao ser dividido entre *inversão de conteúdo* e *redirecionamento da pulsão da atividade para a passividade*, o intuito de Freud era que fosse possível uma visualização mais clara dessa defesa, ou destino, ao qual a pulsão deve ser submetida, uma vez que a pulsão não pode encontrar livre expressão na consciência.

Assim, foi examinado aqui que as sanções as quais Ernst experimentava eram reflexo de uma *fantasia*, fantasia esta sádica, de tortura, que era experimentada em automatismo. Ernst primeiro experimentara a sanção quando, na noite anterior, o Capitão Nemecek relatou como seria praticada uma cruel tortura no oriente com o uso de ratos. A sanção viera como reação à fantasia de que seu pai e sua namorada fossem submetidos a ela. O mesmo processo se repetiu no dia posterior, quando o mesmo Capitão informara a Ernst que ele havia contraído uma dívida que devia ser paga ao Tenente David, isto é, a *fantasia* de tortura aplicada a seus objetos seguida imediatamente por uma sanção. Seguindo a cadeia causal exposta aqui parece que a sanção, claramente experimentada por Ernst como uma *inibição*, é posterior à *fantasia* e portanto teríamos que perceber a fantasia como condição para um comportamento inibido.

Entretanto há um dado que não está explícito quando Ernst conta a sua fantasia, que é saber o que a motivou. É esse dado que Freud passa boa parte do tratamento se esforçando por fazer Ernst reconhecê-lo, reconhecendo assim algo que é experimentado inconscientemente. Com muita dificuldade, Ernst ao longo do tratamento vai tomando consciência de algo fundamental, de que seus sentimentos afetuosos e amigáveis com relação a seu pai falecido eram apenas a superfície da relação deles. O amor que Ernst experimentava conscientemente por seu pai era digno de dúvida também. Logo, a sua fantasia de tortura era justificada por um ódio que tem como representante um episódio infantil, no qual Ernst experimenta sua ira direcionada ao pai insultando-o, de maneira que Heinrich, atônito, profetiza com relação ao futuro do filho. Não é à toa que, após este episódio, Ernst se tornou um covarde. Ernst tomou

consciência do seu ódio e por medo dele se *inibiu*. Portanto, a motivação da *fantasia* de tortura a qual Ernst submete seus amados objetos é a presença de um contrário, de um ódio que é subjacente e acaba encontrando expressão pulsional pela *fantasia*. A fantasia será tratada posteriormente, porém o que caracteriza a *inversão de conteúdo pulsional* como defesa e destino pulsional é a *inibição*, inibição esta causada pela necessidade de suprimir o ódio em prol de um sentimento amoroso mais aceitável.

### 3.1.2 Redirecionamento da pulsão da atividade para a passividade

Relembremos que a reação de Ernst à fala do Capitão Nemecek são duas *transformações em seu contrário* daquilo que o Capitão falara, ou seja, a frase “você deve lhe reembolsar”, expressa pelo Capitão, primeiro se transforma em “não dar de volta o dinheiro” e depois em “você deve devolver as 3,80 coroas ao Tenente David”, ambas as últimas dirigidas por Ernst a si mesmo. O que se passa na sequência dessas duas *transformações em seu contrário* ocorridas em consequência da “ordem” dada pelo Capitão é que a meta pulsional ativa, que visava sadicamente a tortura dos seus objetos, na fantasia, passa a ser passiva ligando o conteúdo da proposição “devolver 3,80 coroas” à Lanzer novamente.

Essa ligação é feita pelo verbo dever, ou seja, o que liga Lanzer à necessidade de reembolsar o Tenente David é o fato reconhecido por Lanzer de que ele deve fazer isso. O que torna a meta pulsional ativa e que é indicado por essa primeira modificação (tortura fantasiada por Lanzer) não é o ato de pagar, expresso nas proposições, tanto que o verbo dever que exprime essa necessidade é suprimido, mas sim o ato de torturar, pois é esse ato, mesmo que mental e fantasiado, que efetua a descarga pulsional agressiva e motiva a emersão de uma sanção.

Se em um momento intermediário a *transformação em seu contrário* indicava (momento da fantasia, intermediário entre o primeiro e o segundo) na proposição expressa mentalmente por Lanzer uma meta ativa de tortura, isto é, sádica, e que precisou que imediatamente sofresse uma sanção, uma *inibição*, em um terceiro momento, após a segunda *transformação em seu contrário* sofrida, essa meta torna-se passiva, na qual o alvo deixa de ser os objetos pai e namorada e passa a ser o próprio Lanzer.

**Primeiro momento:**

“O Tenente David pagou as despesas para você. Você lhe deve (*musst*) reembolsar (*zurückgeben*)”.

**(Aqui Lanzer é objeto)**



**PRESENÇA DA FANTASIA NA QUAL ERNST TORTURA SEUS OBJETOS**

**(Aqui Lanzer torna-se sujeito, agente, pois reage invertendo pulsionalmente a ordem percebida, na qual ele era objeto, e passa a torturar ativamente seus objetos)**

**Segundo Momento:**

“Não dar de volta (*Nicht zurückgeben*) o dinheiro (*Geld*), ou então (*sonst*) a tortura dos ratos aconteceria a seu pai e a sua dama”.

**(Ele reage à tortura infringida por ele em seus objetos sancionando-se. Aqui ele é sujeito preste a se tornar objeto também)**

**Terceiro momento:**

“Você deve (*musst*) devolver (*zurückgeben*) as 3,80 coroas ao Tenente David”.

**(Sua sanção torna-se uma ordem dirigida a si mesmo. Aqui ele é sujeito e objeto)**

Há um adendo a ser feito uma vez que Freud explicita que o *redirecionamento de uma pulsão da atividade para passividade* só se refere às metas da pulsão, isto é, ela foi ativa quando sua descarga era exercida a partir da tortura dos seus objetos e torna-se passiva quando há a troca desses objetos por si próprio. Isso implica que há uma simultaneidade entre o *redirecionamento da pulsão da atividade para passividade* e o *redirecionamento da pulsão contra a própria pessoa*. No caso da neurose obsessiva estaremos falando não de uma inversão completa da atividade para passividade, mas sim de uma meta ativa/passiva (Freud, 1914, EPSI, vol. I, p.153), uma vez que há uma troca de objetos e a passividade não é perante uma outra pessoa, mas sim a si próprio, sendo o sujeito portanto, de igual maneira ativo e passivo, sujeito e objeto.

Assim o que observamos é: em um primeiro momento uma ordem é dada pelo Capitão, essa ordem é metabolizada psiquicamente por Lanzer motivando a fantasia de tortura, esta por sua vez é motivada por um ódio inconsciente, e em um segundo momento emerge uma sanção como uma reação à fantasia, como uma inibição. No terceiro momento a sanção anterior é substituída por uma ordem dada por Ernst a si mesmo, a tortura ativa contra seus objetos passa a ser autodirigida adotando também a posição passiva caracterizando uma nova inibição. Notemos que na qualidade de ordem, Lanzer ocupa a posição de objeto e o verbo dever está positivado e na qualidade de sanção, que vem como defesa indicando que na fantasia Lanzer fora o sujeito ativo, seu pai e sua dama foram os objetos e o verbo dever, suprimido, está negativado. Isto mostra que ao perceber o aspecto imperativo carregado pelo verbo dever, Lanzer assume a posição de objeto de maneira que em seu psiquismo o dever ganha uma coloração afetiva de imperativo, de ordem, de um farás em prol da reparação de uma dívida.

Aqui a dívida tem um sentido ambíguo, pois pode ser tanto a dívida que ele se sente coagido a pagar se relacionando deslocadamente com o mito da dívida paterna dos tempos de exército, quanto a uma dívida que Ernst possui com seus objetos, afinal ele também os odeia, mesmo que inconscientemente. Portanto, temos a inibição como grande representante do destino de *transformação da pulsão em seu contrário*. Essa inibição está no cerne de todas as medidas defensivas que são tomadas *a posteriori*, uma vez que elas surgem como reação ao ódio inconsciente que é experimentado com estranheza a partir da fantasia, de maneira a motivar um intercambio do Eu entre agente e objeto da pulsão.

A *inibição* como representante do destino da *transformação da pulsão em seu contrário* se correlaciona com o dever de maneira que ela revela a presença de um ódio subjacente que é a sua condição. Este ódio é dirigido sempre a uma figura de autoridade e esta autoridade é desempenhada por uma imposição externa representada linguisticamente na fala pelo verbo dever e mentalmente pela categoria dever. A inibição se correlaciona com o dever também a partir da coerção, uma vez que esta coerção passa a ser consequência da inibição como pode ser observado nas modificações feitas por Ernst na frase proferida pelo Capitão. O Capitão fala que Ernst deve, este por sua vez reage com um não (deve). Uma outra transformação da pulsão em seu contrário vem como uma inibição dessa imperatividade de Ernst simbolizada na frase pelo não e que implicava no sadismo aplicado na fantasia de tortura. A consequência dessa outra transformação em contrário é mais uma inibição, pois o sadismo de Ernst com relação aos seus objetos é inibido.

Entretanto, só foi possível explicitar aqui a inibição a partir da fantasia e localizamos anteriormente uma certa continuidade entre o *redirecionamento da pulsão da atividade para a passividade*, uma parte constituinte do destino da transformação da pulsão em seu contrário, e o destino do *redirecionamento da pulsão contra a própria pessoa*. Portanto, a seguir será tratada dessa continuidade e da questão da fantasia como formação pulsional.

### 3.2 Dever e o redirecionamento da pulsão contra a própria pessoa

Já vimos que após a ordem do Capitão Nemecek é possível observar que a sanção que vem à mente de Lanzer é patente de uma inibição, implica um sadismo e é justamente o contrário da asserção proferida pelo Capitão:

Você lhe deve **reembolsar** → Não **devolver** o **dinheiro**.

Em seguida outra inversão de conteúdo ocorre **imediatamente** na mente de Lanzer:

Não devolver o dinheiro → Você deve pagar de volta as 3,80 coroas.

Entretanto, para oferecermos um aspecto mais convincente de que a “ordem” do Capitão teve uma repercussão pulsional no psiquismo de Lanzer somos obrigados a ir mais a fundo nessa análise. Para isso vamos nos valer da exemplificação feita por Freud em relação ao par sadismo-masoquismo a partir do seguinte modelo (1915, EPSI, vol. I, p.153):

a.O sadismo consiste em violência, em exercício de poder contra outra pessoa tomada como objeto.

b.Este objeto é deixado de lado e substituído agora pela própria pessoa. O redirecionamento contra a própria pessoa agora transforma, ao mesmo tempo, a meta pulsional ativa em passiva.

c.Novamente outra (*fremde*) pessoa é procurada como objeto, a qual, devido à transformação ocorrida na meta, tem então de assumir o papel de sujeito.



Na sequência prossegue Freud:

“como revela o comportamento da pulsão sádica na neurose obsessivo-compulsiva, a suposição do caso b não é supérflua. Na neurose obsessiva-compulsiva, encontramos o redirecionamento contra a própria pessoa, sem fazer-se acompanhar da passividade perante outra pessoa. A transformação vai somente até a etapa b. A compulsão (*Sucht*) de atormentar se transforma em autotortura, autopunição, mas não em masoquismo.”

Freud continua sua explanação indicando por que não podemos considerar o processo neurótico obsessivo-compulsivo como um masoquismo. Neste, a pulsão sádica além de buscar uma ação dirigida a humilhar, subjugar, busca também infligir dor, o que após a transformação em masoquismo ser completada, essas dores se tornam apropriadas para servirem de meta masoquista passiva (idid).

Portanto, para continuar nossa análise vamos nos valer da parte a e b do modelo acima descrito. Vimos que ao transformar em seu contrário o proferimento do Capitão Nemecek, o psiquismo de Lanzer passa a infligir a tortura dos ratos tanto no seu pai quanto na sua amada dama. Neste caso, a meta pulsional ativa se faz presente, seu pai e sua dama são objetos do seu sadismo. Entretanto, como nos esclarece Freud na sua suposição b, os objetos que apareceram em um segundo momento são deixados de lado e substituídos pelo próprio Lanzer. Sua subversão da “ordem” do Capitão Nemecek não implica mais na tortura de seus objetos, mas sim de um ataque a si mesmo, uma vez que ele os substitui. Isso transforma, ao mesmo tempo, a pulsão em ativa e passiva, ativa por ser dirigida sadicamente por Lanzer e passiva pela substituição dos objetos por si mesmo, sendo vítima dessa tortura apenas perante a si próprio.

A partir desse processo podemos observar mais claramente o *redirecionamento da pulsão contra a própria pessoa* agindo como defesa. A pulsão primeiro é ativa na violência sádica contra os objetos (pai e dama) e depois passiva quando o sujeito (Lanzer) os substitui e tortura a si mesmo a partir do sintoma obsessivo. Nesse movimento de autopunição temos um ciclo pulsional obsessivo completo, onde a compulsão de atormentar se transforma em autotortura, o desejo de torturar passa a ser uma autotortura, ou seja, autocoercivo.

Antes de avançarmos na nossa análise pulsional é preciso reiterar uma posição que ficou em aberto no item anterior que é: o *redirecionamento de uma pulsão da atividade para passividade* ocorre simultaneamente ao *redirecionamento da pulsão contra a própria pessoa*. Para isso recordemos a citação de Freud da conversa tida entre Ernst Lanzer e o Capitão Nemecek, conversa essa que desencadeou a crise de Lanzer. Nela o Capitão dissera a Lanzer: “O Tenente David pagou as despesas para você. Você deve lhe reembolsar”. Então, na sequência, veio uma sanção à mente de Lanzer: Não devolver o dinheiro, ou aquilo iria acontecer (a tortura dos ratos). Esta conversa que já analisamos insistentemente guarda uma novidade ainda não explorada aqui, pois na sequência da sanção proferida mentalmente por Lanzer “*imediatamente*, conforme um procedimento que lhe era familiar, para combater essa sanção surgira uma ordem na forma de um juramento: Você deve pagar de volta as 3,80 coroas ao Tenente David (Freud, 1909, ESB, vol. X, p. 151)”.

O que ocorre no momento em que a sanção é substituída *imediatamente* por uma ordem é que há uma troca de objeto. Pai e dama que eram os objetos da pulsão são substituídos pelo próprio Lanzer e é dessa forma que há um redirecionamento da pulsão contra o próprio eu. Se antes seus objetos eram vítimas da sua agressividade, agora a vítima é ele. Ele se torna num mesmo momento sujeito e objeto da pulsão e, assim, temos a *fantasia* como a consequência experimentada pelo *redirecionamento da pulsão contra a própria pessoa*. Ou seja, uma pulsão que encontra barreira para sua satisfação na *inversão de conteúdo* acha na virtualização característica da fantasia uma forma de descarga. Essa virtualização propiciada pela fantasia é patente do movimento que é iniciado primeiro no *redirecionamento da pulsão da atividade para a passividade* e que é arrematado no *redirecionamento da pulsão contra o próprio eu*. Ou seja, a descarga que era impossível devido a uma inibição (*inversão de conteúdo*) passa a ser possível, mesmo que parcialmente, de maneira virtual, isto é, fantasiada.

É interessante notar que ocorre uma complementariedade entre o *redirecionamento da pulsão da atividade para a passividade*, parte componente da *transformação da pulsão em seu contrário*, e o *redirecionamento da pulsão contra a própria pessoa*. Isso denota uma insuficiência da *transformação da pulsão em seu contrário* precisando de uma complexificação maior dessa defesa contra a pulsão de maneira a exigir do Eu que se trate não só apenas como sujeito, mas sim também como objeto, ou seja, desenvolver a capacidade de reconhecer o outro e se colocar no lugar do outro.

Isso que chamamos de complexificação poderia ser chamado também de responsabilização, já que ela ocorre quando um agente se coloca no lugar de objeto do seu próprio ato. Essa observação tem relevância para presente análise uma vez que mostra claramente, em um sintoma obsessivo, a necessidade de um desenvolvimento psíquico no qual o Eu se reconheça, reconheça o outro, se coloque no lugar desse outro e responda por esse lugar. O que ocorre e que podemos muito bem observar no exemplo analisado é que essa separação entre Eu e outro não é tão clara devido ao fato dos destinos pulsionais demandarem uma substituição do outro por si-mesmo. Essa responsabilização, ou seja, o comprometimento do Eu com o outro e consigo mesmo exige como aparato uma ferramenta que dê conta dessa demanda. Essa ferramenta é a linguagem, onde sujeitos e objetos são intercambiáveis, e neste caso em específico, a noção internalizada de dever é que cumpre essa função.

Em um movimento automático, Lanzer sadicamente infringe a temida tortura aos seus objetos. A esta fantasia é atrelada uma medida defensiva, isto é, uma sanção, uma inibição, que impede que a fantasia de tortura chegue explicitamente à consciência, mas por outro lado, permite que essa fantasia emergja de maneira deformada. Se a *inibição* é a grande consequência da *transformação da pulsão em seu contrário*, a *fantasia* que Ernst experimenta é a consequência vivenciada por ele pelo *redirecionamento da pulsão contra a própria pessoa*. Esta defesa contra a pulsão se correlaciona ao dever por implicar, como podemos observar nos exemplos citados, em uma responsabilização. A pulsão que buscava uma consecução sádica a partir do outro como objeto, passa a ser redirecionada contra a própria pessoa, contra o Eu ao invés do outro.

Agora, portanto, estudaremos de que forma a suposição propiciada pelo recalque obsessivo aumenta a ansiedade de Lanzer fazendo com que seja lançado mão uma nova defesa. Assim temos o sintoma como representante do recalque e, portanto, vejamos de que maneira ele é experienciado por Ernst Lanzer.

### 3.3 Dever e o recalque

Devido a análise do que Freud chamou de “O grande medo coercivo” foi possível demonstrar nos itens anteriores como, a partir das modificações do conteúdo proferido pelo Capitão Nemecek entendido por Lanzer como uma ordem, há uma evolução nas defesas do psíquimo de Lanzer contra as moções pulsionais percebidas. Essa evolução se dá primeiro com a tentativa de anular a pulsão por uma *inversão de seu conteúdo* e depois, de forma complementar, pelo seu *redirecionamento da atividade para passividade* e o seu *redirecionamento contra a própria pessoa*.

Nosso percurso anterior de exame dos destinos pulsionais nos foi útil na medida em que foi possível correlacioná-los a situação relatada pelo paciente como o estopim para a sua crise. Isto é, as modificações das defesas contra a pulsão acompanharam as modificações feitas em automatismo pelo psiquismo de Lanzer daquilo que havia sido proferido para ele.

O que fica evidente é que essas defesas não se demonstraram suficientes para aplacar a pressão pulsional só exacerbando o seu dever experimentado em sintomas obsessivos e compulsivos. Tanto não foram que Lanzer, já desesperado por uma solução, é obrigado a procurar Freud. Ao longo do caso clínico fica claro o reconhecimento do paciente de que seus sintomas são absurdos e plenamente injustificáveis. Tudo passa a assumir um caráter estranho na medida em que Lanzer se sente sujeito aos ritos e obrigações infundadas que lhe são impostos.

A psicanálise nos ensina que o caráter estranho de determinado conteúdo psíquico é resultado do desenvolvimento inconsciente de um representante pulsional. Isso ocorre, pois este representante pulsional é mantido no inconsciente através do recalque de maneira a se desenvolver desinibidamente devido às características do inconsciente (Freud, 1915, EPSI, vol. I, p.179). Essa informação nos leva a crer que a partir do estudo do recalque poderemos oferecer um aspecto mais completo acerca da situação de crise experienciada por Lanzer, uma vez que esta nos fornecerá pistas sobre os desdobramentos inconsciente ocorridos, motivados pelo contato com o Capitão Nemecek, e será possível elucidar de que forma o dever se articula com a situação vivida por Lanzer.

Em seu modelo descritivo do recalque (*Verdrängung*), Freud faz uma diferenciação entre o recalque original (*Urverdrängung*) e o recalque propriamente dito, que seria um pós-calcar (*Nachdrängen*) desse recalque original. Assim, o recalque original:

“consiste em interditar ao representante (*Repräsentanz*) psíquico da pulsão (a sua representação mental [*Vorstellung*]) a entrada e admissão no consciente. Esse recalque estabelece então uma fixação, e a partir daí o representante em questão subsistirá inalterado e a pulsão permanecerá a ele enlaçada (Freud, 1915, EPSI, vol. I, p.178-179).”

Em um momento posterior a esse processo originário do recalque ocorrerá “o recalque propriamente dito” (Freud, 1915, EPSI, vol. I, p.179), isto é, um processo no qual “representações derivadas do representante recalcado ou ainda aquelas cadeias de pensamentos que, provindo de outros lugares, acabam estabelecendo ligações (*Beziehungen*) associativas com esse representante”. Dessa forma, o processo de recalque se divide em um recalque original (*Urverdrängung*) que terá em um representante psíquico da pulsão recalcado o modelo para os recalques posteriores que ocorrem em forma de processo, de um pós-calcar (*Nachdrängen*), no qual aquelas representações derivadas desse representante original ou cadeias associativas que estabelecem ligações com ele sofrem a ação do processo de recalque. Freud descreve um movimento de maneira a explicar que tais conteúdos não só são repelidos pela resistência consciente, como também são atraídos pelo representante recalcado, de forma a continuarem inconscientes estabelecendo ligações e se organizando pulsionalmente (Freud, 1915, EPSI, vol. I, p.179).

Outra característica do recalque é exposta. O conteúdo recalcado exerce pressão em relação ao consciente de maneira que, para equilibrar o processo, é necessária uma contrapressão, ou seja, um dispêndio de força constante para a manutenção do processo e desta forma podemos observar como o conflito psíquico se dá em termos econômicos.

Entretanto, o processo de recalque é pautado pelo recalque original, isto é, na medida em que representações recalçadas posteriormente são mantidas no inconsciente e passam a se deformarem pelos processos primários elas começam a ganhar um caráter distante daquele do recalcado na origem sendo possível assim, driblar a censura e chegar à consciência. Nesse momento é bem-vinda uma outra diferenciação sutil da proposta freudiana de recalque que possui repercussões. O representante (*Repräsentanz*) é aquele que é recalcado e mantido no inconsciente, seja pelo recalque original, seja pelo processo de recalque que a partir dessa origem se dá como processo, de forma intermitente. Ele se diferencia da representação (*Vorstellung*), daquilo que se apresenta à consciência em formatação imagética de

pensamento, e do afeto (*Affekt*), que chega à consciência em forma de sensações, de maneira que para o estudo do recalque Freud dá a orientação de que este deve ser analisado sobre dois vieses; o das representações e o dos afetos.

Neste modelo, o representante da pulsão é sempre inconsciente, e pode encontrar expressão consciente a partir de deformações de seu conteúdo original devido aos processos primários do inconsciente. O recalque é, portanto, um recalque (de um representante) *pulsional*, que admite, apenas, a partir de representações deslocadas e afetos, a expressão na consciência dessas pulsões. Nesse sentido, Freud explicita que o recalque só pode ser analisado de forma retroativa, pois o que se tem acesso inicialmente como pista do recalcado são suas expressões conscientes deformadas pela censura e de aparências estranhas à pessoa (1915, EPSI, vol. I, p.183).

Esse ponto é de vital importância para compreendermos o momento vivido por Lanzer. O que observa-se sob o viés da pulsão é que tanto o destino da *transformação em seu contrário* (que se decompõe em *redirecionamento da atividade para passividade e na inversão de conteúdo*) quanto o *redirecionamento* desta *contra a própria pessoa* não foram defesas suficientes contra a pulsão. Ao estudarmos estes destinos observamos como resultado apenas uma maior autoresponsabilização vivida por Lanzer. Esse excesso de dever é experienciado com estranheza uma vez que aquilo que é representado conscientemente no psiquismo como motivo é completamente injustificável. Isto é, o dever ao qual Lanzer se autocoagia a cumprir era quitar uma dívida ínfima de 3,80 coroas tchecas. Mas a que se deve esse aparente excesso entre o conteúdo da dívida e a obrigação sentida.

Como exercício de explicação, Freud (1915, EPSI, vol. I, p. 185-186) ilustra o funcionamento do recalque na neurose obsessiva.

*“Aqui ficamos inicialmente em dúvida sobre o que devemos encarar como o representante que está submetido ao recalque, se um anseio libidinal ou um hostil. A incerteza provém do fato de que a neurose obsessivo-compulsiva pressupõe uma regressão, por intermédio da qual um anseio sádico entrou no lugar de um amoroso. Esse impulso hostil contra uma pessoa amada é que está submetido ao recalque. O efeito, numa primeira fase do trabalho de recalque, é bem diferente do que se verifica em uma fase posterior. De início, o recalque tem sucesso absoluto, o conteúdo da representação é rechaçado e o afeto acaba desaparecendo. Como formação substitutiva ocorre uma alteração do Eu e um aumento da conscienciosidade, que não podemos*

propriamente designar como sintoma. Aqui formação substitutiva e formação de sintoma não coincidem. Também nesse caso aprende-se algo a respeito do mecanismo de recalque. *Como em todos os outros casos, o recalque efetuou uma retirada da libido, mas agora se utilizou da formação reativa para esse fim, intensificando um oposto. A formação substitutiva emprega, portanto, nesse caso, o mesmo mecanismo que o recalque e basicamente coincide com ele, porém se distingue temporal e conceitualmente da formação de sintoma.* É muito provável que a condição que viabilize todo o processo seja exatamente a relação de ambivalência, na qual ocorre a inserção do impulso sádico a ser recalcado.”

Na neurose obsessiva há uma certa falta de clareza se o que está sendo submetido ao recalque é um representante libidinoso ou hostil. Isso ocorre, pois há uma regressão na qual um anseio sádico substituiu um amoroso de maneira que o impulso submetido ao recalque seria o hostil. A ambivalência surge devido a esses dois impulsos que passam a ocupar o mesmo lugar. Segundo Freud (1915, EPSI, vol. I, p.185) “esse impulso hostil contra uma pessoa amada é que está sendo submetido ao recalque.” Para que o recalque aconteça há uma retirada de energia, um desinvestimento objetual a partir da formação reativa, de forma a intensificar o oposto, o que era odiado passa a ser amado (inversão de conteúdo, amor e ódio). Se essa ambivalência permitiu inicialmente a ação do recalque é a partir dela que há o retorno do recalcado, de maneira que o sucesso do recalque não se sustenta. Dessa forma, a representação é substituída por deslocamento por uma outra menos relevante, sem que esse deslocamento seja suficiente para inviabilizar à restauração dessa representação sem muitas dificuldades. Essa frágil manutenção da representação fora da consciência acarreta uma paralização. “Assim, o trabalho de recalque da neurose obsessiva resulta numa luta sem êxito nem fim.” Por sua vez “o afeto desaparecido retorna transformado em medo social (*sozialen Angst*), em medo da própria consciência moral e na forma de uma repreensão impiedosa” (Freud, 1915, EPSI, vol. I, p. 185-186).

Para que seja possível obtermos um aspecto mais claro da questão do recalque obsessivo é preciso que destrinchemos os dois parágrafos anteriores. Primeiro observemos a citação na qual Freud afirma que “*é muito provável que a condição que viabilize todo o processo seja exatamente a relação de ambivalência, na qual ocorre a inserção do impulso sádico a ser recalcado*”. Esse impulso sádico é aquele que é recalcado devido a sua hostilidade inaceitável contra a pessoa amada. Isso ocorre, pois, devido à regressão “*um anseio sádico entrou no lugar de um amoroso*” de maneira a dificultar a visualização do que realmente estaria sendo submetido ao recalque. Neste caso, Freud está especulando sobre

representantes pulsionais, isto é, sua localização é inconsciente, mas surge a questão: Qual seria a expressão desses representantes na consciência? Não restam dúvidas de que estamos falando aqui do par amor e ódio como conteúdo que chega à consciência. Fato este corroborado pela palavra ambivalência usada por Freud.

Continuando nossa exposição é preciso lembrar que o impulso sádico do qual Freud exemplifica como hostilidade implica necessariamente uma atividade. Atividade essa que fora demonstrada anteriormente na análise de “O grande medo coercivo” como uma repercussão do sadismo. Freud é sagaz ao explicitar que na neurose obsessiva não há um masoquismo no *redirecionamento da pulsão da atividade para a passividade*. Essa posição é mantida na sua descrição do recalque, na qual afirma que “*ocorre uma alteração do Eu e um aumento da conscienciosidade*”, conscienciosidade moral, uma satisfação moral sobre o sadismo praticado. Ou seja, o resultado do processo é ativo e passivo ao mesmo tempo, uma vez que essa conscienciosidade moral tem como agente e objeto a mesma pessoa e, por sua vez, também dirigido pela pessoa contra si mesmo.

Na sequência da descrição chama também atenção as frases: “*Como em todos os outros casos, o recalque efetuou uma retirada da libido, mas agora se utilizou da formação reativa para esse fim, intensificando um oposto*”. Essa retirada de libido que se valeu da formação reativa é aquela mesma que possibilitou a *transformação da pulsão da atividade para passividade e o retorno da pulsão contra si mesmo*. Ou seja, há aqui novamente a sequência dos destinos pulsionais agindo como defesa, situação que pudemos observar previamente na análise que fizemos de “O grande medo coercivo” e que se repete na montagem do recalque. A evolução do recalque desenvolvida a partir desses destinos pulsionais anteriores seria expressa pela seguinte frase: “*A formação substitutiva emprega, portanto, nesse caso, o mesmo mecanismo que o recalque e basicamente coincide com ele, porém se distingue temporal e conceitualmente da formação de sintoma*”. Isto é, essa formação substitutiva, que vem como o retorno do recalcado se vale da situação de enunciação do Capitão Nemecek para refletir o conflito psíquico subjacente. Essa informação sustenta a hipótese de de que na neurose obsessiva há um problema de contiguidade (Mahony, 1986, p. 69), suposição esta confirmada por Freud ao dizer que na neurose obsessiva, o reflexo desse movimento defensivo no psiquismo é o produto do recalque no obsessivo, isto é, representações levemente deslocadas e um afeto incoerente à suas representações.



Portanto, seguiremos a orientação de Freud de maneira a estudar o recalque, no caso de Lanzer, retroativamente a partir da representação e do afeto. No caso do afeto há uma sensação de estranheza, de incompatibilidade entre o medo e, posteriormente, a culpa sentidos.

A questão da culpa se dá em uma situação posterior à morte de Heinrich, pai de Ernst. Dezoito meses após a sua morte, o jovem Ernst que até então negava a morte de seu pai passa a se sentir culpado por ter tirado um cochilo e não ter estado presente no seu leito de morte. Isso se dá em um funeral de uma tia, ao qual Ernst vai por consideração, e fica profundamente ofendido por um comentário no qual o marido da falecida exclama: “Outros homens se permitem todo tipo de indulgência possível, eu, porém vivi só para essa mulher!”. Embora quem proferira a frase tivesse negado a interpretação de Ernst de que este tivera feito alusão ao seu pai morto, Ernst mantivera como verdade sua suposição. A partir desse momento Ernst se condena, ele é um criminoso de maneira que Palatzer, seu fiel amigo, precisa apoiá-lo na tentativa de afastar essas autorecriminações.

Ernst passa a conviver com a culpa e uma série de sintomas obsessivos até anos mais tarde ocorrer a fatídica conversa com o Capitão Nemecek, na qual é mencionada a tortura dos ratos, e no dia seguinte o Capitão proferir o dever de que Ernst Lanzer deveria pagar o reembolso do correio para o seu colega Tenente. O afeto resultante desse encontro é um medo igualmente estranho e incoerente com a situação. Após o Capitão ter contado a tortura dos ratos, Ernst passa a temer que seu pai e sua amada dama a sofressem. Este medo momentâneo se transforma após o proferimento do Capitão, o qual exprimia que Lanzer tinha o dever de reembolsar um ínfimo valor ao tenente. Esta transformação se dá da seguinte forma, Ernst precisa agora de qualquer maneira cumprir o dever expresso pelo Capitão e para isso passa a se coagir de maneira absurda.

A coerção ocorre, pois após o proferimento do Capitão, Ernst reage negativando-o e assim transformando-o primeiramente em seu contrário devido ao seu ódio inconsciente, o que fez com que ele como medida de reparação, ou como preferiu Freud (1909, GW, vol. VII, p. 412) uma obsessão por proteger (*Schutzzwang*), anulasse esse desejo positivando o dever expresso em forma de “ordem” novamente e, assim, passando de uma posição ativa de torturador de seus objetos de amor/ódio, para uma ativa/passiva na qual era sujeito e objeto ao mesmo tempo da tortura, na medida em que era vítima da sua autocoerção.

Ou seja, a hostilidade inconsciente manifesta pela pulsão sádica se transforma em medo e depois em autocoerção. A fonte desse processo é a culpa que alimentada pelo seu dever retroalimentará o sistema. Assim observamos a situação a partir da qual Ernst passa a experimentar a culpa pela morte do seu pai. Após ouvir a exaltação moral do viúvo transforma-a no seu contrário supondo seu pai ter sido acusado do oposto que fora exprimido. Mesmo se achando cheio de razão, quem fizera essa suposição fora ele, motivado inconscientemente pela sua hostilidade, a mesma que por diversas ocasiões foi fonte de um desejo de que seu pai morresse para que deixasse de ser interditor de seus anseios. Freud demonstra que é exatamente esse desejo recalcado que é a fonte do comportamento autocoercivo de Lanzer.

Tanto a representação da tortura dos ratos, tendo como vítima seu pai e Gisela, quanto a cena do casamento tem algo em comum. São distorções daquilo que se apresenta a Ernst e daquilo que está recalcado e inconsciente. Ambas as representações tem a função de propiciar a descarga pulsional, uma vez que enquanto retida no inconsciente essa descarga é impossível de ser efetuada. Isso ocorre tal qual o exemplo dado professoralmente por Freud para Lanzer acerca do que seria o recalque. Essas representações não seriam nada mais que “a nossa polícia, não podendo agarrar o assassino certo, prende, em seu lugar, uma pessoa errada” (Freud, 1909, ESB, vol. X, p. 157; GW, vol. VII, p. 400). Ou seja, essas representações, é verdade deslocadas, são suposições que serviram de bode expiatório para justificar o afeto sentido com estranheza, como algo incoerente.

Esse processo intermediário que conecta o afeto à representação é simbolizado pela palavra alemã *erraten*. Mahony (1991, p. 36, p.114) correlaciona a palavra *erraten*, que em alemão significa adivinhar com precisão, supor, com o momento em que Ernst está relatando a Freud, aquilo que o Capitão lhe contara, como a tortura dos ratos era praticada. Assim, o autor explica de que forma Freud fora manipulado por Ernst para supor que o local onde o rato seria introduzido fora o anús. Sendo que *erraten* se aproxima de outra palavra alemã, *raten*, tendo as duas como única diferença o fato de que a primeira significa supor com precisão, com correção, Mahony prosegue: “o homem dos ratos multiplicava vazios em suas sentenças, os quais Freud preenchia com a suposição correta – *erraten*”. O verbo substantivado “ratos”, *Ratten* em alemão presente nas duas palavras, “passou por cima dos limites gramaticais e conceituais para se tornar um expressão de leitura de mente”.

No rastreamento das vivências infantis que haviam motivado o comportamento autocoercivo de Ernst, Freud chega a uma situação enunciada pelo seu paciente. Posteriormente, Freud usa a palavra alemão *erraten* para descrever a suposta capacidade dos seus pais de saber o que ele pensava.

Lanzer supunha que o início de sua doença se dera quanto ele tinha seis anos. O motivo disso era que nessa idade ele tinha uma ideia mórbida de que seus pais conheciam (*wüssten*) seus pensamentos (*Gedanken*). Isto era um problema, uma vez que ao sentir um forte desejo de ver mulheres nuas havia uma interferência, uma sensação estranha, de que ele **deveria** fazer de tudo para evitar esse desejo (Freud 1909, ESB, vol. X, p. 146; GW, vol. VII, p.387).

Freud é enfático ao afirmar que essa suposição do seu paciente não era apenas o início de sua “doença”, como pensara Lanzer, mas sim já era a própria (Freud 1909, ESB, vol. X, p. 146; GW, vol. VII, p.387-388):

“A criança, como vimos, estava sob o domínio de um componente da pulsão sexual (*sexuellen Triebkomponente*), o desejo de olhar (escotofilia); como resultado deste, existia nele uma constante recorrência de um desejo muito intenso relacionado com pessoas do sexo feminino que o agradavam- ou seja, o desejo de velas nuas (...) Não obstante, a oposição a esse desejo a partir dessa ou daquela fonte já estava em atividade, de vez que sua ocorrência era regularmente acompanhada de um afeto doloroso (*peinliche Affekt*) (...) Paralelamente ao desejo coercitivo (*Zwangs wünsch*), e com ele intimamente associado, havia um medo coercivo (*Zwangs befürchtung*); Então sempre que ele pensava (*denkt*) em algo desse tipo, ele devia (*muss*) temer (*fürchten*) que algo assustador aconteceria(...) Portanto, o medo coercivo (*Zwangs befürchtung*) de nosso atual paciente, quando restabelecido seu significado original, seria como se segue: “Se tenho esse desejo de ver uma mulher despida, meu pai deve (*muss*) morrer”. O afeto doloroso (*peinliche Affekt*) estava distintamente colorido com um matiz de estranheza (*Unheimlichen*) e superstição, e já estava começando a gerar impulsos para fazer algo a fim de prevenir algo sinistro (*Abwendung des Unheiles zu tun*). Esses impulsos deveriam, subsequentemente, desenvolver-se em *medidas de proteção* que o paciente adotava.”

É interessante notar que nessa demonstração Freud está explicitando uma tese de que a neurose infantil é o protótipo da neurose adulta, ou em suas palavras: “As neuroses obsessivas

revelam claramente como a histeria que o momento no qual a psicose se forma, não deve ser procurada na vida atual, mas sim na vida sexual infantil” (Freud, 1909, ESB, vol. X, p.148-149; GW, vol. VII, p. 389).

Anteriormente citamos uma passagem do artigo “O Recalque” no qual Freud afirmava que o recalque (*Verdrängung*) era um processo defensivo pautado em um recalque original (*Urverdrängung*). A semelhança entre essa afirmação e a do parágrafo acima não é mera coincidência. Tanto a neurose experienciada na vida adulta tem a sua fonte na neurose infantil, como as defesas e mais especificamente o processo de recalque que ocorre em automatismo hoje é pautado em um recalque original. Nesse sentido a explicação da neurose está nas vivências infantis de maneira que para Freud, essas vivências têm grande importância para a revelação do que têm por traz do sofrimento sentido por Lanzer.

Para o paciente “o motivo imediato (*direkte Anlass*) para eu vir visitá-lo (Freud, 1909 ESB, vol. X, p. 149; GW, vol. VII, p. 389)” foi a experiência com o Capitão Nemeček durante as manobras militares na Galícia. Para Freud, esta é apenas a ponta do iceberg a ser desvendado na sua explicação teórica sobre o caso clínico. Isto é demonstrado pelas correlações que pudemos traçar das vivências infantis de Ernst até o momento de sua crise.

Para que possamos nos dar por satisfeito nesse “rastreamento” do recalque, tarefa impossível e que só pode ter um resultado restrito devido as evidentes limitações as quais esse trabalho está submetido, é preciso tornar clara uma questão. A palavra usada por Lanzer para descrever a capacidade dos seus pais de conhecer o que ele estava pensando foi *wüssten*, que é traduzida para o português por saber (Freud 1909, ESB, vol. X, p. 146; GW, vol. VII, p. 386). Entretanto, Freud descreve a mesma situação posteriormente utilizando a palavra *erraten* que significa em alemão adivinhar, supor com precisão.

Freud utiliza a palavra *erraten* quatro vezes durante a parte expositiva do caso clínico. Duas no início de “O grande medo coercivo”, parte C do caso, quando o paciente está à duras penas descrevendo como a tortura dos ratos era aplicada e duas, com o mesmo sentido expresso pelo paciente, de *wüssten*, de saber, quando este se refere ao suposto fato de seus pais conhecerem seus pensamentos, apenas trocando sinônimicamente *wüssten* por *erraten*. Durante “O grande medo coercivo”, as duas ocorrências de *erraten* dizem respeito a um compromisso assumido por Freud de tentar adivinhar (*erraten*) o que o paciente tentava lhe contar ali com tanta dificuldade (Freud 1909, ESB, vol. X, p. 149-150; GW, vol. VII, p.391-

392). Isto é, Ernst, impelido por Freud a relatar a tortura dos ratos nos mínimos detalhes devido a regra fundamental da psicanálise, sofria grande dificuldade em superar as resistências as quais estava submetido, de maneira que Freud, percebendo a situação, tenta ajuda-lo chegando até a completar a história da tortura contada por Ernst ao adivinhar por onde o rato cavaria caminho para escapar.

As outras duas ocorrências de *erraten* se situam na parte D do caso, intitulada “Iniciação na natureza do tratamento”, na qual é relatada a sexta sessão conduzida por Freud onde ele recapitula a situação contada por Ernst, na qual ele diz que ele tinha medo (*Angst*), e duas páginas na sequência, que ele temia (*gefürchtet*), que seus pais adivinhassem (*erraten*) seu pensamento (Freud, 1909 ESB, vol. X, p. 159; GW, vol. VII, p. 402, 404).

A palavra *erraten* é usada duas vezes na sessão D justamente no momento em que Freud pretende correlacionar as vivências infantis com a situação experienciada por Ernst no momento atual. Ao contrário do seu uso na sessão C quando diz respeito a uma postura ativa de Freud cujo intuito é tentar adivinhar para ajudar o paciente a superar as resistências e relatar a temida tortura dos ratos que fora contada a ele pelo Capitão Nemecek. Seguindo o rastro das vivências infantis, ao falar na sessão B do caso, intitulada sexualidade infantil, do seu prazer escotofílico, Ernst menciona que junto ao seu forte desejo de ver mulheres nuas havia um estranho (*unheimliches*) sentimento (*Gefühl*), de que alguma coisa devia (*müsste*) acontecer, sendo que ele devia (*müsste*) fazer de tudo para evitar esses pensamentos. Aqui fica claro que os pensamentos que ele devia evitar era com relação as mulheres nuas, ou seja, ele não deveria ter esse tipo de fantasia e a condição era que se isso acontecesse seu pai morreria (Freud 1909 ESB, vol. X, p. 146; GW, vol. VII, p. 386).

Essa palavra, *erraten*, significa supor, adivinhar corretamente e se observamos esse significado com muita atenção encontramos nela uma incrível semelhança com o que se entende por recalque obsessivo. Acerca das diferenças de atitude entre o obsessivo e o histérico com relação ao trauma recalcado, Freud afirma que enquanto o obsessivo tem a sensação de sempre ter conhecido essa coisa (recalcada), o histérico tem a sensação de tê-la esquecido há muito tempo. Em uma nota de rodapé dessa afirmação, Freud distingue dois tipos desse conhecimento daquilo que fora recalcado por parte do obsessivo: “com toda justiça, o paciente “conhece” (“*kenne*”) seus traumas, tanto quanto não os “conhece” (“*kenne*”). Isso porque ele os conhece desde que não os esqueceu, e não os conhece por não estar ciente de sua significação (*Bedeutung*)” (Freud, 1909 ESB, vol. X, p. 172; GW, vol. VII,

p. 418). Sobre esse esquecimento na neurose obsessiva Freud esclarece que “o trauma, em lugar de ser esquecido, é destituído de seu investimento afetivo (*Affektbesetzung*), de modo que, na consciência, nada mais resta senão o seu conteúdo ideativo, o qual é inteiramente desinteressante e considerado sem importância (Freud, 1909, ESB, vol. X, p. 172; GW, vol. VII, p. 417).

Ou seja, Ernst Lanzer conhece aquilo que é recalcado, tanto que exprime que caso não conseguisse evitar sua fantasia, seu pai morreria. Entretanto, esse conhecimento não é completo uma vez que o motivo pelo qual a morte do seu pai se efetivaria está deslocado. Ernst desde criança acreditava, de maneira que passou em automatismo a experimentar sanções, que caso não conseguisse abrir mão do seu desejo, renunciar a ele, seu pai iria morrer. Nessa cena infantil, isso se manifesta da seguinte maneira: se Ernst não tivesse sucesso em evitar fantasiar com mulheres nuas, seu pai morreria. No momento em que a sua crise tem sua erupção o pensamento é diverso, mas de um afeto semelhante: Se ele falhasse em cumprir a ordem do Capitão Nemecek, seu pai sofreria a tortura dos ratos. A semelhança entre as duas cenas é que a presença do sadismo de Ernst está condicionada a uma coerção, isto é, que ele deve cumprir uma ordem, um juramento, um compromisso, seja devolver as 3,80 coroas ao Tenente David, seja evitar de pensar em mulheres nuas. O que muda nos dois tempos é o seguinte: na infância não sabemos ao que o juramento de Ernst está condicionado, só sabemos que ele tem medo de que seus pais conheçam seus pensamentos e que caso não os evite, seu pai morreria. Entretanto, de toda forma a vítima da punição, morte ou tortura seria o seu pai.

O obsessivo efetivamente supõe e adivinha com precisão o que fora recalcado. Isso presume uma situação na qual há um conhecimento ou, na verdade, um reconhecimento do material inconsciente recalcado, uma vez que as representações pouco deslocadas suscitam sempre a dúvida. Entretanto, o que possibilita o sucesso relativo ao recalque do obsessivo é a falta de um afeto coerente com o que é representado na consciência para confirmar aquilo que é adivinhado. Nesse sentido Freud afirma que a dúvida na neurose obsessiva diz respeito a uma dúvida entre amor e ódio, uma dúvida do próprio amor perante a presença do sadismo (Freud 1909, ESB, vol. X, p. 209; GW, vol. VII, p. 457).

Assim, a dúvida, *Zweifel* em alemão que é patente de um duplo, de um *Zwei* (significa dois em português), se manifesta numa atitude ambivalente tal qual foi possível demonstrar anteriormente com relação a *inversão de conteúdo* que integra o destino da *transformação da*

*pulsão em seu contrário*. Ernst ama conscientemente seus objetos, mas há a necessidade de um reconhecimento da presença do seu ódio inconsciente e essa necessidade não implica que Ernst saiba que odeia, uma vez que ele não assume isso, deixando a situação indefinida, marcada pela dúvida, que em última instância é uma dúvida entre seu amor e seu ódio por seus objetos.

Essa observação genérica feita acerca do recalque na neurose obsessiva pode ser traduzida para o contexto de Ernst Lanzer da seguinte forma: Lanzer quando pequeno sofrera uma injunção moral acerca das suas vivências prazerosas. Ele não podia agir de determinada forma, de maneira que essa injunção teve como representante um censor que ocupava a função de interferente. Fora justamente essa interferência que obrigou Lanzer a renunciar a livre fruição de suas vontades. Tal interferência teve como consequência por parte do jovem Ernst uma hostilidade (*inversão de conteúdo*) que posteriormente teve que ser substituída por um sentimento mais aceitável às exigências morais às quais ele passou a ficar submetido (*redirecionamento da pulsão da atividade para passividade e redirecionamento da pulsão contra a própria pessoa*).

Ou seja, Ernst tinha toda razão para achar que seus pais conheciam seus pensamentos erotizados, uma vez que foram justamente eles que forçaram o recalque de seus desejos tornando-os proibidos e se a consequência disso, expressa negativamente, era que ele **não podia** agir de tal forma, ele, conseqüentemente e positivamente, **devia** agir de determinada maneira. O reflexo disso para o adoecimento de Lanzer se deu de forma a encontrar na temida figura do Capitão uma representação que, dada a sua situação já vulnerável, fora suficientemente capaz de embasar os fortes afetos sentidos. Aqui nos referimos à culpa e ao medo sentidos por Ernst que articulados tem origem em uma injunção moral, de um dever imperativo que deve ser cumprido sem barganha e com urgência, pautado num dever tal qual um *müssen*.

Não era à toa que Ernst Lanzer sempre que pensava acerca desses desejos proibidos temia fortemente, desde sua infância, que seu pai morresse e, por conseguinte, devia (*müsste*) fazer de tudo para evitar isso. Tal qual, desde sua infância, era a sua hostilidade que motivava o seu desejo de morte para se livrar do seu pai interferente, o seu dever era erigido na mesma proporção, uma vez que vinha como formação reativa a esse ódio inconsciente vivido indicando um imbrincamente entre desejo e dever.

O recalque obsessivo experimentado por Ernst é um recalque que supõe, que adivinha corretamente. O dever que primeiro é uma ordem autoritária, é transformado pelo obsessivo na dúvida, na dúvida entre amor e ódio. Este primeiro deslocamento se multiplica com a sequência das defesas pulsionais chegando até uma vivência de grande responsabilização e sendo expresso em forma de elipses, de alusão. A dúvida no recalque é também devida ao deslocamento, pois a certeza afetiva não está presente para que seja possível refazer o caminho da confirmação. Assim, permanece a dúvida e a indecisão de escolher a alternativa errada e sofrer as consequências da autoridade, esta sempre presente como representação.

Nesse sentido, não é à toa que Ernst experimenta sintomas como se sentir um criminoso. Ora, não fora justamente seu pai, uma autoridade primeira, que proferizou com relação a se ele seria no futuro um grande homem ou um grande criminoso. Assim, podemos correlacionar outros sintomas vividos por Ernst com os três destinos pulsionais até agora estudados, sintomas estes onde há a presença clara de deslocamentos e são expressos também elipticamente. Ernst conta a Freud da vontade de matar a avó de Gisela que se transforma em vontade de se matar. Conta também as suas extenuantes medidas para ficar menos gordo (*dick*) e dessa forma matar o primo bem querido de Gisela, o primo Richard, ou como era apelidado *Dick*.

No primeiro caso fica claro a *transformação da pulsão em seu contrário*, uma vez que a vontade de matar a vó de Gisela se transforma em vontade de se matar. Também o *redirecionamento da pulsão contra a própria pessoa*, já que o objeto da fúria se torna ele. A parte que cabe ao *recalque* fica novamente relegada ao fato de Ernst saber que odeia e que quer descarregar a sua raiva, mas esse objeto está deslocado. Assim, ele não tem a confirmação afetiva de que realmente quer assassinar aquela que ocupa para ele a posição de interferente. A avó de Gisela representa essa função momentaneamente, porém o real interferente é Heinrich, seu pai, quem sempre foi contra o casamento e desde a sua infância ocupa a posição de interferente, daquele que perturba seu gozo.

Na segunda situação ocorre o mesmo que na primeira, só que com uma diferença. O rival que aparece aqui para obter a atenção de Gisela é Richard. Deslocando para Robert, o irmão mais bem apessoado de Ernst, podemos compreender de que forma este desperta o ciúmes de Ernst, além da atenção reservada por Gisela para seu primo. O resto pode se aplicar da mesma forma, sendo os passeios sem chapéu sob um sol fustigante e outras medidas as quais Ernst se submetia representavam um *redirecionamento da pulsão contra a própria*



*pessoa*, uma vez que ele se torturava para ficar menos *Dick* (sendo este *Dick* ao mesmo tempo de Richard e de *dick*, gordo). Logo, o seu desejado emagrecimento era um deslocamento do ódio contra o primo de Gisela, que era vivenciado a partir de uma *transformação da pulsão em seu contrário*, uma vez que Ernst se martirizava chegando até a sentir o impulso de se jogar de um precipício ao invés de torturar o seu duplo, *dick*. Essa série de deslocamentos em última instância montam o recalque e tem como objetivo uma censura de quem é objeto do ódio de Ernst, o real interferente à sua livre fluência, tal qual sempre foi seu pai com relação a assuntos amorosos.

Deixamos para examinar neste momento outro sintoma vivido por Ernst. Este, experienciado como uma compulsão, era um ritual no qual Ernst proferia a fórmula protetiva GLEJ(I)SAMEN. Esta fórmula era proferida mentalmente por Ernst com o intuito de proteger sua amada dama Gisela contra todo e qualquer mal possível. A necessidade de proteção já torna evidente a presença da transformação em seu contrário como defesa. Freud imediatamente nota que a primeira parte da fórmula é referente ao nome de Gisela e a segunda indica, um amém, isto é, “um assim seja” juntamente com um “s” formando a palavra “Samen”, ou sêmen. Esta fórmula protetiva seria um indicativo de Ernst se masturbando mentalmente, fantasiando, com a imagem da sua amada. Isto é, fica patente também o *redirecionamento da pulsão contra a própria pessoa*. Assim as letras constituintes da fórmula seriam:

GL= *glückliche*, ou G(isela) e L(anzer) *glückliche sein* (serem felizes)

E= *alle* (todos) sejam felizes

J(I)= *jetz, immer* (agora e sempre)

SAMEN= *Samen* (sêmem)

(s+amém). (Freud, 1909, ESB, vol. X, p. 242; Mahony, 1989, p.72).

Nesta fórmula protetiva, Ernst expressava uma reparação. Ele que retomara seu período de masturbação, via nisso uma falta grave, uma ofensa para com Gisela (Freud, 1909, ESB, vol. X, p. 242). Logo, há uma inibição que motiva uma fantasia. Ernst não consuma o ato com Gisela, mas consuma seu casamento, pelo menos mentalmente, fantasiando. Esta fantasia assume elementos matrimoniais, como serem felizes, agora e sempre, amém, porém assume elementos concupisciosos também. Não é à toa que essa fórmula vinha como uma medida de proteção, a qual Ernst se auto-coagia a exprimir, mesmo que mentalmente. A fórmula veio como uma consequência de um ato que devia ser evitado, a masturbação, mas veio também como consequência de um desejo deslocado.

Ernst queria se casar com Gisela e este é um outro indicativo importante do enlaçamento entre seu desejo e seu dever e, também, de que forma estes encontram expressão conjunta em uma possibilidade de sublimar aquilo que é motivo de evitação, puramente impulso, mas que é inerente à sexualidade. Isto porque, sua sexualidade que encontra expressão na masturbação é motivo de reparação, reparação esta que tenta ser feita pela fórmula. Enquanto sintoma, a fórmula passa a ser representante do conflito psíquico, o qual na neurose obsessiva Freud exprime que ocorre entre dois impulsos de força aproximadamente igual (Freud, 1909, ESB, vol. X, p. 169; GW, vol. VII, p. 413). O fim da fórmula era um amém, um assim seja, que unido a um “s” tornara-se sêmem. Esta fórmula não pode ser considerada apenas como uma expressão inibida e posteriormente fantasiada da sexualidade de Ernst vivida como uma compulsão sintomática. Ela deve também indicar um caminho para uma tentativa de sublimação, sublimação está que está a caminho, não sem muito esforço, de algo que pode transformar a baixeza de impulsões mundanas em algo mais elevado, que revela um compromisso de união eterna. Tanto a masturbação mental com a imagem de Gisela, quanto o desejo de casar com ela são dois polos, no qual o primeiro representa um compromisso de união eterna, de um dever e o segundo uma impulsão automática que busca fruição.

Até o presente momento estudamos de que forma os três destinos pulsionais, a *transformação da pulsão em seu contrário*, o *redirecionamento da pulsão contra a própria pessoa* e o *recalque*, se relacionam ao dever a partir das suas formações: *inibição*, *fantasia* e *sintoma*. Em todas as três formações e destinos, o dever se faz presente, seja inibindo o ato para a fantasia através de uma responsabilização, seja permitindo a expressão à consciência de um ódio recalçado através de deslocamentos. Entretanto, o que a fórmula protetiva de Ernst indica, bem como seus outros sintomas, é que, mesmo presente neles essas três defesas contra

a pulsão ela ainda assim não se estabiliza. O que estabiliza a pressão pulsional é o ato, a sua descarga, porém o dever de Ernst restringe radicalmente as possibilidades de descarga pulsional. Seu dever representado sempre por uma coerção dirigida a si próprio encontra expressão em posturas relacionadas a obrigações (expressa por sanções e juramentos), necessidades (de pagar uma dívida que urge por ser quitada) e, finalmente, por compromissos (casar-se com Gisela).

O mesmo Ernst que sentira ódio quando criança e se inibiu posteriormente tendo apenas a fantasia como escape e os sintomas como expressão dos seus desejos, encontrou também nesse momento o compromisso como possibilidade. Dentre ser um grande homem ou um grande criminoso Ernst se comprometera com a primeira opção e para isso evitava o que aludisse a segunda. Assim, seu dever, seu dever de ser um grande homem era também expressão de seu desejo, mas que nem sempre se coadunava com expressões desejosas mais terrenas, daquele que pode pecar e deve pagar por isso. Portanto, a possibilidade de casamento com Gisela deve ser vista como uma possibilidade de amalgamento entre esses dois oposto, de um desejo de fruir e de um dever desejoso.

### 3.4 Dever e sublimação

Ao anunciar em “Pulsões e destinos da pulsão” (1915) os destinos da *transformação em seu contrário* (subdividida em *redirecionamento de uma pulsão da atividade para passividade e inversão de conteúdo*), do *redirecionamento contra a própria pessoa*, do *recalque* e da *sublimação*, Freud preferiu relegar a esse artigo a explicação dos dois primeiros destinos e destinar um artigo específico para tratar do recalque. A questão da sublimação assim ficou em aberto tendo sido tratada espaçadamente durante a sua obra.

Para atingir nosso propósito anunciado anteriormente é preciso agora tratar do destino da sublimação como forma possível de defesa contra a pulsão tendo como base o caso do Homem dos Ratos e tema o dever.

Acredito que tenha sido possível demonstrar, a partir do caso citado e especificamente do exemplo do “Grande medo coercivo”, como esses destinos pulsionais se articulam na defesa contra a pulsão. Enquanto na *transformação em seu contrário* há uma *inibição*, no *redirecionamento dela contra a própria pessoa* tem como resultante a *fantasia* e no *recalque* observamos os *sintomas*. Portanto, nos falta agora analisar a questão da *sublimação*. Sabemos que a sublimação é caracterizada pela dessexualização da pulsão, ou seja, a pulsão que antes percebia em um objeto uma possibilidade de descarga com um fim sexual tem a troca desse objeto por um outro, dessexualizado, tendo como finalidade novamente a descarga, esta fadada sempre a ser incompleta. No que tange aos limites desse trabalho, bem como ocorrera anteriormente com os outros destinos pulsionais, a sublimação será analisada aqui pela ótica do dever e terá como exemplificação o caso do Homem dos Ratos, sem que isso signifique uma pretensão de abarcar todo o tema por demais complexo.

Em o “Eu e o Id” (1923, EPSI, vol. I, p. 41, p. 64 ) Freud afirma que a “conversão de libido objetal em libido narcísica traz consigo uma dessexualização, uma desistência das metas sexuais, portanto, um tipo de sublimação”. Teorizando sobre a importância do Eu nesse processo de sublimação ele segue:

“Lembre-mos que o Eu, lidando com os primeiros investimentos objetais do Id- e aliás, também com outros investimentos que mais tarde o Id venha a fazer nos objetos-, absorve a libido desses investimentos e a enlaça à modificações que por meio da identificação, ele mesmo [o Eu] pôde promover em si. Essa conversão de líbio erótica em libido do Eu implica, naturalmente, o abandono das metas sexuais e, assim, uma dessexualização” (Freud, 1923, EPSI, vol. I, p. 54).

Para entendermos o papel da sublimação como defesa contra pulsão precisamos nos debruçar sobre questões vitais do desenvolvimento do Eu, tais quais a identificação e as primeiras escolhas objetais, bem como o complexo de Édipo e o Supereu. Isso ocorre, pois Freud localiza na primeira identificação a possibilidade de uma consubstanciação do Eu, ainda fraco nesse momento inicial. Essa identificação inicial pautará as escolhas objetais tendo reflexo na estruturação da dinâmica do complexo de Édipo e conseqüentemente no

estabelecimento do Supereu. Ou seja, o Supereu “se originou, conforme já sabemos, de uma identificação com o modelo do pai. Uma identificação desse tipo sempre se caracteriza por uma dessexualização ou mesmo uma sublimação.”(Freud 1923, EPSI, vol. I, p. 63)

Portanto essa primeira identificação ocorreu como possibilidade de um abandono dos primeiros investimentos objetais. Dessa forma a partir da identificação, o Eu se modificou se fortalecendo e tornando-se capaz de definir novos destinos à pulsão, dentre eles a sublimação. Essa identificação, agora já transformada em Supereu:

“não é apenas um resíduo das primeiras escolhas objetais do Id; ele representa também uma energética formação reativa contra essas escolhas. Sua relação com o Eu não se esgota na advertência: “Você deve (*solltest*) ser assim (como seu pai)”, mas engloba também a proibição: “Você não pode (*darfst nicht*) ser assim (como seu pai); isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz, algumas coisas permanecem prerrogativas dele”. Essa dupla face do Ideal-do-Eu deriva do fato de ele ter sido mobilizado para ajudar no processo de recalque do complexo de Édipo.”(Freud 1923, EPSI, vol. I, p. 44).

Essa ideia é arrematada por Freud ao afirmar que como a criança que já esteve sob a imposição, coerção (*Zwang*), o Eu maduro tem de submeter-se ao imperativo categórico do Supereu (Freud, 1923, EPSI, vol. I, p. 57). O detalhismo de Freud nos permitiu perseguir o fio condutor a partir das primeiras escolhas objetais até a formação de um Supereu coercivo. Esse percurso só foi possibilitado, pois no princípio houve uma sublimação que fortaleceu o Eu a partir da identificação. A transformação dessa identificação em Supereu é reflexo do complexo de Édipo e essa modificação só houve pois o Supereu, mantendo o caráter dessa sublimação, exerce uma energética formação reativa contra as escolhas objetais do Id a partir de uma coerção do Eu, “você deve”, ou o seu aspecto negativo, “você não pode”.

Nesse sentido, o trabalho de sublimação por parte do Eu nada mais é do que uma necessidade de agradar tanto as exigências morais do Supereu quanto as necessidades desejosas de descarga do Id. Se o Supereu obriga que a sublimação ocorra, o Id urge, necessita sem barganha pela descarga pulsional. Essa diferenciação semântica é importante

pois, ela revela duas formas pelas quais o Eu é coagido. Pelo Supereu, ele é coagido tal qual o imperativo categórico, ou seja, “você deve (*solltest*)” ou seu negativo “você não pode (*darfst nicht*)”. Essa vivência coercitiva carregada de obrigatoriedades morais, idealizadas, contrasta com a coação imposta pelo Id, uma vez que esta é de uma urgência por consecução. Aqui o Eu também deve fazer algo, mas deve (*müssen*) de maneira intransigente, tal qual uma necessidade, algo interno que precisa do apazaguimento que só a suspensão da tensão gerada pela necessidade irá causar.

O Supereu que fora uma diferenciação do Id e retira sua potência dessa mesma fonte surge como uma formação reativa aos anseios do Id. Lembramos que a sublimação além de significar a troca de um objeto sexual por um não sexual, também significa um salto, a passagem de alguma substância do estado sólido para o gasoso. O Supereu surge nesse sentido, como uma sublimação dos anseios libidinosos do Id de maneira que o dever característico do Id, símbolo de uma necessidade por descarga, ou seja, um *müssen*, uma urgência, ao ser sublimado em algo moral passa a funcionar como uma obrigação, igualmente coercitiva, mas de aspecto sublime, valorizando aquilo que deve ser socialmente respeitado e admirado em prol do bem comum. É nesse sentido que o Supereu surge como uma formação reativa aos anseios do Id. A pura descarga é o desconhecimento do outro, do bem comum. O individualismo e o egoísmo do Id tem no Supereu o antídoto necessário à vida compartilhada.

Freud (1923, EPSI, vol. I, p.48) usa um símile para simbolizar essa batalha. O quadro de Kaulbach que retrata a batalha do hunos. A batalha que era travada pelo Eu e o Id para que a descarga pulsional ocorresse, com a gênese do Supereu, passa a ser travada em um nível mais elevado. Questões morais de bem e mal, certo e errado passam a ser centrais, mas no fundo a batalha é a mesma. O Eu, representante do Id para o mundo externo está coagido por suas exigências internas proveniente do Id e é coagido da mesma forma por exigência que soam como externas vindas do Supereu. Esse duplo dever ao qual o Eu está submetido justifica a frase de Freud de que ele é um servo de três senhores, o mundo externo, as impulsões do Id e a severidade do Supereu (Freud, 1923, ESPI, vol. III, p. 63).

Essa experiência em sua exacerbação é justamente a vivida pelo obsessivo. No caso de Lanzer podemos percebê-lo encurralado entre exigências aparentemente internas e externas que muitas vezes se confundem. Ele deve formar-se para poder se casar. É isso o que é expresso em forma de imperativo. Entretanto ele adia o arremate desse processo enquanto pode. A solução encontrada é casar-se, mas não com a pessoa de agrado aos seus pais. Ele

escolhe Gisela Adler, sua amada dama, cuja alcunha soa como algo estranho. Gisela não pode ter filhos, é manca e não tem um vintém. Como se não quisesse repetir a história de seus pais, Ernst não casa com a jovem que pode lhe garantir um futuro tranquilo, de paz e fruição das benesses provenientes de um casamento arranjado. Como que uma penitência escolhe Gisele, um símbolo da sua batalha entre o que deve ser feito, o que é certo, e até soa para ele como sua vontade, e do que ele necessita, do que ele urge. Essa escolha soa como uma solução de compromisso entre aquilo desejado como o ideal pelos seus pais, o casamento com a parente rica, e o seu desejo de livre fruição, de consecução dos prazeres, tal qual fizera com raridade em algumas viagens onde conhecera jovens com as quais teve relações sexuais.

Gisela como solução desse impasse parece mais como uma sublimação mal feita, onde o objeto é trocado, da parente rica ou das jovens com quem praticou sexo com facilidade para Gisela há uma tentativa de amalgamento, mas o conflito remanesce apenas com um aspecto mais elevado. É uma escolha que desagrade seus pais, mas agrada parcialmente o ideal paterno, afinal Gisela é também da família e possui valores morais admiráveis. O mesmo ocorre com suas impulsões. A postura ambivalente de Gisela incita Ernst tanto moralmente como sexualmente de maneira que a indefinição da relação dos dois se torna um símbolo dessa solução de compromisso.

Há uma sublimação, ou seja dessexualização já em processo a qual Ernst inconscientemente tenta por em vigor a duras penas. Ele quer se casar, justamente com uma mulher que (conscientemente) não lhe incita sexualmente e que não pode ter filhos. Trava uma dura batalha para conseguir se formar, alcançar um ideal onde títulos e a posição social é importante. Ao tentar transformar sua vida em uma obra, Ernst se perde diversas vezes, tanto que procura Freud. Angustiado e com medo do porvir, Ernst, que significa sério em alemão, busca construir um destino que muitas vezes parece determinado pela sua história. Suas repetições precisam de uma solução nova que as outras defesas contra a pulsão não foram capazes de criar. Sabemos que a satisfação pulsional completa, mesmo via sublimação, é sempre impossível, imparcial. Embora tendo um fim trágico ao ser capturado pelos russos durante a primeira guerra mundial, Ernst, que desaparecera do consultório de Freud sete anos antes, consegue construir, dar um aspecto de materialidade às suas fantasias. Se casa finalmente com Gisela, em 1910 e em 1913 finalmente assume o posto de advogado no escritório do Dr. Heller.

O Dr. Lanzer finalmente passara ao mundo dos adultos, ele trabalhara, amara e gozara a vida. Sua batalha não terminara, uma vez que passou por vários escritórios e seu romance idealizado com Gisela tornou-se um casamento, com o peso que a vida compartilhada torna inerente. O trágico é que esta batalha tem seu fim justamente em uma guerra. Capturado pelos russos na primeira guerra mundial, provavelmente, tivera um fim que o lembrou o “Grande medo coercivo” sofrendo torturas, sendo responsabilizado por crimes que não cometera e pagando com a morte pelo seu cumprimento do dever.

Neste capítulo que se encerra foi feita uma tentativa de análise pulsional acerca de “O grande medo coercivo”. Este ocorre quando, após ouvir um dever enunciado pelo Capitão Nemecek, Ernst Lanzer passa a experimentar uma forte crise obsessiva. Os destinos pulsionais analisados tiveram como representantes o destino da transformação da pulsão em seu contrário, do redirecionamento desta contra a própria pessoa, do recalque e finalmente da sublimação. A inibição experimentada pelo Homem dos Ratos como reflexo a uma hostilidade sentida e expressa de forma a inverter o que fora enunciado pelo seu superior, isto é, um dever, teve como possibilidade na virtualização característica da fantasia um primeiro escape para a pressão pulsional. A fantasia de tortura experimentada como oposto ao dever enunciado pelo Capitão fora invertida para que, posteriormente, houvesse novamente uma positivação do dever expresso de maneira a especificá-lo ainda mais. O dever enunciado em forma de dívida se tornou uma missão que deve ser cumprida a todo custo. Essa vivência da grande responsabilização sentida por parte do Homem dos Ratos encontra expressão em diversas formas sintomáticas que lhe valeram a sua alcunha.

Assim, de um dever enunciado por um superior para um dever metabolizado pela realidade psíquica do Homem dos Ratos há uma série de transformações (ex. de uma dívida monetária à uma missão a ser cumprida) que são acompanhadas por transformações pulsionais, como pôde ser verificado a partir dos destinos pulsionais, de maneira a estes deveres serem expressos deslocadamente a partir da fala e do pensamento relatados pelo Homem dos Ratos à Freud. Quanto a sublimação, só é possível intuí-la como uma tentativa a partir de um processo de grande esforço e sofrimento no qual o Homem dos Ratos em prol dos seus ideais, daquilo que parece ser o que se tem de mais bem querido, se engaja mesmo nem sempre estando consciente disso.



## CONCLUSÃO

A tentativa de análise pulsional que terminou de ser feita teve como objeto “O grande medo coercivo”. Suas limitações que já iniciam pelo objetivo, investigar de que forma o dever se correlaciona com as vivências obsessivas do Homem dos Ratos, tem na situação específica a desvantagem de ser um recorte da vida relacional do paciente, mas por outro lado pode ser também considerada uma situação exemplar na medida em que a exarcebação do sofrimento experienciado por Ernst só pode ser justificado por outras vivências relevantes. Isto posto, acredito que tenha sido possível demonstrar de que forma o dever e a coerção são relevantes para uma tentativa de compreensão das vivências obsessivas relatadas por Freud em seu caso clínico.

Primeiro, buscou-se esclarecer de que maneira o termo cunhado por Freud, *Zwangsneurose*, se correlaciona com a tradução para o português de neurose obsessiva. Com base nas observação de diversos autores como Souza (2010), Hans (2004), Laplanche & Pontalis (1983) foi determinado que o ponto de consenso acerca da tradução de *Zwang* para o português seria a palavra coerção ou coação. Muito embora a pretensão do presente trabalho não seja da ordem de tradução, observou-se no termo coerção o correlativo mais fiável para o português do termo alemão *Zwang*. Não obstante, a tradução já consagrada para neurose obsessiva ou neurose obsessiva-compulsiva tem a vantagem de enfatizar palavras corriqueiras do vocabulário português, como obsessão e compulsão, facilitando a aceção do termo. Entretanto, a mesma linha de raciocínio não pode ser aplicada a síndrome conhecida como Transtorno Obsessivo-Compulsivo. Nesta síndrome, a obsessão e a compulsão são elevadas ao grau de entidades nosológicas de forma que a pretensa precisão nominalista cria um grande abismo entre o que é a obsessão e a compulsão investigadas como signo clínico psiquiátrico e a obsessão e a compulsão que fazem parte do vocabulário do dia-dia.

Uma outra diferenciação inerente à forma nosológica de entender o Transtorno Obsessivo-Compulsivo e à compreensão psicanalítica de neurose obsessiva é que enquanto o primeiro restringe o fenômeno de maneira a compreender uma entidade clínica como algo relativo à presença de determinados tipos de sinais e sintomas que agrupados são um forte indicativo de adoecimento e, dessa forma, excluem todos os outros fenômenos que não se

encaixem nesses critérios, o segundo é pautado pelo estudo sistemático das vivências humanas, tendo o sofrer como uma de suas possibilidades, e justamente por isso engloba uma série de fenômenos corriqueiros, do dia-dia, que não podem ser delimitados como signo nosológico. Um exemplo claro é o encontro entre Ernst Lanzer e um proeminente médico da época vencedor do Nobel, Wagner-Jauregg. Ao contar ao médico sua necessidade em prestar exames mais cedo ouviu em tom aprovatório: “Que obsessão salutar!”. Tempos depois ao consultar Freud, Ernst defendeu que nenhum comportamento desse tipo poderia ser salutar (Mahony, 1991, p. 28).

A neurose obsessiva trata portanto de um campo muito maior do que aquele abarcado pelo Transtorno Obsessivo-Compulsivo. É um jeito de ser, passível de sofrimento, mas que não é exaurido pela presença de dois signos clínicos. Nesse sentido, a coerção e, principalmente, o autocoagir-se são de fundamental importância para buscar um entendimento sobre a neurose obsessiva. A coerção e a autocoerção são comportamentos e, portanto, se manifestam em atos. Esses atos se manifestam em vivências relacionadas à moral, à obrigação, à necessidade, ao compromisso de maneira que são representativas de uma categoria maior, do dever. Assim, o dever, muitas vezes representado nas experiências obsessivas de Ernst Lanzer pela coerção, se justificou como categoria privilegiada para ser investigado no caso clínico do Homem dos Ratos e, conseqüentemente, na forma pela qual a neurose obsessiva é apresentada neste caso.

Para investigar como o dever fora tratado no caso, primeiro buscou-se evidenciar a sua presença no contexto relacional do Homem dos Ratos. Já nas suas vivências infantis carregadas de prazer o dever aparece como uma limitação. Ernst que fruía do prazer escotofílico observando mulheres nuas sente medo que seus pais conheçam seus pensamentos, isto é, aqui o medo é reflexo de uma proibição. Esta proibição, um não pode, é indicativo de um dever, de uma obrigação de se comportar de determinada forma uma vez que a sua falta implicaria conseqüências motivando medo no jovem. Ao profetizar com relação ao futuro de seu filho, Heinrich implica Ernst em um complexo ato simbólico. Irritado com seu pai Ernst o insulta, Heinrich assustado com a reação do garoto profetiza: “o menino ou vai ser um grande homem ou um grande criminoso”. Ernst, então, se compromete com a primeira parte da profecia de tal forma que se acovarda, uma vez que abriria mão de qualquer vantagem ou impulsão que pudesse lhe encaminhar na direção contrária a ser um grande homem.

O dever aqui está presente na sua plenitude. Há um código moral a ser seguido de maneira a evitar ser um criminoso. Se o dever limita Ernst de maneira a não agir de tal forma, ele limita também a outra extremidade, pois Ernst deve agir de determinada maneira para ser um grande homem. De fato Ernst deve ser tudo o que não é e é exatamente essa negatividade inerente ao dever que torna impossível sua estabilização. Assim, ele deve ser responsável com seus estudos, deve se tornar um Doutor em Jurisprudência, deve casar-se. Enfim, Ernst deve muito e não é à toa que “O grande medo coercivo” tem uma dívida como tema.

Essa situação, o ápice da crise obsessiva do Homem dos Ratos, tem como gatilho a enunciação de uma dívida. Muito embora o enunciado não correspondesse aos fatos, os quais Ernst estava a par, ele se coagiu a cumprir com o dever expresso pelo Capitão Nemecek cruel e autoritário que motivava medo nele. O dever expresso como uma obrigação moral pelo Capitão é entendido pelo Homem dos Ratos como uma necessidade que urge ser cumprida em forma de ordem. Essa urgência é o que caracteriza, o que torna tão caricatural a neurose obsessiva do Homem dos Ratos. Por mais absurdo que sejam os deveres aos quais ele se coage ele deve cumpri-los. É uma urgência categórica, a qual exige de Ernst (sério em alemão) uma seriedade incompatível com as medidas absurdas impostas por ele a si mesmo. Desta forma, Ernst regride de homem a rato, de moral a necessário à medida que regride também pulsionalmente.

Dentre um dever moral, tal qual uma obrigação e um dever urgente, tal qual uma necessidade, a coerção que Ernst se autoimpunha era característica da segunda. Isso porque, o constrangimento necessário para motivar essa coerção não era mais necessariamente uma fonte externa tal qual uma autoridade. Um simulacro onde dever e culpa se misturavam pressionando o psiquismo de Ernst estava montado. A dívida enunciada pelo Capitão Nemecek reverberou em Ernst de maneira a seus objetos de amor, seu pai e sua namorada, sofrerem estranhamente uma tortura virtualizada por ele. Esta fantasia, da qual Ernst tenta se eximir da responsabilidade dizendo que era praticada de forma impessoal, era denunciada para si mesmo pelo estranhamento sentido.

O processo defensivo ao qual Ernst estava submetido o impedia de reconhecer o desejo por trás da fantasia de tortura que era aplicada. Entretanto, se este processo de defesa era eficaz deslocando a representação, uma vez que Ernst não se reconhecia como agente da tortura, o mesmo não aconteceu com o afeto. Ernst sentira-se culpado e fora exatamente esta culpa que potencializara seu dever. Dessa forma, Ernst se coagia a cumprir o dever expresso

pelo Capitão como se este fosse o cerne da questão, enquanto, na verdade, sua culpa só era justificada por um desejo parricida subjacente, de se livrar da interferência paterna presente desde de sua juventude.

Se na vida relacional de Ernst seu dever se expressava por um dever ser, um dever de ser um grande homem formando-se, colecionando títulos, casando-se, em “O grande medo coercivo” a dívida a qual Ernst se coagia a pagar era simbólica também desse mesmo dever ser, que se expressou de formas muitas vezes absurdas, tais quais proteger seus objetos ainda que a temida tortura fosse inflingida apenas virtualmente e por ele mesmo. Assim, a vida de Ernst, sempre controlada pelo dever, após o episódio de “O grande medo coercivo” passa a ser patente da primazia do dever de uma maneira radical.

A tentativa de utilização do conceito linguístico de modalidade neste trabalho se deu justamente pela opção feita de investigar a relevância do dever para a compreensão do caso do Homem dos Ratos. Se é notório que o dever controlava a vida do Homem dos Ratos, no conceito linguístico de modalidade, aplicado também na análise do discurso, o dever enquanto verbo modal exerce uma lógica de controle sobre um dito proposicional, o qual é representativo de um estado ou uma ação. Isto é, o verbo modal e por consequência o dever exerce o controle sobre a ação praticada ou o estado experienciado nas situações onde são enunciados.

Se o conceito clássico de modalidade é de que esta diz respeito a opiniões ou atitudes de falantes acerca do que é dito e que estas atitudes e opiniões são exemplificadas pela modalidade deôntica, na qual um falante está moralmente comprometido com o que é dito, e pela modalidade epistêmica, onde há um compromisso sobre a veracidade do que é dito, então fica mais fácil entender o conceito de modalidade como algo que envolve também um compromisso.

O compromisso, por sua vez, implica necessariamente em uma promessa. É esta promessa levada às últimas consequências que sustenta o dever. A enunciação de uma dívida impossível de ser paga desconcerta Ernst de maneira que seu sofrimento ficar insuportável. Esta dívida é simbólica de um dever, mas antes de tudo é simbólica de uma promessa. Ao ouvir que seria um grande homem ou um grande criminoso o destino que o Homem dos Ratos seguiu é patente de que ele prometera não ser um criminoso e sim um grande homem. Assim é necessário que se perceba nessa profecia uma promessa implícita feita por Ernst Lanzer de maneira a sustentar seu dever ser, dever de ser um grande homem.

É justamente este dever exarcebado que o inibe. Sob a ótica dos destinos pulsionais observa-se na inversão de conteúdo, parte constituinte do destino de transformação da pulsão em seu contrário, uma inibição. Ernst se inibe após reagir automaticamente a ordem do Capitão, pois a sua impulsão não pode vir à tona. A transformação da pulsão em seu contrário, primeiro a partir de uma inversão de conteúdo da ordem do Capitão, denota um ódio subjacente por parte de Ernst. O dever que fora expresso é negatizado, substituído por um não de maneira que esta atitude ativa ganha um aspecto de passividade. A inibição do ato devido ao impulso hostil que é impedido de chegar à consciência e obter a descarga pulsional tem como consequência uma virtualização, isto é, a emersão da fantasia na qual seus objetos amados conscientemente são vítimas de tortura. Devido a inibição, esta descarga pulsional só pode ser realizada de maneira virtual pela fantasia implicando um redirecionamento da pulsão contra a própria pessoa.

Logo, há a necessidade de uma complexificação das defesas pulsionais. A pulsão que foi inibida e teve como única via de expressão a fantasia por meio de uma virtualização implica a partir dessa transformação um redirecionamento da pulsão não só da atividade para a passividade, como também um redirecionamento dela contra a própria pessoa. Assim, essa complexificação seria relativa à necessidade do Eu se colocar também na posição de objeto. O resultado disso, da necessidade de intercâmbio entre Eu e objeto por parte do Eu implicaria necessariamente em uma responsabilização, de maneira que o Eu passaria a poder ocupar dois lugares, se tratando tanto como agente, como objeto de seus atos.

A demonstração de que há uma complexificação e complementariedade entre os destinos da transformação da pulsão em seu contrário e o seu redirecionamento contra a própria pessoa tem relevância vez que mostra claramente a necessidade de um desenvolvimento psíquico no qual o Eu se reconheça, reconheça o outro, se coloque no lugar desse outro e responda por esse lugar. A responsabilização inerente a esse processo, ou seja, o comprometimento do Eu com o outro e consigo mesmo exige como aparato uma ferramenta que dê conta dessa demanda. Essa ferramenta é a linguagem, onde sujeitos e objetos são intercambiáveis, e neste caso em específico estudado no presente trabalho, a noção internalizada de dever é que cumpre esta tarefa.

Para Freud, estas duas defesas contra a pulsão, a transformação no contrário e o redirecionamento da pulsão contra a própria, são anteriores logicamente que o recalque. O que foi objeto de demonstração do presente trabalho é de que forma há uma evolução dessas

defesas resultando na formação sintomática, característica do recalque. A evolução defensiva observada sob a ótica dos destinos pulsionais teve o dever como enfoque principal. Desta forma, foi possível apontar de que maneira os deslocamentos defensivos do conteúdo manifesto por Ernst eram indicativos também da primazia de um dever subjacente, isto é, a necessidade de deixar fora da consciência seu ódio subjacente pelos seus objetos de amor consciente. Assim, esses deslocamentos tinham como resultado por parte de Ernst uma sensação de estranhamento com relação ao conteúdo representado conscientemente. O estranhamento implicava um reconhecimento da representação como plausível, mas sem a confirmação afetiva complementar. Portanto, o recalque obsessivo seria representado na vida mental por uma suposição, na qual a falta de confirmação afetiva tinha como produto as intermináveis dúvidas experimentadas por Ernst. Outro produto desse processo defensivo seria a presença de elipses na linguagem expressa pelo obsessivo marcada notadamente por um estilo alusivo.

Como única arma contra a batalha já instalada pelo conflito psíquico, a sublimação como defesa contra a pulsão passa a ser a grande aliada do Eu. No caso de Ernst, seu Eu encurralado entre as exigências morais superegóicas e as exigências de descarga não menos coercitivas por parte do Id busca uma solução para o conflito instalado. Esta solução, formar-se, obter seu título de doutor em jurisprudência e, finalmente, casar-se com Gisela soou mais como uma solução de compromisso. Gisela possuía características que agradavam parcialmente as duas forças coercitivas, Supereu e Id, de maneira que a sua escolha como objeto de amor poderia se encaminhar para um desfecho que apaziguasse o conflito. Este conflito mostra de que forma, no psiquismo de Ernst, dever e desejo estão claramente enlaçados. Se Ernst desde criança inibira suas impulsões em prol do dever tendo na virtualidade uma possibilidade para o gozo almejado, sua tentativa de dar um aspecto sublimado a sua vida tem o mesmo caráter. Ser um grande homem é a sua missão final, seu dever e seu gozo. Ele alcança parcialmente este ideal ao entrar no mundo dos adultos, casando-se e terminando seus estudos depois de muito esforço.

Entretanto, como uma irônia do destino, Ernst que estava amando e trabalhando é convocado para a primeira guerra mundial. Nesta, ele é capturado pelos russos e como uma trágica irônia do destino é morto vivendo momentos que devem ter lembrado “O grande medo coercivo”. O Capitão que lhe contou a terrível tortura dos ratos era de nome eslavo (portanto russo) e qual destino tem um prisioneiro de guerra se não as terríveis torturas que são praticadas frutos de um sadismo permitido pelas circunstâncias da situação.

Tudo leva a crer que a cura do Homem dos Ratos, proclamada por Freud, sob a ótica do dever possa ser relativizada. Ganhos importantes ocorreram após o tratamento, mas o fato é que a potência desse dever, de um dever pulsional justamente por, tal qual é exemplificado pela análise pulsional do Homem dos Ratos acerca de “O grande medo coercivo”, estar enlaçado ao desejo de Ernst, ao seu desejo/dever de ser um grande homem esteve presente até sua captura na guerra pelos russos, na qual sua fantasia virou realidade. Nesta, o retorno da pulsão contra Ernst ganhou a vivência de realidade, uma vez que ele sofrera a partir de atos reais. Seu maior reflexo sintomático como produto do recalque, o medo, da mesma forma virou realidade. Todo esse processo movido pelo ódio, que na guerra não precisa ser inibido ou invertido ao seu contrário, fez com que Ernst Lanzer tenha tido um fim que mal podemos imaginar, mas que com toda certeza fez da realidade similar aos seus piores pesadelos.

## REFERÊNCIAS CITADAS

Bascelli, E. & Barbieri, M. (2002). Italian children's understanding of the epistemic and deontic modal verbs *dovere* (must) and *potere* (may). *Journal of Child language*, 29, 87-107  
In: Cambridge University Press.

Cervoni, J. (1989) As modalidades. In: A enunciação. Trad: L. Garcia dos Santos. São Paulo: Ática, p.53-83.

Duden, (2001) *Das Herkunftswörterbuch: Etymologie der deutschen Sprache*. Mannheim: Dudenverlag.

Duden, (2009) *Die Grammatik: Unentbehrlich für richtiges Deutsch*. Mannheim: Dudenverlag.

Dunker, C. & Kyrillos Neto, F. A crítica psicanalítica do DSM-IV: breve história do casamento psicopatológico entre psicanálise e psiquiatria. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*

[online]. 2011, vol.14, n.4 [cited 2013-06-06], pp. 611-626 .

Availablefrom:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141547142011000](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141547142011000400003&lng=en&nrm=iso)

400003&lng=en&nrm=iso>.ISSN14154714. [http://dx.doi.org/10.1590/S14154714201100040](http://dx.doi.org/10.1590/S141547142011000400003)

[0003](http://dx.doi.org/10.1590/S141547142011000400003).

Depraetere, I. & Susan Reed, S. (2006). Mood and Modalitit in English. In Aarts, B. & McMahon, A. (Orgs), *The Handbook of English Linguistics* (pp. 269-290). Oxford: Blackwell Publishing Ltd.

Ferrater Mora, J. (2001). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Edições Loyola.

Freud, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Edição standard brasileira das obras, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.



- \_\_\_\_\_ (1908). *Caráter e erotismo anal*. Edição standard brasileira das obras, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_ (1909). *Notas sobre um caso de neurose obsessiva: O homem dos ratos*. Edição standard brasileira das obras, vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_ (1909). *Bemerkungen über einen Fall von Zwangsneurose*. Gesamelt Werke, vol. VII. Leipzig e Viena: Deuticke.
- \_\_\_\_\_ (1913). *Disposição à neurose obsessiva: Uma Contribuição ao Problema da Escolha da Neurose*. Edição standard brasileira das obras, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_ (1915). *As pulsões e seus destinos*. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- \_\_\_\_\_ (1915). *O recalque*. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- \_\_\_\_\_ (1915). *Totem e Tabu*. Edição standard brasileira das obras, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_ (1915). *Totem und Tabu*. Gesamelt Werke, vol. IX. Leipzig e Viena: Deuticke.
- \_\_\_\_\_ (1915). *O Inconsciente*. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- \_\_\_\_\_ (1917). *As Transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal*. Edição standard brasileira das obras, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- \_\_\_\_\_ (1919). *Prefácio à Ritual: Estudos psicanalíticos de Reik*. Edição standard brasileira

das obras, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1923). *O Eu e o Id*. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

\_\_\_\_\_ (1938). *Esboço de Psicanálise*. Edição standard brasileira das obras, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

\_\_\_\_\_ (1938). *Abriss der Psychoanalyse*. Gesamelt Werke, vol. XVII. Leipzig e Viena: Deuticke.

Fontanille, J. (2007). *Semiótica do discurso*. São Paulo. Editora contexto.

Greimas, A. & Fontanille, J. (1993). *Semiótica das paixões*. São Paulo. Editora Ática

Heimann, P. (1962). *Notes on the Anal Stage*. Int. J. Psycho-Anal., 43:406-414.

Houaiss. (2001). *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: objetiva.

Kant, I. (1786). *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70, 2005.

Jones, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. vol. 2. Rio de Janeiro: Imago.

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1983) *Vocabulário de psicanálise*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

Logos. (1989). *Logos: Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*. Lisboa/ São Paulo: Editorial Verbo.

Lyons, J. (1977) *Semantics*. Melbourne: Cambridge University Press.

Mahony, P. (1991) *Freud e o Homem dos Ratos*. São Paulo: Escuta, 1991.

Manoni, O. (1979). *El “Hombre de las Ratas”*. Em: *Los casos de Sigmund Freud: El Hombre de las Ratas*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.

Massota, O. (1979). *Consideraciones sobre el padre en “El Hombre de las Ratas”*. Em: *Los casos de Sigmund Freud: El Hombre de las Ratas*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.

Martins, F. (2002). *O Complexo de Édipo*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

\_\_\_\_\_ (2003) *Promessa e psicoterapia*. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 9, n. 13, p. 67-75, jun. 2003.

\_\_\_\_\_ (2003) *Psicopatologia II: Semiologia Clínica*. Brasília: ABRAFIPP

Narrog, H. (2005) *On defining modality again*. *Language Sciences* 27. p.165–192

Palmer, F. (1986) *Mood and Modality*. Melbourne: Cambridge University Press.

Roudge, A. (1998) *Pulsão e Linguagem: Esboço de uma concepção psicanalítica do ato*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.

Santos, M. (2008). *Modalidade epistêmica e evidencialidade: um exercício de análise funcionalista em textos acadêmicos e em entrevistas com pesquisadores*, Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual de Maringá.

Souza, P.C. (2010) *As Palavras de Freud: o vocabulário de Freud e suas versões*. São Paulo, Segunda Edição: Companhia das Letras.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Abraham, K. (1923). *Contributions to the Theory of the Anal Character*. Int. J. Psycho-Anal., 4:400-418.
- Anzieu, D. (1989). *A auto-análise de Freud e a descoberta da psicanálise*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.
- Barros, R. (2012). *Compulsões e Obsessões: uma neurose do futuro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bergeret, J. (2006). *Psicopatologia: Teoria e Clínica*. 9 edição. Porto Alegre: Artmed.
- Deleuze, G. (1998). *Lógica do sentido*. 4 edição. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Ey, H. (1981). *Manual de Psiquiatria*. 5 edição. Rio de Janeiro: Editora Masson do Brasil.
- Gazzola, L.(2002). *Estratégias na neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Green, A. (2008). *Orientações para uma análise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago.
- Jakobson, R. (1971) *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- Litowitz, B.E. (2002). *Sexuality and Textuality*. J. Amer. Psychoanal. Assn., 50:171-198.
- Martins, F.(1991) *O nome próprio: da Gênese do Eu ao reconhecimento do outro*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- \_\_\_\_\_ (2005). *Psicopatologia I: Prolegômenos*. Belo Horizonte: Editora PUC MINAS.
- \_\_\_\_\_ (2007). *O aparentar, o dever, o pensar e o devir: ensaios analítico-existenciais sobre figuras exemplares do cinema e da literatura*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Nasio, J. -D. (1997) *Lições sobre os 7 conceitos fundamentais em psicanálise*: Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Weizsäcker, V. (1962). *El círculo de la forma (Der Gestaltkreis): Teoría de la unidad de percepción y movimiento*. Madrid: Ediciones Morata.

Weizsäcker, V. (2008). *Warum wird man krank: ein Lesebuch*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.